

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

RAQUEL MENDES BORGES

PROVIDÊNCIA DIVINA EM TOMÁS DE AQUINO

A PARTIR DE ISAÍAS 40

GOIÂNIA

2021

RAQUEL MENDES BORGES

PROVIDÊNCIA DIVINA EM TOMÁS DE AQUINO

A PARTIR DE ISAÍAS 40

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – Doutorado – da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para defesa de Doutorado em Ciências da Religião – Área de Concentração: Religião, Cultura e Sociedade; linha de pesquisa: Religião e Literatura Sagrada.

Orientador: Prof. Dr. Valmor da Silva

GOIÂNIA

2021

B732p Borges, Raquel Mendes

Providência Divina em Tomás de Aquino a partir de
Isaías 40 / Raquel Mendes Borges.-- Goiânia 2021.

135 f.;

Texto em português com resumo em inglês.

Tese (doutorado) -- Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades,
Goiânia, 2021

Inclui referências, f. 112-119

1. Bíblia. - A.T. - Isaías . 2. Providência divina.
3. Criação. 4. Poder (Teologia cristã). 5. Esperança.
6. Perfeição. I.Silva, Valmor da. II.Pontifícia Universidade Católica



PROVIDÊNCIA DIVINA EM TOMÁS DE AQUINO A PARTIR DE ISAÍAS 40

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 31 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás

Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi / PUCPR

Prof. Dr. Sergio de Souza Salles / UCP

Profa. Dra. Rosemary Francisca Neves Silva / PUC Goiás

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás

Prof. Dr. Joel Antônio Ferreira / PUC Goiás

Prof. Dr. Ildo Perondi / PUCPR

Dedico este trabalho à minha mãe Maria Terezinha Soares Borges e ao meu saudoso pai

Nilton Mendes Borges (*in memoriam*).

Aos meus irmãos, irmã, minhas cunhadas e sobrinhos.

Aos amigos e colegas de trabalho.

Louvo a Deus pela vida e por ter me providenciado graça de começar e concluir este estudo.

À *Adveniat* pela bolsa de estudos e incentivo na pesquisa apoiando-me integralmente com vivo interesse na pessoa do senhor Norbert Bolte.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

À secretaria do Programa com toda sua dedicação e excelência em atendimento.

À minha família por suportar minha ausência neste tempo.

Aos amigos que em tudo me apoiam e favorecem meus estudos.

Ao Prof. Sergio Salles e Pe. Titus pela presença amiga, pela partilha de seu conhecimento e atenção tão fraterna neste percurso.

Aos professores que compõem a banca examinadora: Luiz Alexandre, Rosemary Francisca, Sergio e Eduardo Gusmão que com tanta atenção dispõem de seus conhecimentos para colaborar na minha pesquisa.

Em especial agradeço ao Professor Dr. Valmor da Silva que ao longo destes anos tem me orientado com paciência, dedicação e compromisso e ainda favoreceu que nos momentos mais árduos e tortuosos encontrasse acolhida e compressão.

RESUMO

BORGES, Raquel Mendes. *Providência divina em Tomás de Aquino a partir de Isaías 40*. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC Goiás, Goiânia, 2021.

Esta tese analisa Isaías 40 e o comentário de Tomás de Aquino ao mesmo texto, com destaque para o conceito teológico e filosófico de providência divina. O primeiro capítulo faz a exegese do texto bíblico. O segundo apresenta o comentário de Tomás de Aquino ao mesmo texto. E o terceiro relaciona o pensamento do profeta com o do teólogo, em torno ao tema da providência. Para a análise comparativa entre Isaías e Tomás, com suas semelhanças e diferenças, há uma pergunta norteadora.: em meio ao sofrimento, é possível ser consolado pela providência divina? Para Isaías, a mão do Senhor se estende sobre seu povo, com poder criador e restaurador. No comentário a Isaías, para Tomás, a base da argumentação é a ideia do Deus criador e de sua providência ser sábia. Isaías apresenta a Deus como santo, eterno e criador, possui palavra eficaz, braço poderoso, atuação pastoril junto às ovelhas, domínio sobre a natureza, poder sobre príncipes e juízes e condução da história humana. Também para Tomás, Deus possui os atributos de criação, perfeição, bondade e onipotência. A hipótese desenvolvida, portanto, é a seguinte: há uma convergência entre os dois autores, que comungam da mesma fé em Deus providente, visto que cada qual a seu modo expressa a providência divina, em Isaías mais simbólica e em Tomás mais metafísica. O que Santo Tomás comentou de Isaías é atual e não é contraditório à exegese contemporânea pois ainda extraímos elementos valiosos para nós hoje.

Palavras-chave: providência, criação, poder e perfeição, fortaleza, esperança

ABSTRACT

BORGES, Raquel Mendes. *Divine providence in Thomas Aquinas from Isaiah 40*. Catholic Pontifical University of Goiás, PUC Goiás, Goiânia, 2021.

This thesis analyzes Isaiah 40 and Thomas Aquinas' commentary on the mentioned text, with emphasis on the theological and philosophical concept of divine providence. The first chapter do the exegesis of the biblical text. The second presents Aquinas' commentary on the same text. And the third relates the thought of the prophet with that of the theologian, around the theme of providence. For the comparative analysis between Isaiah and Thomas, with their similarities and differences, there is a guiding question: in the midst of suffering, is it possible to be comforted by divine providence? For Isaiah, the hand of the Lord extends over his people, with creative and restorative power. In the commentary on Isaiah, for Thomas, the basis of the argument is the idea of the creator God and his providence being wise. For Isaiah, God is holy, eternal and creator, has an effective word, a powerful arm, pastoral action with the sheep, dominion over nature, power over princes and judges, and conduction of human history. For Thomas, God possesses the attributes of creation, perfection, goodness and omnipotence. The hypothesis developed, therefore, is as follows: there is a convergence between the two authors, who share the same faith in provident God, since each in his own way expresses divine providence, in Isaiah more symbolic and in Thomas more metaphysical. What St. Thomas commented on Isaiah is current and is not contradictory to contemporary exegesis as we still extract valuable elements for us today.

key words: providence, creation, power and perfection, strength, hope.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: PROVIDÊNCIA DIVINA EM ISAÍAS 40.....	20
1.1 O LIVRO DE ISAÍAS.....	20
1.2 O DEUTEROISAÍAS.....	22
1.3 ISAÍAS 40.....	25
1.3.1 Estrutura.....	26
1.3.2 Comentário a Isaías 40.....	27
1.3.2.1 A mão do Senhor (Is 40,1-2).....	28
1.3.2.2 O caminho do Senhor (Is 40,3-5).....	32
1.3.2.3 A efemeridade dos poderosos (Is 40,6-8).....	34
1.3.2.4 O poder do pastor (Is 40,9-11)	36
1.3.2.5 A providência é poderosa e sábia (Is 40,12-17).....	38
1.3.2.6 A providência governa a criação (Is 40,18-24).....	40
1.3.2.7 A providência fortalece, sustenta, renova e encoraja (Is 40,25-31).....	43
CAPÍTULO 2: PROVIDÊNCIA EM ISAÍAS 40 CONFORME SANTO TOMÁS DE AQUINO.....	50
2.1 SANTO TOMÁS DE AQUINO E A SAGRADA ESCRITURA.....	50
2.1.1 Hermenêutica bíblica medieval.....	50
2.1.2 Hermenêutica bíblica de Santo Tomás.....	52
2.1.3 Comentário de Santo Tomás ao Segundo Isaías.....	57
2.2 PROVIDÊNCIA DIVINA NO COMENTÁRIO BÍBLICO DE SANTO TOMÁS DE AQUINO A ISAÍAS 40.....	59
2.2.1 O convite à consolação divina e a providência no comentário de Santo Tomás a Is 40,1-2.....	60
2.2.2 A promessa do Consolador em Is 40,3-11.....	65
2.2.3 O poder providente de Deus em Is 40,12-31.....	72

CAPÍTULO 3: ELEMENTOS FILOSÓFICOS DA PROVIDÊNCIA EM ISAÍAS 40 CONFORME SANTO TOMÁS DE AQUINO.....	84
3.1 OS ATRIBUTOS DIVINOS SEGUNDO A FILOSOFIA DE SANTO TOMÁS.....	84
3.1.1 Criador.....	86
3.1.2 Prudência.....	94
3.1.3 Perfeição e poder.....	99
3.2 FORTALEZA E ESPERANÇA.....	102
3.2.1 Fortaleza.....	102
3.2.2 Esperança.....	105
CONCLUSÃO.....	109
REFERÊNCIAS.....	112
ANEXOS.....	119
ANEXO A – <i>Sancti Thomae de Aquino Expositio super Isaiam ad litteram a capite XL</i> (TOMÁS DE AQUINO, 1974).....	120
ANEXO B –Comentário sobre o Profeta Isaías, capítulo 40 de Santo Tomás de Aquino (Tradução de Placimário Ferreira, ano de 2021).....	126

INTRODUÇÃO

A grandeza da ação divina no ato que consola e anuncia a libertação do povo exilado na Babilônia é o objeto desta pesquisa e se encontra na perícope do capítulo 40 de Isaías. Com esta pesquisa nos ocupamos do texto para levantar o pensamento sobre a providência no capítulo 40 do livro de Isaías a partir do comentário bíblico de Santo Tomás de Aquino a Isaías 40.

Santo Tomás deixa claro que o termo adequado para o cuidado divino em vista da realização de seu plano divino é providência e não previdência:

“Unde secundum Boetium melius dicitur providentia quam praevidentia: quia non quasi futurum, sed omnia ut praesentia uno intuitu procul videt, quasi ab aeternitatis specula. Sed tamen potest dici praescientia, in quantum cognoscit id quod futurum est nobis, non sibi” (*Super Sent., lib. 1 d. 38 q. 1 a. 5 co*)¹.

Santo Tomás entende que a providência é uma ação que Deus exerce continuamente, em vista do fim a que a coisa foi pensada de ser. Desta forma sua ação é tanto para favorecer com o bem quanto usar das coisas para atrapalhar o mal.

Nossa pesquisa se concentra no período medieval, em um dos grandes pensadores escolásticos, Santo Tomás de Aquino, que se dedicou a esta temática da providência divina em algumas de suas obras como a Suma Teológica (TOMÁS DE AQUINO, 2001), Sobre a Verdade (TOMÁS DE AQUINO, 2016) e nos concentramos sobre a providência com base em seu comentário à Isaías. Os percursos de Isaías e Tomás se aproximam, mas também têm pontos específicos que se diferem, embora não sejam divergentes. Para tanto temos a problemática: em meio ao sofrimento é possível ser consolado pela providência divina? Quais elementos que o texto de Isaías 40 oferece que podem ser base para o pensamento sobre a providência divina?

O objeto de estudo desta pesquisa é o capítulo 40 de Isaías e o comentário de Santo Tomás sobre o texto de Isaías 40 com destaque para a providência divina. Para compreender melhor a providência necessariamente passaremos pelos atributos divinos da criação, perfeição, bondade e onipotência que no terceiro capítulo serão desenvolvidos. A base do estudo é o comentário bíblico de Santo Tomás a Isaías, porém no terceiro capítulo aprofundaremos os atributos divinos que estão relacionados ao pensamento de Santo Tomás sobre a providência e tomaremos

¹ Tradução nossa: “Portanto, segundo Boécio, a previsão é melhor chamada de providência do que a previdência, porque ele vê não como se fosse o futuro, mas todas as coisas como presentes, com um olhar à distância, como dos espelhos da eternidade. Mas ainda pode ser chamado de presciência, na medida em que sabe o que vai acontecer a nós, não a si mesmo.”

outras obras. A principal fonte de pesquisa para o terceiro capítulo será a Suma Teológica, na qual encontramos de modo mais apropriado à pesquisa na questão 22 em sua primeira parte, onde temos a discussão sobre a providência. Quanto ao tema da criação temos na Suma Teológica, primeira parte, questões 44-49 e nas Questões disputadas sobre o poder de Deus² 4 -6. Oportunamente outras obras serão evocadas para a composição desta pesquisa

A primeira motivação para esta pesquisa é pessoal e religiosa. Pessoal porque a vida me levou por dois caminhos paralelos que em minha juventude não entendi, tentei sair, mas fui me envolvendo e por fim me vi vivendo esta realidade da fé e razão juntas. Estou professora de filosofia e teologia. Mente e coração sempre lidando com duas realidades que não entendo divididas, mas duas realidades que continuamente dialogam e me possibilitam uma estabilidade de fé e razão. Pessoalmente tenho duas paixões que são a teologia bíblica com foco na profecia bíblica e a filosofia de Santo Tomás.

A motivação religiosa nasce de minha missão, de meu olhar para o mundo que me cerca, de meu carinho com as pessoas que compõem minha vida diária como religiosa. É notório que a ideia da providência divina é tão profunda, mas ao mesmo tempo mesclada de incompreensões. As pessoas vivem esta realidade de ser criatura e filho de Deus de modos tão diversos que isso me inspirou propor algo sólido, atualizar o debate a respeito. Foi então que juntei novamente minhas forças nas duas áreas que trabalho e optei por pesquisar a visão do profeta Isaías relacionando com a de Santo Tomás. Como no mestrado trabalhei Isaías 50, preferi ficar por perto desta perícopos, para agora me concentrar em Isaías 40.

A segunda motivação é acadêmica, relacionada com o que vemos hoje em tantas realidades nestes dados do exílio do povo, e da escravidão e da opressão do povo. Com suas diferenças e semelhanças, é claro, mas também hoje o mundo vive o assombro e escuridão que o assola diante da COVID 19. Em todos os cantos do mundo se clama por libertação se evoca um fio de esperança e em meio a dores e perdas, sofrimento psíquico e físico assolam a humanidade, assim como no exílio, pode-se perguntar pela ação de Deus e aguardar a providência divina para esta calamidade mundial. Há falta de dignidade da pessoa, crianças maltratadas e exploradas pelos abusos em dolorosas e variadas formas, mulheres que diariamente sofrem violência e carregam o pesadelo do abuso ou simplesmente não encontram

² No original: *Quaestiones disputatae De Potentia Dei*. Esta obra está organizada da seguinte forma: *De Potentia Dei, quaestio 4, de Creatione materiae informis, De Potentia Dei, quaestio 5, de conservatione rerum in esse a Deo e De Potentia Dei, quaestio 6, de miraculis*.

seu espaço e dignidade na sociedade. Quantos protagonistas do bem que servem aos fracos são cruelmente mortos ainda hoje e a incredibilidade de valores morais humanos é varrida da mente do povo por tantos outros fatores.

A Sagrada Escritura está repleta de relatos em que em meio aos males e sofrimentos a pessoa se percebe amparado e cuidada pela ação de Deus. O contexto do exílio da Babilônia gera no povo de Israel a pergunta sobre o poder de Deus, seus atributos. A resposta é clara: Ele é criador e providente. Mesmo em meio a escravidão é possível ter esta certeza. Também em meio a festividades a pessoa sente-se voltado a agradecer como que sentindo uma força além de si que lhe possibilita vencer seus problemas, superar obstáculos, resolver seus dilemas. Esta ação e cuidado divino podemos denominar como providência bem como outros atributos divinos que Santo Tomás muito bem desenvolveu.

A partir deste dado consideramos que esta temática se justifica e este estudo é importante tanto para o campo da filosofia como da teologia bíblica pois há uma dedicação de Tomás à Sagrada Escritura, no caso ao Isaías e se torna um campo bem amplo de pesquisa. Estamos propondo uma visibilidade da providência divina no relato bíblico de Isaías 40 por meio do comentário de Santo Tomás que também é pouco conhecido como exegeta.

O principal objetivo é comparar a teologia de Isaías 40 com a filosofia de Santo Tomás em relação ao pensamento de que Deus criador é providente. Mas também temos o objetivo de analisar teológica e hermeneuticamente, o texto de Isaías 40, no contexto exílico de sofrimento e esperança na criação e providência divina; estudar a providência no pensamento de Santo Tomás em seu comentário a Isaías 40; comparar o texto de Isaías 40 com a filosofia do Aquinate sobre a providência de Deus.

A compreensão do dado revelado do Deus providente na Bíblia norteia o pensamento filosófico de Santo Tomás do Deus providente como se pode constatar na comparação entre Isaías e Tomás de Aquino. A compreensão de Deus providente para a teologia foi tão basilar e certa que a filosofia do Aquinate, assim como outras correntes filosóficas se ocupam desta temática tão ocorrente no mundo bíblico teológico para pensá-la no mundo filosófico.

A perícopes de Isaías 40 permite adentrar para o campo da criação (BORN, 1971, p.1234) e conseqüentemente para a providência no contexto do exílio. Estamos certos que os campos do profetismo e do discipulado são belos, ainda que complexos, e podem nos oferecer os elementos sobre a criação e a providência.

Dentre as obras sobre a profecia, destaca-se, para esta pesquisa, Josef Schreiner (1978). Ao abordar o livro da escola de Isaías o autor acentua o contraste que existe entre a promessa da salvação e a realidade que o povo vive. Porém o profeta tem a missão de manter viva a esperança e fazer ver os cuidados de Deus, sua ação providente para com o povo.

Sobre o Deuteroisaiás, a obra de referência é o comentário de Croatto (1998), o qual, por sua vez, destaca a visão da vida dos exilados e mostra que estes quando não presos estavam isolados, marginalizados socialmente por parte da força dominante. Ou seja, temos mais detalhados os sofrimentos daquela época. Apresenta ainda que mesmo que alguns exilados tivessem recebido postos de influência e facilidade de vida, esta não era a realidade de todos. Desta forma nos convida a ler Isaías à luz das condições do povo oprimido e sofrido.

Para contextualizar o Deuteroisaiás e, principalmente, o capítulo 40, na situação de retorno do exílio, é útil a obra de Steinmann (1976). Além de apresentar o panorama histórico e a literatura do exílio e do retorno, ele comenta todo o segundo Isaías, denominado, conforme o título da obra, “O livro da consolação de Israel”. Isaías 40, na visão desse autor, é um oráculo colocado na boca do Senhor, para reconfortar o povo, em resposta às *Lamentações*. Com mensagem nova de reconciliação e com estilo inovador de consolação, a profecia propõe abrir um caminho no deserto, com o próprio Deus tomando a dianteira e conduzindo seu povo.

Ainda sobre o Deuteroisaiás e a sua missão de consolar os deportados na Babilônia, Vitório (2018, p. 93-105) ressalta a importância dessa profecia, diante das ameaças culturais e religiosas, principalmente do deus Marduk. A proposta de retorno à terra, segundo o profeta, contava com a “benevolência” dos novos dominadores e com a ação do Santo de Israel, o resgatador (*goel*) em favor do seu povo.

Concentrando mais o foco na análise de Isaías 40, Colli (2006) faz uma análise detalhada da primeira parte do capítulo (Is 40,1-11), estabelecido como uma introdução a todo o bloco de Isaías 40-55. Assim sendo, os versículos 1-11 de Is 40 funcionam como o prólogo, e contêm os grandes temas de todo o bloco. Diante da situação histórica do sofrimento do exílio (KESSLER, 2009, p.153) e das ameaças dos opressores, o profeta buscou, na memória do passado, os feitos da história da salvação que fizeram aquele povo sofrido a sentir-se verdadeiramente povo de Deus e a animar-se a retornar à terra. Por isso mesmo, o prólogo, bem como todo o Deuteroisaiás renovam os grandes eventos teológicos do êxodo do Egito e da peregrinação pelo deserto.

Com o foco na segunda parte de Isaías 40, Teixeira Neto (2015, p.1-5) se concentra sobre Is 40,25-26, para demonstrar a possibilidade da vitória real do Deus dos exilados sobre Marduk, o deus dos babilônios. Demonstra, assim, em consonância com o pensamento do antigo Oriente Médio, que a vitória de uma nação sobre a outra não depende somente da supremacia militar, mas também da superioridade da divindade dos vencedores.

Por sua vez, para o pensamento filosófico usaremos no primeiro capítulo da fonte textual que é o comentário de Santo Tomás ao capítulo 40 de Isaías. A Suma Teológica, como outras obras de Santo Tomás serão usadas mais propriamente no capítulo três ao fundamentarmos o pensamento filosófico sobre a providência nos atributos divinos. Na Suma Teológica a parte que trata sobre a providência é a primeira, estando o tema na questão 22. Para o tema da criação também estaremos na primeira parte da Suma Teológica, mas especificamente nas questões 44 a 49. Nas Questões Disputadas o assunto sobre a providência está na questão 5. O que percebemos? Para Isaías o atributo da criação evidencia a providência divina. Contudo, na metafísica de Tomás a ordem é inversa, a providência divina vem antes da criação. Esse fato está para a realidade que a providência é um atributo divino que existe nele independente das coisas criadas. Por isso nas suas obras o pensamento sobre a providência aparece antes da criação. A Suma Teológica segue a estrutura de apresentar os atributos entitativos e posteriormente os operativos, criar é um atributo *ad extra*.

Garrigou-Lagrange (1943) será nossa referência de comentários às obras de Santo Tomás, principalmente em sua obra que fala exatamente sobre a providência divina. Garrigou-Lagrange é referência francesa para a literatura tomista desde o período contemporâneo. Suas obras aprofundam e fazem emergir a ideia de Tomás de Aquino sobre a providência divina no Antigo Testamento. Sua obra que é para esta pesquisa uma referência é a *Providência e a confiança em Deus, fidelidade e abandono*, escrita no ano de 1943, fizemos uso da segunda edição traduzida por Pe. Jorge de Riezu para o espanhol, em Buenos Aires.

Para hoje retomar ênfases teológicas podemos fazer uso da obra de Santo Tomás, Questões Disputadas sobre a Verdade, questão 5 (2016) que Paulo Faitanin, juntamente com Bernardo Veiga traduziram do latim esta valiosa questão sobre a providência. Como o tema da providência está relacionado à criação temos de Tomás, A criação, conservação e governo do mundo. Questões disputadas sobre o poder de Deus 4-6, também traduzida por Paulo Faitanin e Bernardo Veiga (2014). Nesta obra

temos a tradução do latim direta para o português, com pequenos comentários que unem o pensamento de S. Tomás à patrística, mas em nada interferem na originalidade do texto, podendo favorecer o contato direto com o pensamento de Santo Tomás.

Na filosofia cristã ao abordar a existência de Deus o tratado de metafísica apresenta uma excelente pesquisa filosófica sobre a relação entre providência e o sofrimento. Nesta referência filosófica adotamos Regis Jolivet (1965) em seu tomo III Metafísica que comenta Santo Tomás de Aquino. Nossa pesquisa se ocupa da filosofia perene do Doutor Angélico e destaca que o Senhor se faz próximo do seu povo por meio de seu governo.

Em Santo Tomás de Aquino este pensamento potencializou a providência e perpassa a ideia de que necessariamente ela pertence a Deus por ser ele a causa primeira do universo. Na construção do seu pensamento Santo Tomás entende que todas as coisas estão submetidas à providência divina e este fato não fere a liberdade das mesmas. Deus é o ser que provê todas as coisas de modo imediato é também aquele cuja providência não impõe necessidade às coisas que lhe são submetidas, ao contrário elas permanecem livres.

Na Suma Teológica Santo Tomás fala da providência no contexto de Deus como causa de tudo, o criador, o que tudo ordena. Pensar sobre a criação é algo bem exigente para a filosofia, tanto que antes mesmo da filosofia grega se ocupar com esta reflexão já existia mitos descrevendo sobre a origem do universo. Santo Tomás, para falar da criação usa tanto da filosofia de Platão como de Aristóteles. Em Platão a ação de criar parte do demiurgo que o faz para organizar a totalidade da matéria, o que em Tomás será a base do pensamento que fala da ordem do mundo e sua harmonia. Enquanto Aristóteles segue afirmando a eternidade do tempo e do movimento S. Tomás usa de seus argumentos e trata da causalidade, sendo Deus a causa universal de todas as coisas.

Na filosofia de Santo Tomás a questão da criação divina aparece tanto no pensar sobre Deus quanto no pensar a questão do mal no mundo, na pessoa. A primeira referência é a obra de Santo Tomás, Suma Teológica, a segunda é *De malo* (TOMÁS DE AQUINO, 2005). Ambas de grande peso e profundidade.

No pensamento de Santo Tomás, o mal ou o sofrer humano não é provocado por uma substância, mas uma privação de um bem. Quando Santo Tomás comenta as Escrituras, especialmente Isaías 45 ele explica que Deus não pode ser a causa do mal em si, mas do mal chamado “de pena” que não se trata de um castigo em que

Deus maltrata a seus filhos, mas de um castigo que corrige e restaura a justiça e a ordem. E que precisamos separar o mal de culpa do mal de pena. O mal de culpa são as consequências das escolhas livres das pessoas, o mal de pena Deus o permite para deste retirar um bem ainda maior à pessoa (*De malo* q.1, a.3). E nos perguntamos onde está a relação desta realidade com a providência divina. Descobrimos que a providência é um atributo que tem sentido por ser Deus o criador. E este pensamento de ser Deus criador e que por isso cuida da sua obra está presente em Isaías 40.

Em Isaías trata-se de um capítulo sobre a grandeza do Deus de Israel, em meio às ameaças do exílio babilônico (KESSLER, 2009, p.153). Concerne neste trabalho tratar Isaías 40 que é o início da segunda parte de seu livro, que compreende os capítulos 40-55. Os primeiros versículos “Consolai, consolai meu povo” intitulam toda esta segunda parte, que na *Bíblia de Jerusalém* vem denominado “livro da consolação” (Is 40). É notório o contraste que se tem pois anteriormente temos a situação contrária, onde o povo é ameaçado, vemos a ira do Senhor, são as ameaças do início do ministério do primeiro Isaías (Is 5,8) e provavelmente foram pronunciadas espaçadamente ao longo dos anos. Estas ameaças expressam o motivo pelo qual o povo sofre no exílio, “eis por que o meu povo foi exilado: por falta de conhecimento (Is 5,13). Mas em contrário, Isaías 40 anuncia o fim deste exílio, a libertação. Trata-se do novo êxodo (GORGULHO, 1994, p.64) e este é o principal tema do capítulo 40 também retomado no fim do livro. O que consola o povo é a certeza que Deus é o Senhor de todas as coisas, o criador de tudo. Como temos o novo êxodo, temos a nova criação, o tempo do povo reviver em Deus criador (BROWN; FITZMEYER; MURPHY, 2012, p.663), e assim se inicia Isaías 40, dando a ideia de um novo recomeço, “transformem-se os lugares escarpados em planície... então a glória do Senhor há de revelar-se” (Is 40,4). Por termos uma nova criação temos visível a providência divina. Se por um lado o Antigo Testamento não possui uma palavra específica para providência, por outro é clara a certeza da providência para o povo de Israel, sobretudo a partir da criação e do cuidado de Deus para com seu povo escolhido. Embora não haja um vocábulo hebraico específico para providência, nem mesmo em Isaías, a teologia da providência se encontra em muitas passagens bíblicas do Antigo Testamento como podemos verificar em Sabedoria (6,8; 8,11; 11,21; 12,13; 17,2). Estas referências do livro de Sabedoria, como outras que poderíamos citar, não apresentam diretamente o termo providência, mas o contexto teológico de que a providência inevitavelmente ordena todas as coisas ao bem, ao fim

último e que a ação de Deus, ainda que discreta ou imperscrutável, é constante. Para Garrigou-Lagrange (1943, p.151) o livro de Jó seria uma obra da providência divina por narrar a vida do justo que passa por provações, cuja única esperança é o Senhor. Daí a possibilidade de falarmos de um conceito bastante desenvolvido na teologia bíblica, que relaciona os diversos atributos divinos à providência (BORN, 1971, p.1234).

Nesse aspecto, nos propomos estudar o fenômeno da confiança e fé do povo de Deus em sua providência, ainda que esteja passando por grandes dificuldades no exílio da Babilônia. Nesse contexto temos a presença importante do profeta, ele se mostra como servo e como o discípulo fiel e obediente. Nossa pesquisa em Isaías 40 quer destacar a confiança em Deus no momento de esgotamento. Quando as forças se esvaem, quando tudo parece sem sentido o profeta lança uma palavra de esperança e confiança, não para si, também não exorta o povo a confiar em suas próprias forças, muito menos nas ações dos poderosos da época. A exortação profética é um convite ao povo a olhar para o Senhor Deus e ver que Ele pode renovar seu povo, olhar para a história e ver o quanto Deus tem feito pelo povo, mesmo nos momentos mais difíceis. E é esta atitude que desperta para a pesquisa, sobre aquele que ouve o Senhor e se propõe a guardar sua esperança e a renovar sua força em situações de dor e sofrimento.

Propomos pesquisar e profundar este capítulo de Isaías no contexto do exílio onde Deus aparece cuidadoso, como no tempo do êxodo (Ex 19,14; Dt 32,11). Ele renova as forças dos fracos e cansados. Por ora nos detemos na visão da perda que esse povo sofreu e a falta de entendimento sobre o que lhe acontecia. Sobre a forma de vida dos exilados temos informações limitadas. Eles tinham a liberdade cerceada, por viverem em terra estrangeira, mas podiam, dentro de suas colônias, de certa forma desenvolver-se, provavelmente viviam como arrendatários da terra a eles confiada (SCHWANTES, 2007).

O povo estava sofrido, fraco e sem forças para lutar diante do poderio dos babilônicos. Segundo Solano Rossi o povo não estava fraco somente pelo contexto da guerra e invasão, “há queixa de que os nobres enfraquecem as mãos do povo” (ROSSI, 2008, p.60). O cerco militar babilônico registra corte de alimentos a tal ponto que gerava um caos social e de fome. Enfraqueceu o povo e impôs uma situação de grandes sofrimentos.

O povo vive o sofrimento gradativo, desde o cerco ao exílio em terra estrangeira. De condições miseráveis passa a uma certa prosperidade. De passar por

fome, canibalismo, sofrimento de inocentes crianças, violência e abuso de mulheres, assassinato de sacerdotes e profetas, enforcamentos, degradação de idosos dentre tantos outros sofrimentos, gradativamente o povo em Babilônia se estabelece (FOHRER, 2008, p.400).

No exílio, como hoje, ou em meio a estes exílios queremos ver a renovação da esperança em Deus que é providente. Isaías 40 quer apresentar o Senhor amoroso com “intimidade pessoal intensa” que irá libertar o seu povo da opressão e lhe restaurará o bem-estar e convida o povo a já louvar o Senhor pela libertação que está próxima (GOTTWALD, 1988, p.459).

Consideramos o sofrimento humano, vivenciado pelo povo no exílio babilônico e posteriormente, assim como em toda época, também no período Medieval, o que faz a filosofia do Aquinate, refletir sobre esta realidade humana. Em Isaías o sofrimento é regado pela esperança na ação providente de Deus criador. Em Tomás o sofrimento vem com a certeza que este não vem de Deus, pois Deus é criador, bondoso e providente. Nestes dois pontos vemos a providência divina abarcando a realidade humana e sempre de novo conduzindo para o bem daquele que criou para a vida eterna. Santo Tomás segue uma tradição longa vinda dos Padres da Igreja e passando, antes dele, por seu mestre Alberto Magno e por seu contemporâneo Boaventura, que se ocuparam deste tema. A filosofia desenvolve seu pensamento sobre a providência dialogando com o tema do agir divino na criação e em seus outros atributos, por sua vez a teologia do Antigo Testamento abarca esta realidade na certeza que Deus é criador e providente.

O capítulo 1 apresenta a estrutura bíblica, sua exegese com destaque à providência divina em Isaías 40. Começa pela visão geral do livro de Isaías e destaca o Deuteroisaiás. Dentro da perícopé de Isaías 40 a temática da providência vai se evidenciando paulatinamente.

No capítulo 2, a pesquisa se concentra no comentário de Tomás a Isaías 40. O conceito de providência pode ser encontrado e aprofundado no decorrer do comentário. Passamos por uma visão geral do contexto de exegese bíblica medieval e nos dedicamos ao comentário seguindo, a estrutura do texto bíblico em diálogo com o comentário de Santo Tomás a Isaías 40. Desta forma aparece a relação da teologia bíblica sobre a providência com o campo filosófico que Santo Tomás desenvolve.

No 3 capítulo abordamos os elementos filosóficos presentes no comentário bíblico de Tomás de Aquino. Pretendemos desenvolver o pensamento de Santo Tomás sobre os atributos divinos que apoiam o tema da providência. O primeiro

elemento filosófico que emerge tanto em Isaías como em Tomás é que Deus é criador. Em seguida é necessário abordar sobre a prudência divina, elemento que a história de Israel evidencia. Diante da efemeridade dos poderosos deste mundo que surgem e desmoronam aos olhos da história é necessário tratar da perfeição e poder divino. Os textos falam da sabedoria da providência o que poderá ser melhor desenvolvido também neste terceiro capítulo. Por fim encerraremos com a abordagem das virtudes da fortaleza e esperança, temas que circulam no campo teológico bíblico e filosófico do Aquinate.

CAPÍTULO 1: PROVIDÊNCIA DIVINA EM ISAÍAS 40

Este capítulo situa, inicialmente, o texto de Isaías 40 no grande contexto do livro de Isaías e, mais especificamente, no Deuteroisaiás, que compreende os capítulos 40-55, obra anônima da época do exílio babilônico. Em seguida se concentra no comentário exegético, teológico e hermenêutico de Isaías 40, ressaltando, na análise do texto, o tema da providência divina.

1.1 O LIVRO DE ISAÍAS

O livro de Isaías está no grupo do profetismo. Ele encabeça o cânon profético, sendo identificado como o primeiro dos profetas maiores. O grupo profético é considerado o sensor de alerta para o povo em relação às suas lideranças e posições. Pensar no profetismo é pensar a espontaneidade e a relação direta com Deus, sem mediações, sem interesses e jogos políticos. Por causa da certeza de quem fala através dos profetas, estes se constituem um poder acima de outros poderes, como do sacerdócio, ou régio. Um rei para ter poder precisa ser eleito; um sacerdote, ordenado, mas o profeta não; pelo carisma profético, ele simplesmente fala em nome de Deus e exatamente aí está sua influência, pois sua autoridade vem da certeza da ação de Deus por meio dos profetas (ZENGER, 2003, p.379).

Ao destacar a importância do livro de Isaías, Croatto afirma:

É o primeiro, é o mais extenso, foi o mais influente na tradição judaica e cristã, é o que tem a mais sublime linguagem poética e simbólica, o que deixou textos imortais na liturgia, o que tanto contribuiu para manter a esperança dos que sofrem (CROATTO, 2000, p. 42).

Embora a tradição tenha transmitido os 66 capítulos de Isaías como um único livro, a sua unidade foi questionada ao longo da história e, em 1892, Bernhard Duhm propôs a divisão do livro em três partes. “Essa teoria sofreu grandes críticas por outros estudiosos, mas também teve ampla aceitação e permanece como uma referência para todas as pesquisas sobre o assunto” (SILVA, 2020, p.25).³

Na origem dessa obra está o profeta Isaías, filho de Amós, que profetizou “nos dias de Ozias, Joatão, Acaz e Ezequias, reis de Judá” (Is 1,1). Isso corresponde a cerca de quarenta anos de pregação (de 740 a 700 a.C.).⁴ O próprio profeta

³ Vermeylen (2014) analisa o livro de Isaías usando a metáfora da catedral, para dizer que sua unidade literária se compõe de muitas e variadas peças, mas mantém a teoria dos três Isaías.

⁴ Para uma exposição sistemática sobre a atuação profética de Isaías, sob cada um desses reinados, veja: Alonso Schökel; Sicre Diaz (1988, p. 103-109); também Silva (1998, p. 81-103).

descreve sua vocação, em primeira pessoa, “no ano em que faleceu o rei Ozias, vi o Senhor sentado sobre um trono alto e elevado” (Is 6,1), o que corresponde, provavelmente, ao ano 740 a.C. A partir de sua vocação e missão, Isaías começa uma grande escola profética, que terá sequência em discípulos seus, formulada ao longo dos diversos capítulos do livro.⁵

Em sua extensão, o livro de Isaías tem grande diversidade de temas e de conteúdos, o que reflete possíveis autores e épocas diferentes. A proposta dos três livros de Isaías pode ser apresentada da seguinte forma, de acordo com Zenger (2003, p. 381):

Primeiro Isaías ou protoisaias (Is 1-39), escrito no período de atuação do próprio profeta Isaías, no pré-exílio, ou seja, antes da queda de Jerusalém em 587 (BETTENCOURT, 1990, p.341).

Segundo Isaías ou Dêuteroisaias (Is 40-55) está no contexto do fim do reino de Judá, por volta do século VI a.C., durante o exílio babilônico, escrito por um profeta anônimo, na mesma esteira teológica de Isaías (BETTENCOURT, 1990, p.341).

Terceiro-Isaías ou Tritoisaias (Is 56-66), atribuído a diversos autores seria datado possivelmente por volta de 520 a.C. Semelhante ao Segundo Isaías, sem se igualar a este, pode ser uma obra continuada por outros seguidores da tradição isaiana, no contexto da reconstrução do Templo, após a volta da Babilônia (BETTENCOURT, 1990, p.341).

Essa estrutura favorece a presente pesquisa, pois o bloco que compreende o Segundo Isaías é diversificado, porém carrega a temática de um povo escolhido, ou seja, marcado pelo ato providente de Deus, e este povo, ainda que marcado pelo pecado e pela culpa, continua sendo objeto de benevolência divina, que de tudo cuida para que volte ao seu Deus verdadeiro. A providência e o olhar de Deus não se esquivam do seu povo por causa do pecado, da idolatria, ao contrário, estará sempre agindo para que seu povo se volte para ele.

A primeira realidade que consideramos no livro de Isaías é que se trata de uma obra de abrangência o que não significa que se perca em detalhes desnecessários ou que não oriente de modo lógico seu leitor. Todo o livro de Isaías apresenta a grande temática da conversão de um povo, do povo de Israel. Ainda que possamos dividir o livro em primeiro (Is 1-39), segundo (Is 40-55) e terceiro Isaías (Is 56-66), como explicado acima, em cada uma destas partes podemos encontrar a

⁵ Sobre a pessoa de Isaías não há muitas informações. Para uma síntese, pode-se conferir: Ridderbos (1995, p. 9-10).

mesma trilogia que dialoga os temas da exortação, consolo e adoração ao único Deus o que mostra a abrangência e lógica desta obra, pois em cada uma das três partes podemos encontrar a mesma estrutura (DARDER, s.d., p. 9).

A presença de Deus providente pode ser identificada no conjunto final da obra de Isaías, isto é, nos grandes temas que percorrem todo o livro e que constituem o seu querigma, ou seja, o seu anúncio central. A volta da diáspora é um assunto dominante, e está presente com maior intensidade nas imagens do novo êxodo, no Segundo Isaías (Is 40-55). O Senhor é quem convoca os exilados, resgata-os do cativeiro, derrota as nações opressoras e restaura Sião. Por sua justiça e direito, ele intervém na história, a fim de salvar o seu povo. Por sua sabedoria, ele supera os outros deuses e por sua misericórdia ele perdoa os pecados e conduz à salvação. Todo esse processo pode ser descrito como uma nova criação⁶. Nisso se manifesta a providência divina (CROATTO, 2000, p. 63-76).

1. 2 O DEUTEROISAÍAS

Após a apresentação de todo o livro de Isaías, a atenção se volta agora para os capítulos 40 a 55, como uma obra única, reconhecida como Deuteroisaias ou Segundo Isaías. Essa obra pode ser lida com diversas chaves de leitura, conforme o olhar de quem a analisa. É chamado “O livro da consolação de Israel” (STEINMANN, 1976); “O profeta do novo êxodo” (WIÉNER, 1984); “A libertação é possível” (CROATTO, 1998). Entre esses dois eixos, consolação e libertação, os diversos comentários se estendem, sobretudo na América Latina. Numa popularização do texto, denominando-o Isaías Júnior, escreve Mesters (1983, p.7): “Este Livro da Consolação procura reavivar a coragem e confortar o ânimo”. A essa ação de consolar o povo sofrido por meio de um novo êxodo libertador, chamamos, nesta tese, providência divina, para destacar o cuidado de Deus para com o seu povo.

Com Zenger (2003, p. 389), afirmamos que a grande temática que se abre neste capítulo 40 e vai até o final de Isaías (Is 66) é mesmo da criação e que estas peças hínicas dialogam no processo que vai da criação libertação para salvação do povo, sempre na perspectiva da providência divina, pois é Deus quem cria, liberta e salva por sua única e eterna vontade.

⁶ Favorece significativamente apresentar aqui a noção de criação. As obras divinas estão revestidas de formosura. Diversamente da concepção grega, o belo bíblico é dinâmico, é encontro com a beleza em pessoa, assim como o varão se encontrava com a mulher. Parte integral da criação, o belo fica subordinado à ação benéfica de Deus (WESTERMANN, 1987, p.80) e diríamos então a criação está subordinada à providência divina.

Outra informação relevante é que temos duas partes para estes oráculos do período da libertação da Babilônia, a primeira parte é encontrada nos capítulos 40,1-48,22, a segunda parte de 49-55 em ambas a diferença relevante é a ênfase dada às questões relatadas (BERGANT; KARRIS, 2013, p.32).

O processo que se inicia em Is 40, percorre até o capítulo 66 que é a tensão entre pecado, culpa e perdão, cuidado de Deus para com seu povo, sua contínua ação para perdoar o povo, por isso o livro se abre com o imperativo consolai, percebemos que Deus quer perdoar a seu povo e em vista disso ele mesmo consola e providencia a libertação do cativo na Babilônia. Essa ação providente de Deus quer se concluir com a salvação do povo (Is 45), mas se inicia com a criação (Is 40,12) (ZENGER, 2003, p. 389).

Mas quem seria o autor dessa obra denominada Deuteroisaiás? De acordo com Schwantes (2007, p.92): “O Dêutero-Isaiás ou o Segundo Isaiás resulta de *uma descoberta da pesquisa* bíblica”. Schwantes continua explicando que se trata de um ou vários profetas anônimos, que viveram e atuaram junto aos exilados da Babilônia, no século VI a.C. Muito mais não pode ser dito sobre a sua biografia. Outras informações são conjecturas deduzidas a partir do próprio texto. Em qualquer hipótese, esses capítulos (Is 40-55) “representam um ápice da literatura bíblica nos aspectos poético, retórico, querigmático (proclamação da mensagem) e teológico” (CROATTO, 1994, p.65).

O contexto histórico do Segundo Isaiás é o exílio babilônico, idealmente situado entre a destruição de Jerusalém por parte de Nabucodonosor, em 586 e a ocupação da Babilônia por Ciro, em 538. Ele é posterior a Ezequiel, no mesmo contexto do exílio. “Pode-se, pois, datar Dêuteroisaiás entre 550 e 540, na época do declínio babilônico e da ascensão persa no palco das dominações internacionais” (SCHWANTES, 2007, p.93). Ainda segundo Schwantes (2007, p.121) a principal temática de Is 40-55 é o retorno, novo êxodo onde se declara a glória de Deus que cuida do povo cuidadosamente apresentada no início Is 40,5 e no fim Is 55,13, glória que pode ser vista nos atos providentes de Deus para com o povo cuja consumação se dá na libertação.

Estamos colocando em evidência o fato do povo estar em um tempo de desânimo. Ainda que Israel guardasse a esperança de regressar para Israel, as deportações apontavam uma realidade diferente da que se desejava. Jeremias relata o desprezo do povo pela Babilônia, a saudade da sua terra, do templo, da liberdade (Jr 51,34-35). Isaiás percebe que com o passar do tempo o povo já está fraco na fé e

na esperança (Is 40,27). Ele entende desse sentimento, sabe da fraqueza do povo que não se recorda do amor zeloso e da providência divina. Com o passar dos anos as incertezas aumentam, porém, o profeta anuncia a libertação, ainda que pelas mãos de Ciro (SICRE, 2016, p.311) o poder de Deus de fazer acontecer seus planos e conduzir o povo para a libertação é exaltado em Isaías poderíamos até falar de exaltação da soberania de Deus.

Na mensagem do Deuteroisaiás está um ponto principal que é levar o povo de volta à aliança com Deus aceitando, percebendo sua contínua ação no percurso do povo, ou seja, Deus no meio, entre o povo. Por isso o profeta atesta contra as tramas políticas, a ganância desenfreada, ao povo basta aceitar o plano divino e nesta “supremacia divina” tudo tem outro sentido (SICRE, 2016, p.276).

A pergunta de Sicre (2016, p.312) é nossa chave de leitura e interpretação da providência. Ele indaga o que de fato é a consolação para Deuteroisaiás, e apresenta a resposta a essa pergunta em duas etapas. A primeira estaria nos capítulos 40-48, e a segunda nos capítulos 49-55 de Isaías. Seria então a libertação da Babilônia e a reconstrução de Jerusalém. E ainda podemos nos perguntar o que isso teria com a temática da providência. A resposta vem exatamente que a consolação apontada por Isaías na primeira etapa deve justamente ser entendida dentro da ação divina repleta de amor e cuidados para com o povo e não um ato puramente político. Vejamos, a liberdade sonhada e tão esperada pelo povo chega, mas ela vem pelas mãos de Ciro. O povo vive a alegria da libertação que acontece de modo impensável, pois quem contaria que o grande império babilônico cairia? Então o Deuteroisaiás anuncia um novo êxodo (40,3-5), repleto de ações providentes de Deus para com Israel, mas o povo está desacreditado, acomodado em sua falta de fé e tem dificuldade de perceber estas ações divinas. Aqui está a questão, sem a providência divina teria o povo a liberdade sonhada? Teria Ciro derrotado a Babilônia? O que Isaías aborda é justamente um dado da providência, ela não é evidente e lógica, por vezes passa despercebida, mas sem a providência divina o povo de Israel teria se consumido em meio aos babilônios. Quando Isaías se coloca contra os ídolos babilônicos, é justamente para evitar que o povo se confunda sobre a causa da sua libertação que de modo algum teria vindo de Marduk. Por isso retoma o fio da história do povo e reforça a ideia da criação e do quanto os outros deuses são impotentes diante do Senhor (SICRE, 2016, p.312).

1.3 ISAÍAS 40

O capítulo 40 é considerado a abertura da segunda parte do livro de Isaías compreendida dos capítulos 40-55. Mais precisamente, os 11 primeiros versículos de Isaías 40 podem ser reconhecidos como o prólogo ao Deuteroisaiás, conforme argumenta Colli (2006). Esses primeiros versículos, efetivamente, introduzem os temas principais que serão desenvolvidos nos 15 capítulos que seguem.

Conforme os críticos, a redação final de Isaías é pós exílica, logo ela quer evidenciar que a libertação do povo exalta o poder de Deus. O povo foi escolhido por Deus e livremente sempre cuida com zelo e tudo providencia em seu favor. Milton Schwantes (2007, p.118) a esse respeito tem a opinião que o Segundo Isaías até desconhece a conquista de Ciro. O profeta apresenta o processo histórico em que os fatos convergem, debaixo do governo divino para a libertação do povo (RIDDERBOS, 1995, p.33). Steinmann (1976, p.106) chega a ensinar que esta perícopes é um modo do profeta apresentar aspectos mais grandiosos da monolatria, quer dizer, deixar mais evidente o poder de Deus e como ele atua em favor do seu povo especialmente na criação sendo este um dado precioso para entendermos a providência em Isaías.

Schwantes (2007, p.119) destaca que no capítulo 40 temos uma linguagem direta e pessoal, Deus visa consolar e animar. A providência não é uma ação de Deus inanimada, indiferente, ao contrário, ela está voltada para uma finalidade e esse dado para a filosofia é muito caro, pois todo ato providente tem uma finalidade, não é uma banalidade ou acaso.

Outro dado importante que Bergant e Karris apresentam é o movimento contrário que acontece em Isaías 40 ao que foi escrito em Isaías 6. No início, a condenação e agora a consolação, neste ou naquele é o Senhor quem age junto ao povo de Israel. A palavra de consolo vem do Senhor: "Consolai, consolai meu povo, diz vosso Deus" (Is 40,1). Este tema do consolo marca a história do povo exilado e torna-se uma temática cara a Isaías que inicia esta segunda parte exatamente com o consolo por isso é o tema deste trecho, é repetido porque a repetição enfática indica a certeza da libertação e em Is 52 este tema é retomado de modo grandioso.

1.3.1 Estrutura

O capítulo 40 tem suas temáticas e divisões. Consideramos esta divisão interessante, por ela podemos ver a grande estrutura de modo amplo. Croatto (1998, p. 29) ao falar do capítulo 40 subdivide em quatro unidades que são diferentes, mas interligadas coerentemente com um começo imperativo e já nos versículos 1 e 2 temos o relato do início de um novo tempo, uma nova história onde o povo deixa de ser “cativo” para ser o “povo de Deus”. Eis que é feito o anúncio de uma grande ação de Deus na história que providentemente possibilitou a libertação. Para esse novo tempo há uma passagem pelo deserto (40,3) e ainda que o povo seja frágil e essa vida passageira, a ação providente de Deus é incomparável, permanente e grandiosa. Com Croatto (1998, p.27) optamos pela estrutura mais específica para dialogarmos com o tema da providência:

- 1- Anúncios iniciais (40,1-11)
- 2- Javé quer e pode salvar (40,12-31)

A divisão proposta por Croatto, semelhante em outros autores, respeita a lógica interna do texto, e coincide com a mesma divisão da *Bíblia de Jerusalém* (2012, p. 1313). A variação nos títulos sublinha diferenças no aspecto providente da salvação de Deus. Vejamos:

- 1- Anúncio da libertação (40,1-11)
- 2- A grandeza divina (40,12-31)

Essa estrutura básica é partilhada também pela Bíblia Tradução Ecumênica (TEB) (1994, p.666-667) cuja única diferença é que ela coloca na segunda parte o título de que “Deus tranquiliza, ele dá coragem ao seu povo” Is 40,12-31. Esta virtude da coragem o Senhor desperta no povo lembrando toda sua ação na criação, ou seja, seu ato providente.

A primeira consideração a ser ponderada é que este capítulo abre uma nova etapa teológica, mas também histórica para o povo de Israel. Teologicamente tratamos a partir de Isaías 40 os oráculos como Oráculos da Consolação que apresentam um modo uniforme de escrever, o que indica um único escritor ou um grupo anônimo (BETTENCOURT, 2011, p.341).

O texto traz a boa nova da libertação e relata a diferença entre os deuses babilônicos com o Deus de Israel. Por este motivo trataremos de alguns atributos divinos que neste contexto foram destacados (BERGANT; KARRIS, 2013, p.32). Mas,

antes, percebemos que ainda que estejamos em uma outra parte do livro, diferente do que se passa em Is capítulo 1, onde o autor nos é apresentado, aqui não há esta preocupação. Croatto (1998, p.29) chama a atenção para este detalhe que significa muito no contexto, pois exatamente o autor quer fazer uma drástica transição, uma passagem e como o próprio versículo 1 expressa, uma libertação de tudo que já fora dito e iniciar um novo tempo. É passada a escravidão, não há que começar exortando e sim consolando, expressando que começou o tempo de liberdade de vida nova. Por isso, não tem importância para o texto falar do autor Isaías, seu tempo, seu contexto de vida, o que nos faz pensar que tudo o que Isaías 1,1 descreve pode ser aplicado também aqui ainda que não se faça necessário destacar o profeta e sim seu magnífico anúncio de libertação, ou seja, agora a Palavra fica no centro para que o povo perceba um novo tempo (CROATTO, 1998, p.29).

A proposta de divisão de Croatto (1998, p.29) como vimos acima é interessante, com base nela construímos a nossa divisão adotando sua divisão geral propomos uma nova subdivisão para dialogar com o tema da providência. Desta forma, para evidenciar a temática da providência trabalharemos com a seguinte estrutura no capítulo 1: Is 40,1-2 oferece a imagem da “mão do Senhor” sobre a história do povo de Israel, vemos aqui o início da ideia de providência. Por sua vez nos versículos Is 40,3-5 nos faz refletir que o modo como Deus providencia na história nem sempre é como os homens desejam, ou planejam. Já em Is 40,6-8 o destaque da efemeridade dos poderosos sentencia que todos precisam da providência divina e muito mais, dirá Isaías (Is 40,9-11), o povo clama por Deus como o bom pastor que com poder cuida de seu rebanho. Então em Is 40,12-17 a providência é vista como poderosa e sábia. O modo como a providência atua aparece em Is 40,18-24, Deus é providente através da criação e governo. Como resultado é possível perceber, assim como Is 40,25-31 descreve que pela providência o povo é fortalecido, sustenta a esperança do retorno, renova e encoraja suas forças.

1.3.2 Comentário a Isaías 40

Passamos a uma leitura exegética de Is 40, para destacar as ações divinas que caracterizam o seu amor providencial. Seguimos a estrutura que nos favorecerá na composição do pensamento, e será bem retomada filosoficamente no terceiro capítulo. Seguimos a pesquisa apresentando o comentário aos versículos 1-2 de

Isaías 40, intitulado “A mão do Senhor”. Em seguida o comentário a Is 40,5 com o subtítulo “O caminho do Senhor” e passamos para a perícopes de Is 40,6-8 comentando a efemeridade dos poderosos. Em Is 40, 9-11 o tema do poder do pastor destaca a onipotência divina. Estes temas são como que preparatórios para a temática da providência que em Is 40,12-17 aparece com mais ênfase. Is 40,18-24 tem o comentário sobre o governo divino na criação e encerramos com Is 40,25-31 relacionando a providência às virtudes, especialmente a da fortaleza e esperança que trataremos de modo mais aprofundado no capítulo 3.

1.3.2.1 A mão do Senhor (Is 40,1-2)

¹Consolai, consolai⁷ meu povo,
diz o vosso Deus,
²falai ao coração de Jerusalém, e dizei em alta voz
que seu serviço⁸ está cumprido,
que a sua iniquidade⁹ foi expiada,
que ela recebeu da mão do Senhor paga dobrada
por todos os seus pecados¹⁰.

Os primeiros dois versículos formam uma moldura importante para o tema da providência. Este início esquadrinha a história da salvação, mas não com o foco na justiça e sim no zelo amoroso de Deus para com seu povo. Para além da justiça, Deus é misericórdia e, portanto, providente no processo salvífico de seu povo. Isaías, no capítulo 40 é um ponto de luz para o povo que antes escuta falar do castigo, da culpa, mas agora recebe uma palavra de consolo, de carinho e de cuidado da parte de Deus. Não temos mais ameaças de destruição, mas de criação, o povo não é levado ao exílio, mas sim é anunciada a libertação (COLLI, 2006, p.36). O mesmo pensamento

⁷ “Consolai” (*naḥamu*), da raiz *nḥm*, significa, no *piel*, consolar, confortar, aliviar, acalmar, tranquilizar, dar pêsames (ALONSO SCHÖKEL, 2004, p.430). As Bíblias, em português, variam a tradução entre “consolai” e “confortai”. Wiéner (1984, p.56) critica a tradução “consolar”, por ser “demais sentimental”. Ao propor a tradução “reconfortar” ele argumenta que “o reconforto trazido por Deus corresponde à aflição inicial de Sião na humilhação da derrota e do exílio”. Vitório (2018, p.95) afirma que o duplo imperativo “consolai, consolai” é “como se Deus estivesse convocando todos para um grande mutirão de consolação, destinado a um povo cansado de sofrer e de sentir o peso da mão divina”. O referido artigo destaca a função do verbo “consolar” em outras passagens do Deuteroisaiás.

⁸ “Serviço” (*šabaʿ*) refere-se ao serviço militar forçado ou vassalagem (ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ (1988, p. 284). A Bíblia de Tradução Ecumênica traduz como “corvéia”, palavra que significa, de fato, trabalho forçado.

⁹ “Iniquidade” (*ʿawon*) é delito, crime, e culpa, reato, tanto em sentido cultural quanto em sentido ético (ALONSO SCHÖKEL, 2004, p.484).

¹⁰ “Pecado” (*ḥaṭʾh*) é falha, pecado, culpa, crime (ALONSO SCHÖKEL, 2004, p.212).

é complementado com acréscimo da ideia de que Deus teria feito um decreto em que não há mais o julgamento e sim a consolação (BERGANT; KARRIS, 2013, p.32).

Esta perícope contém significativas proclamações do Senhor ao seu povo, nos versículos 1-11¹¹ temos todas as principais temáticas do capítulo como nos descreve Ballarini:

Nos v. 1 e 2 Deus se dirige aos profetas e aos sacerdotes para que confortem o povo residente no exílio da Babilônia. Entre a Babilônia e a Palestina se estabelece uma via sacra, através da qual o Senhor, como no Êxodo do Egito, se alinha à frente do seu povo e o guia até a pátria (BALLARINI, 1977a, p.171).

Teodoreto (ELLIOTT, 2014, p.45), afirma que “a justiça de Deus é temperada por sua misericórdia” pois diante do contexto que a primeira parte de Isaías havia apresentado e como o capítulo 39 se encerra, percebemos um salto, mas ao mesmo tempo uma certeza de que a ação providente de Deus não se limita por causa do pecado de Israel, ao contrário. Santo Efrém, o Sírio, tece um comentário a Is 40,1 que nos favorece. Ele apresenta que Ezequias, no capítulo 39 de Isaías não conseguiu rezar pelo povo, e que Isaías 40 começa exatamente com uma palavra de consolo, que não veio da liderança do povo, mas de Deus. A ação divina é providente mesmo que as mediações humanas falhem (ELLIOTT, 2014, p.46). Podemos perceber nesta exortação “consolai, consolai” uma voz muito imperativa que grita por esperança na misericórdia e não no pecado, na bondade de Deus e não nos atos falhos dos homens. As lideranças devem exortar a esta confiança e não à prisão da culpa e pecado cometido. A providência é a mão de Deus que se estende sobre seu povo para que não se perca totalmente (ELLIOTT, 2014, p.46).

Ainda podemos nos perguntar, já no primeiro versículo, a quem fala, quem deve ser consolado (Is 40,1), a quem consolar? O autor da fala expõe que Deus manda, mas não se sabe quem está falando em nome de Deus. Croatto (1998, p. 29) destaca uma certa imprecisão na mensagem e afirma que exatamente estas incertezas possibilitam as diferentes direções que o texto pode tomar. Usamos destas portas abertas para entrar no texto e encontrar o caminho da providência. Esta providência que vamos descobrindo em Isaías 40 de modo bem concreto não é aquela que está

¹¹ Os versículos 1-11, conforme nos instrui Bergant e Karris (2013, p.32), tratam da proclamação da libertação. Como uma grande proclamação, introduzem toda a temática do Segundo Isaías. *A Bíblia de Jerusalém* comenta que esta introdução anuncia bravamente o fim da escravidão e o povo deve se preparar para a saída da Babilônia conduzidos pelo Senhor, retomando Ex 19 (*Bíblia de Jerusalém*, 2012, nota “b” a Is 40). É extremamente intrigante e atual o que o profeta apresenta nesta introdução.

tão expressa no Novo Testamento onde por Jesus este conceito já estava mais claro. Expõe ainda Croatto (1998, p.27) que este primeiro versículo tem uma grande certeza: Deus ordena o que deve ser dito e feito: “consolai”!

Para Isaías a libertação da escravidão na Babilônia se dá após um concílio celeste, ou seja, Deus providencia a libertação e seu modo de agir surpreende seu povo. Ciro é o personagem principal da libertação do povo, porém foi Deus quem “compôs o roteiro” da atuação de Ciro “o poder da Palavra suscita Ciro (44,24-48,22), o mediador do Senhor Deus para Libertar os exilados da Babilônia” (DARDER, 2008 p.10) O próprio Deuteroisaias apresenta Ciro como “meu pastor” (Is 44,28) e “meu ungido” (Is 45,1). Isaías usa um conceito comum em sua época, o de que Deus, como os grandes reis na terra, teria um conselho para tomar suas decisões importantes. Referências a esta imagem encontramos por exemplo no Salmo 82,1-8.

O v. 1 na *Bíblia de Jerusalém* (2002, p.1313, nota a) é intitulado como “anúncio de libertação” e este anúncio carrega um tema importante para o capítulo e para a providência aqui avaliada, pois quem liberta é o Senhor, o povo recebe gratuitamente essa ação de Deus. É de muita importância ressaltar que o duplo imperativo “consolai” que se repete no Segundo Isaías (43,11; 48,11.15; 51,9.19; 52,1) fala do quanto é forte este sentimento e o verbo *naḥam* (consolar) é sempre para o agente (Deus) e o receptor (povo de Israel) mas que esta consolação é “intervenção divina que recria” entendemos ser a providência que se inclina e muda a vida de seu povo (BALLARINI, 1977b, p.188).

A Bíblia de Tradução Ecumênica (1994, p.666) traduz “consolai” como “confortai” e dá o sentido literal, em nota “*permitir soltar um profundo suspiro de alívio*”. Entendemos como um repouso, após uma tensão, uma certeza que tudo fica bem agora, é exatamente esta sensação de quem é atendido pela providência divina. Explica ainda, a Bíblia de Tradução Ecumênica, que este “confortai” aparece em Isaías 16 vezes, sendo 9 nos capítulos 40-55 e que este confortai é uma resposta a todo lamento elevado anteriormente e que parecia não ter fim (Lm 1,2). Percebemos o quanto a ideia da providência, apesar de não aparecer literalmente, compõe o significado do texto no seu conjunto. Existe uma mão que conduz ao que o povo mais deseja: a libertação. Esta libertação é tão garantida que segundo a BAC (1967, p.253) o fato de usar de repetição indica justamente a certeza da libertação, ou seja, a confiança na ação providente de Deus que com isso mantém a esperança, o ânimo do povo que carrega o peso de tantos anos no exílio e se encontra desanimado, justamente as dificuldades é que são ocasiões para a providência. O que quer aquele

que tudo tem? Exatamente na falta até de fé é que emerge melhor a ideia da providência de Deus junto ao povo que tudo perdeu, até a esperança do retorno. A base da providência é a certeza que o texto de Deuteroisaiás já no versículo 1 nos aponta, que o povo é do Senhor, pois ele profere “Confortai, confortai o meu povo”. A pertença, o cuidado e o amor de Deus não foram quebrados por causa do pecado, da idolatria, como nos escreve Croatto (1998, p.30). “Judá ainda é participante da Aliança”, mas ainda que tendo se afastado de Deus recebe o carinho de Deus. O profeta destaca essa relação de pertença mútua, Deus diz “meu povo” e Deuteroisaiás escreve “vosso Deus”, entendemos como um destaque para a certeza da pertença e do cuidado.

A reflexão a respeito do “vosso” e do “meu” ainda segue, pois se refere ao grande problema que o exílio gerou, a falta de memória do povo por ter passado tanto tempo exilado e no sofrimento. Esse padecer apagou no olhar do povo a imagem do seu Deus tornando-a “distante e inoperante”; os primeiros versículos justamente querem desfazer imagem e retomar a ideia de Deus sendo presente e providente, não apenas que faz as coisas, mas que tudo providencia, como no início, na criação, um agir gratuito que não depende do povo ser ou não fiel. O profeta oferece ao povo uma nova imagem de Deus, entretanto, não pede ao povo que aceite seu pecado, que tome sobre si seu padecimento e seu sofrimento de modo inativo, ao contrário, é libertação, é vida nova (CROATTO, 1998, p.30).

No v. 2 se destaca o fim da servidão forçada dos exilados. O texto é muito claro, refere-se ao tempo de escravidão do povo na Babilônia, também pode muito bem ser lembrado o tempo de escravidão no Egito (Ex 22), em todos os casos a paga pelo pecado é feita pelo Senhor, o povo não é cativo de seus erros. O texto também fala da consequência do pecado na vida do povo, sendo o exílio um resultado do ato pecaminoso e que Israel recebe no exílio da Babilônia duas vezes a paga pelo pecado cometido. O Segundo Isaías retoma este assunto mais adiante. Entretanto, fica claro que o tempo de sofrimento que o povo passou na Babilônia não significa apenas um castigo pois a experiência do exílio tem um tom também positivo apresentado pelo Segundo Isaías (BERGANT, KARRIS, 2013, p.32). Croatto destaca que a palavra de consolo não é dirigida apenas ao povo que está na Babilônia, mas também aos de Jerusalém, o passado e o presente, os que foram escravizados e os que permaneceram livres em Jerusalém, a todos deve ser retomada a certeza da presença e da providência de Deus para com seu povo. É preciso recriar o povo, o passado não deve mais mover as escolhas e pensamentos do povo. Tudo isso fica muito claro na

proclamação do v. 2, com o triplo “que”, isto é, que foi cumprido o “serviço”, que foi expiada a “iniquidade” e que foi realizada “paga dobrada”. Com isso, foi expiada a situação de “iniquidade” e de “pecado”.

1.3.2.2 O caminho do Senhor (Is 40,3-5)

³Voz do que clama: no deserto¹², abri
o caminho para o Senhor;
na estepe, aplainai
uma vereda para o nosso Deus.

⁴Seja entulhado todo vale,
todo monte e toda colina sejam nivelados;
transformem-se os lugares escarpados em planície,
e as elevações, em largos vales.

⁵Então a glória¹³ do Senhor há de revelar-se,
e toda a carne, de uma só vez, o verá,
pois a boca do Senhor o afirmou.

Nesta subunidade dos versículos 3-5 o povo está no caminho, saindo da Babilônia em direção a Jerusalém, o foco é o percurso que o povo faz, o novo êxodo. O caminho não é reto, sinalizado. Croatto comenta a realidade do deserto onde a areia não deixa marcas, podemos dizer que não existe uma determinação de ter que passar por aqui ou ali, como facilmente vemos na cultura goiana dos interiores onde seguimos por “trieiros” demarcados pelo tempo de uso. O povo segue para Jerusalém pelo mesmo caminho pois para retornar, fazer o trajeto entre Babilônia e Jerusalém a opção é rodear a Síria Setentrional que é toda montanhosa. Ainda que seja o mesmo caminho, cada um deve fazer seu percurso (CROATTO, 1998, p.31). O interessante que Croatto apresenta é que o destaque não é povo que caminha, mas o caminho. Seria possível aplainar as montanhas? Podemos ler nesta passagem que o “caminho é para o nosso Deus” o caminho é para Ele passar à frente do povo, portanto, ainda que existam colinas e montes o percurso é plano, a providência faz plano o que era curvo. Ela está à frente no caminho. Penso que a ideia de poder ver do v. 5 o que se fala e não ouvir o que se fala é exatamente o que Croatto comenta, a ação de Deus não é um espetáculo de coisas grandiosas que nos cegam de nossas realidades, ao

¹² “Deserto” (*mid^ebar*) é o primeiro termo que abre o campo semântico relativo ao caminhar sobre a natureza, com os termos seguintes: “caminho” (*dérek*), “estepe” (*‘arabah*), “vereda” (*m^esilah*), “vale” (*gey*), “monte” (*har*), “colina” (*gib^e‘ah*), “escarpa” (*‘aqob*), “planície” (*miysor*), “elevações” (*har^ekas*), “vales” (*biq^e‘ah*). As diversas expressões relativas ao caminho geográfico figuram como metáfora do caminho ideal do retorno do exílio.

¹³ “Glória” (*kabôd*) tem dois significados indissociáveis, glória ou esplendor, número ou riqueza. Aqui a “glória de Yhwh” se refere a Deus e, portanto, expressa a honra e o peso da ação divina que se manifesta (ALONSO SCHÖKEL, 2004, p. 306).

contrário, é justamente no cotidiano, experimentar o quanto Deus é grande e possibilita passar por este sofrimento, dando as condições de sair, há pois uma “legitimação da promessa” (CROATTO, 1998, p.31) que entendemos como contínua providência. É possível ver, experimentar a providência divina no caminho para Jerusalém.

O regresso do exílio equivale à revelação universal da glória de Deus. É este o tema central do Deutero-Isaías, se bem que a palavra glória seja empregada frequentemente no sentido de honra. *Kabôd* indica a prodigiosa manifestação da presença salvadora do Senhor no êxodo do Egito ou na criação (BALLARINI, 1977, p. 189).

Esta universal glória do Senhor expressa pelo Segundo Isaías será percebida por todo homem, ou toda carne. Ballarini (1977, p.191) expressa que com esse versículo Deuteroisaiás está diferenciando a grandeza e poder divino da fragilidade humana, pois a tudo que expressa Deus se realiza.

A BAC (1967, p.254) destaca que a natureza tem um papel importante pois ela faz ver a glória de Deus, eu diria, faz ver a providência divina, tudo deve ser renovado, inicia o novo êxodo, mas também a nova criação. A manifestação gloriosa de Deus que segue dispondo seus favores ao povo. Neste caminho o Senhor se manifesta em solene epifania. Ballarini (1977, p.189) escreve dizendo que neste percurso o Senhor vai à frente e toda natureza participa desta ação de Deus de fazer seu povo voltar a Jerusalém.

Os babilônios tinham uma prática antiga de procissão com seus deuses (COHN, 1996, p.188,) e alguns escritores falam desta possível influência sobre Isaías. O caminho era preparado para os deuses babilônicos ou o rei vitorioso. Em Babilônia havia uma avenida sagrada para esta procissão. No caso, parece que o profeta se refere a um caminho para o Senhor e seu povo que será conduzido pelo Senhor, como em um novo êxodo da Babilônia para Jerusalém. Este mesmo tema temos em diferentes profetas, como Jeremias (16,14-15; 31,2), Miqueias (7,14-15), Oséias (2,16) e Baruc (5,7-9) (BALLARINI, 1977, p. 189).

Segundo Bergant e Karris a voz no versículo 3 que proclama é a de um anjo que “faz cumprir um decreto divino” e fala que o caminho se refere à procissão triunfal do Senhor pelo deserto, este tema do êxodo é claro por causa da referência ao deserto. Trata-se da proclamação de um novo êxodo na escrita do Segundo Isaías que antes fora esperado por Oséias (Os 2) no século VIII, como já citamos acima. Esta libertação é vista pelo povo como uma revelação de Deus que ao invés de caminhar à frente do povo como o fizera na saída do Egito agora se manifesta pelos profetas e mostra a diferença entre a força da Babilônia, que é passageira e o poder

eterno de Deus pela sua Palavra que se cumpre, pois “o poder dos babilônios, aparentemente tão grande, agora fenece como a erva dos campos” diante da palavra inabalável do Senhor (BERGANT, KARRIS, 2013, p.32).

O versículo 3 relata a tensão da missão profética em meio à Palavra de Deus. Uma missão exigente de proclamar a Palavra, mas esta não vem do profeta e sim de Deus e a tensão do que então falar acompanha o profeta que continuamente experimente a transcendência de Deus em suas palavras. Mostra o quanto o poder de Deus é eterno e todas as coisas neste mundo lhe estão subjugadas desde sempre e para sempre (BERGANT, KARRIS, 2013, p.32).

Neste novo êxodo manifesta-se a glória de Deus. É o que destaca o início (Is 40,5) e o final (Is 55,13) do livro. Aqui reside uma significativa diferença em relação a Ezequiel. Para aquele, a glória divina estava bem mais centrada no templo. Em nosso Dêutero-Isaías, a glória de Javé eclode em meio a um evento histórico. O regresso dos libertos é seu paradigma. A Glória consuma-se na libertação. (SCHWANTES, 2007, p.124).

Entendemos que a providência reside nesta grandeza do ser de Deus que age sempre livremente para o bem, logo sua glória não está em grandes impérios, mas no bem do povo de Israel, obra de suas mãos. Deuterocanônicos traz esta novidade de mostrar os feitos gloriosos de Deus no processo de libertação do povo e não em obras suntuosas e teofanias miraculosas, ou seja, assim age a providência.

Alguns Padres da Igreja aludem a essa passagem para uma preparação moral para a vinda do Senhor, que os fiéis cultivem as virtudes pois elas seriam como que este caminho nivelado e reto para receber o Senhor. Neste contexto a principal virtude a ser desenvolvida é a esperança e a fortaleza, ainda que outras virtudes serão mais desenvolvidas no cristianismo. E que esta voz seria a figura de São João Batista, o precursor de Jesus “ao preparar as consciências dos judeus para recebê-lo devidamente, com espírito de penitência e de humildade (BAC, 1967, p. 255).

1.3.2.3 A efemeridade dos poderosos (Is 40,6-8)

⁶Eis uma voz que diz: Clama;
ao que pergunto: Que hei de clamar?
Toda a carne¹⁴ é erva¹⁵

¹⁴ “Carne” (*bašar*) designa desde o corpo carnal até a totalidade da pessoa. Nesse contexto, significa o efêmero, mortal, caduco, débil, em oposição a Deus (ALONSO SCHÖKEL, 2004, p. 121).

¹⁵ “Erva” (*ħašir*) designa grama, capim, pasto, ao lado de “flor” (*šiš*). O par “erva” e “flor” é repetido por três vezes nesses versículos 6-8 (além da glosa do v. 7 “o povo é erva”), para designar a fragilidade humana, em contraste com o “sopro do Senhor” (*ruah Yhwh*) e com a “palavra do nosso Deus” (*d̂bar ’elohenu*).

e toda a sua graça como a flor do campo.
⁷Seca a erva, e murcha a flor,
quando o vento do Senhor sopra sobre elas.
Na verdade o povo é erva.
⁸Seca a erva, murcha a flor,
mas a palavra de nosso Deus subsiste para sempre.

A grandeza de Deus e a fragilidade humana são percebíveis nas palavras do Segundo Isaías (v.6), o povo de Israel é volúvel, frágil, mas o Senhor é imutável e sua palavra permanece fiel pelos séculos (v.8). Os planos, os desejos e as decisões dos homens são como flor do campo, lindas, mas frágeis e passageiras. De Deus se vê o contrário, sua Palavra muda toda a história humana e se sustenta contra todas as formas de poder por mais majestosos e poderosos que sejam. O que estas palavras dizem ao povo? Estas palavras suplicam ao povo que confiem no Senhor, pois para *lahweh* basta uma palavra e todo curso da história muda. Por mais doloroso e opressor que seja o poder do inimigo ele nunca será maior que a bondade e o amor de Deus pelo seu povo. E assim como surge o inimigo também desaparecerá pelo simples sopro do Senhor (SI 103,6) pois assim está escrito e assim acontecerá, pois, a Palavra do Senhor é eterna e fiel (v.8) (BAC, 1967, p. 255).

A linguagem tem o mesmo estilo dos sapienciais falando por comparações e a princípio o foco se volta para a fragilidade humana e poderíamos nos ocupar em descrever o quanto a vida humana é singela e debilitada. Entretanto, Croatto (1998, p.32) nos apresenta um elemento mais importante desta perícopie, trata-se do paradoxo do poder e da fragilidade.

O povo de Israel se encontrava dominado pela grande potência militar, econômica e política que era a Babilônia. Basta uma pesquisa simples e poderíamos elencar as obras grandiosas do imponente Império babilônico. Em contraste, quem era Israel? Um simples povo, tão frágil quanto pequeno. Os babilônicos se curvam diante da palavra de Marduk, Israel deve confiar na Palavra de seu Deus. Diante “do vento (*ruah*) do Senhor” a erva murcha, o poder babilônico não se sustenta frente à força providente do Deus de Israel (CROATTO, 1998, p.32).

Aqui o profeta deve, com estes versículos amenizar o descrédito que o povo se encontrava diante da ação de Deus. O poder, a grandeza da Babilônia ofuscou, apagou todo o processo salvífico, a criação, as obras de Deus em favor do povo. Estes versículos, tendem a seguir a função de consolar o povo. Assim como Croatto, Ballarini destaca a fragilidade a transitoriedade expressa na imagem da erva, e de fato concorda que o texto coloca em oposição duas realidades: transitoriedade e eternidade, fragilidade e força. O que nos leva a pensar que os projetos humanos

serão sempre frágeis e transitórios, mas o que vem de Deus (sopro) é permanente e forte, sua providência não falha e nenhum poder humano pode contra ela (BALLARINI, 1977, p.190) os planos dos homens, por mais poderosos que sejam, desvanecem diante da Palavra de Deus (BAC, 1967, p.255).

1.3.2.4 O poder do pastor (40,9-11)

⁹Sobe a um monte,
 mensageira¹⁶ de Sião;
 eleva tua voz com vigor,
 mensageira de Jerusalém.
 Eleva a voz, não temas, e dize às cidades de Judá:
¹⁰Eis¹⁷ aqui o vosso Deus.
 Eis aqui o Senhor DEUS: Ele vem com poder,
 seu braço assegura a sua autoridade;
 eis com ele seu salário
 diante dele a sua recompensa.
¹¹Como o pastor ele apascenta o seu rebanho;
 com o braço reúne os cordeiros,
 carrega-os no regaço; conduz carinhosamente as ovelhas que
 amamentam.

Os versículos 9-11 formam um conjunto, nele temos uma ordem expressa pelo Senhor para que a mensageira da cidade proclame a boa nova. O verbo está no feminino indica a cidade de Jerusalém, prefigurando a comunidade de Israel que precisa aceitar a boa nova da libertação. Essa exortação se dá pelo fato de que muitos judeus se acostumaram a viver na Babilônia, retornar para alguns é uma grande perda. Ao profeta e à comunidade cabe animar para que retornem a Jerusalém, ou seja, “que aceitem a libertação”. Trata-se de um novo êxodo, assim como o povo reclama com Moisés e sente falta do Egito, na Babilônia o povo se acostuma com a escravidão e se recusa à libertação. A libertação é dada por Deus, mas ela só acontece quando a aceitamos. A imagem do pastor que aparece é a típica figura da presença de lahweh ao lado do seu povo de modo amoroso, com cuidados carinhosos

¹⁶ “Mensageira” (*mebašeret*) é a palavra feminina que significa arauta, mensageira, e foi traduzida em grego como “evangelista”, anunciadora da boa nova. A expressão é repetida duas vezes, em paralelo, “mensageira de Sião” e “mensageira de Jerusalém”. As traduções variam entre este primeiro sentido, “mensageira” como uma voz profética dirigida à cidade (*Bíblia de Jerusalém*) ou como a própria cidade como mensagem profética dirigida às cidades de Judá (*Bíblia Tradução Ecumênica*). Conforme a discussão de Steinmann (1976, p.103), trata-se da voz divina dirigida ao profeta, poderia ter sentido coletivo, e poderia designar a função de anunciar.

¹⁷ “Eis” (*hinneh*) é repetido três vezes (v. 9f.10a.10c), “como brado e gesto indicador, ele nos vai apresentando: primeiramente, ‘vosso Deus’, depois, observa o seu braço forte (mudando fórmulas tradicionais do êxodo), logo, o cortejo do vencedor” (ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 285).

e ainda com poder e braço forte para salvar a ovelha (BERGANT, KARRIS, 2013, p.32).

Estes versículos também destacam a proximidade do Senhor para com seu povo fragilizado e inconstante. A sua presença é anunciada com esplendor de um rei vitorioso, com poder e força, que retorna com o prêmio. Este prêmio é a libertação para o seu povo, de seus inimigos. O contraste nestes versículos aparece nas imagens de um guerreiro vitorioso e do pastor. Na verdade, o Senhor é para seu povo o libertador e o pastor, aquele que cuida e conduz com amor e zelo (BAC, 1967, p. 256). Schwantes fala desta ação como que o cuidado, o que pode ser entendido como a providência de Deus:

Montes e árvores baterão palmas (Is 55,12) para o cortejo dos que retornam. Javé ser-lhes-á retaguarda e vanguarda (Is 52,12), para que não lhes suceda nada de mal. Sim, o cuidado divino será tamanho que se parecerá ao resgate de cordeirinhos: “Entre seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará no seio. As que amamentam, ele guiará mansamente” (Is 40,11) (SCHWANTES, 2007, p.124).

Podemos destacar a famosa fórmula “não temas” tão conhecida por meio dos oráculos de salvação. Convém destacar essa fórmula pois a segurança que ela proporciona vem do poder de Deus, este poder se faz presente e por isso inibe o medo (CROATTO, 1998, p. 33). O versículo segue com uma preciosa imagem que vai grandemente ganhando seu lugar, a do bom pastor. A providência certamente parte de um coração bom, carinhoso, que quer cuidar, pois a iniciativa é dele (v.10), a insistência e permanência em querer providenciar (v.10) sempre partem de Deus, que desde o ato vocativo na vida do profeta para falar ao seu povo (SILVA, 2007 p.28) ao maior poder do pastor que é seu amor e sua providência. Essa importância encontramos no v.9 que justamente prepara esta mensagem do bom pastor, pois fala que deve ser elevada a voz, o anúncio é jubiloso, grandioso (BALLARINI, 1977, p.191). No Segundo Isaías a maior ação providente está na libertação, porém ela vem como consequência do perdão:

Portanto, o retorno é o novo. O perdão abre espaço para esta evangelização (Is 40, 9 e 52,7). O retorno é, pois, em Segundo Isaías, o complemento do perdão. Ambos são indissociáveis. Perdão e êxodo libertador se parecem a dois lados de uma mesma moeda (SCHWANTES, 2007, p.124).

A providência vem pelo braço do Senhor (v.10), que liberta, que age em favor do povo. Ballarini destaca uma contradição muito interessante, para o povo que

vive debaixo de tão grande império Deus poderia ter sido apresentado como um líder que vence a outro, ou como o rei que vence o reinado babilônico, mas Deuteroisaiás apresenta a Deus como o bom pastor, “ocupando-se afetuosamente dos cordeirinhos” eis o reflexo claro da providência na ternura e carinho com que o profeta reflete a imagem de Deus junto a seu povo, essa mesma imagem estará no NT encarnada em Cristo (BALLARINI, 1977, p.191).

1.3.2.5 A providência é poderosa e sábia (40,12-17)

¹²Quem pôde medir as águas¹⁸ do mar na concha da mão?

Quem conseguiu avaliar a extensão dos céus a palmos,
medir o pó da terra com o alqueire
e pesar os montes na balança
e os outeiros nos seus pratos?

¹³Quem dirigiu o Espírito do Senhor,
ou como conselheiro, o instruiu?

¹⁴Com quem se aconselhou, para que o fizesse compreender,
para que instruisse na vereda da justiça¹⁹,
para que lhe ensinasse conhecimento,
para que o fizesse conhecer o caminho do entendimento?

¹⁵Para ele as nações não passam de uma gota que cai do balde,
são reputadas como o pó depositado nos pratos da balança.
As ilhas pesam tanto como um grão de areia.

¹⁶O Líbano não bastaria para o seu fogo, nem a sua fauna para um holocausto.

¹⁷Todas as nações são como um nada perante dele;
não passam de coisa vã e nada.

A linguagem na segunda parte de Isaías 40, correspondente aos versículos 12 a 31, muda de tom, saem de cena os imperativos predominantes anteriormente e entram as perguntas retóricas. Outro dado interessante é a mudança de ato, na primeira parte (Is 40,1-11), em que Deus manda consolar, quer dizer que o consolo era seu desejo, enquanto nesta parte (Is 40, 12-31) consolar é um ato (BERGES, 2010, p.85) e entendemos como um ato providente e eficaz. Percebemos que o Senhor é o incomparável e grandioso Deus de Israel. Continuamente, em formas de perguntas retóricas é apresentado quem é o Senhor. A primeira série de perguntas, segundo Bergant e Karris lembra Jó nos capítulos 38-41. A resposta mais evidente e

¹⁸ “Águas” (*maim*), “do mar” pode ser acréscimo posterior. Seguem-se, aos pares, em paralelo, os elementos da natureza, no v. 12: “águas” (*maim*) e “céus” (*šamaim*), “pó da terra” (*‘apar ha’areš*), “montes” (*harim*) e “outeiros” (*g^oba’ôṭ*). O mesmo campo semântico retorna no v. 15.

¹⁹ “Vereda da justiça” (*‘oraḥ mišpaṭ*) em paralelo com “caminho do entendimento” (*dérek t^obunot*), ambos referindo-se à conduta histórica (ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ (1988, p. 288).

insistente é que o Senhor é criador e domina toda terra (BERGANT, KARRIS, 2013, p.32).

Nada deve desesperar a respeito das promessas divinas se se tem em conta a onipotência de Deus e sua superioridade sobre todas as criaturas. Ele conserva todas as coisas em seu peso e medida: mede os céus, os reconhece em suas mãos e calcula em um terço. Sua sabedoria é proporcional ao seu poder, e não necessita de conselho algum (v.13). Nada poderá opor-se a seus desígnios, pois os povos e as nações (v.15) são como gotas de água em um recipiente, ou pó em uma balança em comparação com o poder e inteligência de Deus. E mais, o Senhor é tão imenso que não haveria bastante fogo no Líbano nem animais suficientes para preparar um holocausto digno dele (v.16) (BAC, 1967, p. 257).

Com toda certeza podemos ver os sinais da providência no relato de Deuteroisaiás, como agiria a providência se seu autor fosse fraco ou impotente? É necessário mostrar ao povo, convencer os destinatários nos expressa Croatto (1998, p.34) lembrar o quanto o Senhor é poderoso e isso se percebe na sequência de afirmativas da onipotência divina na criação (BAC, 1967, p.256). Deus conserva todas as coisas, ou seja, seu poder não era restrito ao ato criador, mas sustenta a criação, e esse sustentar é verdadeiramente prover que todas as coisas sejam e de fato essa ação é grandiosa. É claro que as perguntas ecoam o tom da retórica, Croatto chega a dizer que para as duas primeiras perguntas facilmente respondemos de modo único: ninguém pois o Senhor “se basta a si mesmo” (1998, p.34).

Constatamos ainda que a sabedoria de Deus é proporcional ao seu poder, pensar essa afirmação com Isaías é entender a providência livre dos limites humanos e nem dependente de algo que lhe impeça de atuar em seus desígnios. Tudo em comparação com Deus é insignificante (BAC, 1967, p.256).

Croatto fala das intervenções divinas como que uma ação projetada por ele mesmo e que não carece de conselhos ou consultas a outros. É no caminho que o povo percorre, ao longo da história que Deus manifesta este projeto que entendemos ser a providência atuando nas mais variadas intervenções salvíficas. O termo usado refere-se ao poder, governo e Croatto discursa: “*mishpat* é uma intervenção poderosa de Javé para executar e restabelecer seu plano salvífico” (CROATTO, 1998, p.38). Exatamente isto é a providência, o poder de Deus agindo para a salvação, não se trata de favores fúteis, mas o zelo amoroso que age continuamente em vista do bem eterno. O texto aos poucos vai construindo este caminho que conduz a mente do leitor.

É necessário citar as nações, o povo de Israel passou anos em meio a diferentes culturas e sobretudo a babilônica impactou profundamente a mente de

Israel por sua grandeza e imponência. Esta parte do texto encerra exatamente afirmando o “nada” que são os outros povos. Não se trata, de modo algum de desprezar as outras nações ou ridicularizá-las, o que está em jogo aqui são os deuses das outras nações e o Deus de Israel. Para os deuses babilônicos toda a opressão, escravidão é justificada, mas o Deus de Israel é o oposto (CROATTO, 1998, p.39). Steinmann expõe que:

A unicidade de Deus, visível na criação, passa por ensinamento tão antigo quanto o mundo, por evidência. O único traço distintivo do Deus inefável que possa dar o profeta, é o lugar do Criador, lá mesmo onde os babilônicos colocavam os corpos austrais de seus deuses, no céu (1976, p.109).

Com isso fica claro que o Deus de Israel não é distante e preso a um espaço como no templo, mas que está em toda sua obra, está sentado acima do firmamento celeste e desta posição que a tudo permite ver, rege o mundo em sua bondosa providência (STEINMANN, 1998, p.34). O poder de Deus vem sempre relacionado à sua bondade. Aos poucos a onipotência vai perdendo o tom de severidade, rigidez, e se abre para o diálogo entre poder e paternidade, criação e bondade, providência e cuidado amoroso, onipresença e liberdade. Verdadeiramente o texto revelado é o mesmo, mas o passar do tempo no contexto histórico e cultural é que vai oferecendo elemento de maior ou menor compreensão.

1.3.2.6 A providência governa a criação (40,18-24)

¹⁸A quem, comparar²⁰ Deus?
E que comparação poderíeis dele fazer?
¹⁹O artífice funde uma imagem,
o ourives a reveste de ouro,
para ela funde cadeias de prata.
²⁰Aquele que faz oferenda de pobre,
escolhe madeira que não apodreça;
busca um artífice perito,
capaz de erigir um ídolo que não vacile.
²¹Não o sabeis? Não ouvistes dizer?
Não vos foi anunciado desde o princípio?
Não compreendeste a fundação da terra?²¹

²⁰ “Comparar” (da raiz verbal *dmh*) significa parecer-se, assemelhar-se, igualar-se, ser como; competir... A mesma raiz compõe o substantivo do verso paralelo, daí a tradução “comparar... comparação”, de acordo com o original, para distinguir do substantivo “imagem” (*pésel*) no verso seguinte e repetida no final do v. 20 (ALONSO SCHÖKEL, 2004, p. 158). A *Bíblia Tradução Ecumênica* (TEB) procura manter o original e explica “*assemelhar* e *simulacro*, palavras de raiz igual (utilizada também em Gn 1,26)”. Os v. 18-20 desenvolvem o processo de fabricação de imagens de ídolos, em vista da polêmica contra as divindades babilônicas.

²¹ Os quatro interrogativos deste v. 21, introduzidos com “não?” (*halo*) “aludem àquilo que o israelita aprende a respeito da criação, provavelmente pela reza de alguns salmos” (ALONSO SCHÖKEL;

²²Ele está entronizado sobre o círculo da terra,
 cujos habitantes são como gafanhotos;
 ele estende os céus como uma tela,
 abre-os como uma tenda, que sirva de habitação;
²³Ele reduz os príncipes a nada,
 e faz dos juízes da terra em coisa vã.
²⁴Mal foram plantados, mal foram semeados,
 mal o seu caule deita raízes,
 já o sopro de Deus cai sobre eles
 e eles secam;
 a tempestade os leva como a palha.

Na sequência, os versículos 18-24 seguem a pergunta retórica com acentuado tom de desprezo pelos outros deuses ao que responde falando sobre o poder soberano do Senhor com quem nada pode ser comparado e por isso não pode ser representado por imagens, como fazem com os deuses babilônios. O Senhor não pode ser comparado aos outros deuses e pode destruí-los pois tudo foi feito por Ele também aparece este dado teológico nos Salmos 93 e 95 (BERGANT, KARRIS, 2013, p.32).

lahweh é rei da natureza (v.22) e rei dos reis (23-24); portanto, está fora de comparação (v.25). Os mesmos astros, objeto de máxima admiração, são obras do Senhor. Deus está fora de toda comparação, é o Santo (v.25), isto quer dizer o inacessível, o transcendente, quem, por outra parte, tem contado as estrelas, que faz desfilar designando-as por seu nome (v.26), obedecendo elas desfilam como exército disciplinado sem que nenhuma falte ao chamado (BAC, 1967, p. 258).

Toda esta preocupação do Deuteroisaiás em falar dos ídolos babilônicos se justifica pelo fato do povo estar ameaçado pela cultura e religiosidade da Babilônia, afinal foram muitos anos ouvindo e vendo o costume do povo que lhe retirou tudo. O sofrimento e o tempo também colaboram para que a fé do povo esteja fraca e então o profeta precisa renovar essa certeza da providência divina e o modo mais eficaz trazer à memória as obras realizadas ao longo da história, a começar pela criação “declarações e contra declarações desaguam na afirmação solene da soberania exclusiva do Senhor” (AMSLER, 1992, p.308).

Outra grande diferença entre o Deus de Israel e os deuses babilônios é a nulidade, ao contrário, lahweh é onipotente, criador, e transcendente, já os ídolos são obra de seus devotos o que o Segundo Isaías descreve de modo bem cômico, ao relatar como são feitos desde o modo do artista até o material que é usado. O profeta

SICRE DIAZ (1988, p. 288). Os versículos seguintes (v. 22-24) exaltam a grandeza de Deus, cujo sopro se compara ao poderio dos fenômenos da natureza.

apresenta neste texto que a diferença entre os deuses da Babilônia com o Senhor se entende estudando a criação. Se quem faz os deuses são pessoas e essas pessoas são infinitamente frágeis diante do Senhor acreditar nos deuses babilônios é uma estupidez sem tamanho. O Segundo Isaías descreve a estrutura da terra entendida na época em contrapartida com o céu para fazer ver o quanto Deus é poderoso, pois está acima de todo poder ou força que se erga na terra, mas ele acima de tudo pode a tudo dominar e é inacessível para de algum modo se abalar, nada escapa da ação de Deus, nem o mais poderoso príncipe. A imagem da tempestade exprime as revoluções que Deus estabelece como meios que expressam sua justiça contra dinastias poderosas e opressoras (BAC, 1967, p. 257).

Na verdade, para a comunidade do Segundo Isaías, criar e resgatar (proteger) são expressões muito parecidas, ligadas à vida, e acontecem dentro da história. O povo, no exílio, está alquebrado, humilhado e sem forças para lutar por sua liberdade, por isso a segurança da comunidade está na presença de seu redentor, que se vingará dos inimigos e garante a vitória sobre a Babilônia e suas divindades (NAKANOSE, PEDRO, 2004, p.40).

O poder de Deus é demonstrado por um argumento irrefutável: a criação. Deus tem autoridade sobre todos os eventos que acontecem na história, dizemos ele providencia a história da salvação da humanidade. Somente o Criador pode medir, conhecer sua obra, como vemos o Segundo Isaías destacar nestes versículos. Todas as coisas que parecem carregar um domínio ou superioridade estão debaixo da mão divina (BERGES, 2010, p.85).

Ambrósio, ao comentar esta perícopa chama a atenção dos cristãos dizendo que o texto exorta a contemplar as coisas criadas por Deus e sua grandeza e não se deixar ofuscar pelas grandezas produzidas pelas mãos humanas tipicamente encontradas em Babilônia, mas que ouro, prata e tudo de riquezas neste mundo são insignificantes diante de Deus (apud ELLIOT, 2014, p.64). Teodoreto de Ciro chega a declamar que na falta de palavras para mostrar a grandeza de Deus, Deuteroisaiás usa da criação (apud ELLIOT, 2014, p.65).

Tomamos o comentário de S. Jerônimo muito significativo para a providência. Ele afirma que ainda que se perceba ao longo da história grandes impérios dominando com suas artes e poder, Israel pode com toda tranquilidade avaliar os fatos e perceber que nenhum dos reinos, por mais poderoso que fosse permaneceu de pé, todos ruíram e seguem o mesmo ciclo. Ele pergunta, “quantos reis já passaram pela história?”. Nenhum imperador por mais poderoso que fosse permaneceu no poder de modo contínuo e seguro, viviam constantemente com a ameaça da derrota. S. Jerônimo

disserta que esses reis e poderosos não foram plantados e nem consolidados com raízes fixas. Basta uma ordem de Deus e eles são arrastados pela tempestade. Quem os eleva e rebaixa é o único Deus (ELLIOT, 2014, p.64). A ação providente na história atua nas grandes e nas pequenas coisas.

1.3.2.7 A providência fortalece, sustenta, renova e encoraja (40,25-31)

²⁵A quem me haveis de comparar?
A quem me assemelharei?
Pergunta o Santo.
²⁶Elevai os olhos para o alto e vede:
quem criou estes astros?²²
É ele que fez sair seu exército
em número certo e fixo.
A todos chama pelo nome.
Tal é o seu vigor, tão grande a sua força
que nenhum deles deixa de apresentar-se.
²⁷Por que dizes tu, Jacó, e por que afirmas, Israel:
O meu caminho está oculto ao Senhor;
o meu direito passa despercebido a Deus?
²⁸Não sabes? Não ouviste dizer?
O Senhor é Deus eterno,
Criador das extremidades da terra.
Ele não se cansa nem se fatiga,
sua inteligência é insondável.
²⁹Ele dá força ao cansado,
que prodigaliza vigor ao enfraquecido.
³⁰Mesmo os jovens se cansam e se esgotam;
até os moços vivem a tropeçar,
³¹mas os que põem sua esperança no Senhor renovam suas forças,
abrem asas como de águias,
correm e não se esgotam,
caminham e não se cansam.

Na terceira e última parte, nos versículos 25-31 segue-se o mesmo esquema das perguntas retóricas que inicia em duas solenes perguntas: “A quem me haveis de comparar? A quem me assemelhareis?” (40,25). A resposta é dada convidando a que se olhe para os astros. As estrelas para os babilônios eram de grande valor, entendidas como divindades a quem se prestava homenagem. O texto expressa a grandeza desse fenômeno no céu, porém deixa claro que maior é quem o fez e o mantém em ordem no céu. Também há no Segundo Isaías a passagem da informação

²² “Estes astros” (*'eleh*), literalmente “estas (coisas)”, traduzido pela *Bíblia Tradução Ecumênica* (TEB) como “estes seres”, refere-se claramente aos seres celestes, como em seguida se explica pelas expressões “seu exército” a quem “chama pelo nome”. O texto retoma, assim, a polêmica com a Babilônia, em que os astros eram divindades, enquanto para o texto bíblico eles são obedientes a Deus (ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ (1988, p. 288).

de que todos os astros são obras de Deus, portanto, estão debaixo de suas ordens já pré-determinadas conforme os planos divinos, o que oferece ao povo de Israel mensagem suficiente para não acreditar nas crenças pagãs babilônicas em seus príncipes e governantes, com isso Isaías fortalece a confiança do povo para que de fato acredite que Deus tem poder para libertar seu povo (KLEIN, 1990, p.121).

As duas perguntas retóricas que abrem esta sessão chamam a atenção para a diferença entre o Deus de Israel e as divindades babilônicas. Assim como na Babilônia eram considerados deuses os astros e outros elementos da natureza, assim também o autor bíblico contrapõe a diferença do Deus único, a serviço do qual está a natureza. Daí as denominações para o Deus de Israel, “o Santo” (v. 25), “Deus eterno, criador das regiões mais remotas da terra” (v. 28), além das demais qualidades que o texto lhe atribui. Conforme conclui Teixeira Neto (2015, p. 2), “O texto de Isaías 40.25-26 é um exemplo disso, em que o profeta do século VIII faz uso da polêmica como recurso literário para enfatizar a supremacia de Yahweh sobre os deuses babilônios”.

No versículo 27, o profeta exorta ao povo desesperado que se sente abandonado no exílio a confiar no Senhor pois ele está sempre ao lado dos seus eleitos e em nenhum momento deixaria de olhar pelo seu povo. Seguindo pelo versículo 28, observamos que a palavra exorta sobre o poder do Senhor, sua presença que não se cansa, mas é essa presença que sustenta o abatido e o cansado. O Senhor está ao lado do povo para que não desanime. Ele é fonte de renovação (STEINMANN, 1976, p.113). Para o povo no exílio era muito complicado manter a esperança da libertação e, no entanto, muitos a sustentaram, graças ao Senhor. Por entender que Deus era soberano, acima de todas as forças e opressões humanas existe um Deus maior.

O Segundo Isaías estava convencido de que sua fé agora estava demonstrada pela queda da Babilônia. Note-se que no versículo 25 Deus é chamado de “o Santo”, título encontrado em muitas vezes no Primeiro Isaías (BERGANT; KARRIS, 2013, p.33).

Esta confiança no Senhor não era algo fácil para o profeta manter entre o povo. Muitos desanimavam, mudavam sua opção religiosa. Daí a expressão dita àqueles que já não se lembravam do que ouviram dizer do Senhor. Fala da grandeza novamente, mas retoma um tema caro a quem está abatido e cansado, para quem possivelmente vive na velhice sem um fio de esperança, talvez perdido entre dores e sofrimentos. O profeta lembra da fé que se deve ter, essa fé tem uma força sobre o fiel de lhe renovar as forças. A fé anima ao cansado, renova as forças do abatido.

Essa fé tem a graça de fazer do fraco uma pessoa mais forte que um jovem em tenra idade (v.28-30). Deus, pela fé passa um vigor que renova o ânimo, age na alma dos que nele esperam como que dando-lhe uma nova vida, essa vida nova é simbolizada pela imagem da águia, que pela vida age sem medo de desfalecimento e faz agir impetuosamente (v.31), (BAC, 1967, p.258).

Como o barro nas mãos do oleiro, Deus, o criador de todas as coisas, sustenta a história em suas mãos (BERGES, 2010, p.85). Da mesma forma, Teodoreto expressa que sendo Deus criador conhece a todas as suas obras e que a pessoa deve saber que assim como Deus falou com Moisés, continua a falar com seu povo. De modo detalhado, ao que Orígenes completa dizendo que ao homem só é possível entender essa ação de Deus se tomar tempo para contemplar “as coisas mais elevadas” sendo a criação um testemunho constante da obra, conta S. Jerônimo (apud ELLIOTT, 2014, p.67).

À semelhança do escrito sacerdotal, que data da mesma época, também aqui os autores fazem derivar o poder de Deus sobre a histórica a partir de sua autoridade na criação. Como somente ele pode medir a criação, pois é seu criador (v.26.28; Gn 1,1), assim também tem ele nas suas mãos a história: “o Senhor é um Deus eterno, criador dos confins de toda a terra” (v.28). Assim como nada pode medir o atuar criador de Deus, assim também é insondável seu plano histórico para com Israel e as nações (v.14). Criação e história são em igual medida domínios do Deus de Israel (BERGES, 2010, p.85).

Essa ação providente podemos encontrar nos versículos e destacamos que se Deus faz sair seu exército (v.26) isto se dá, pois, o exército confia no seu general. Essa confiança está no poder do Senhor, mas também no seu amor e cuidado de bom pastor como já foi dito nos versículos anteriores, visto que se percebe a continuação aqui onde se lê que “a todos chama pelo nome” o que indica intimidade atenção pessoal e rico interesse.

No comentário da BAC (1967, p.258) é destacada a realeza de Deus:

O Senhor é rei da natureza (v.22) e rei dos reis (v.23-24) e, portanto, está fora de toda comparação (v.25). Os mesmos astros, objeto de máxima admiração, são obra do Senhor. Deus está fora de toda comparação, é o Santo (v.25), o inacessível, o transcendente, quem, por outra parte, tem contado as estrelas, que as faz desfilar e as chama pelo seu nome (v.26) obedecendo, elas, como exército disciplinado, sem que nenhuma falte ao chamado (BAC, 1967, p.258).

Temos aqui o aspecto transcendente da providência, essa palavra nem é comum no cotidiano das pessoas, parece mesmo pouco aplicada à realidade das relações humanas. O que providencia parece ser uma característica de quem está mesmo acima das limitações. Deus, como senhor de todas as coisas que a tudo domina pode tudo ordenar (1967, p.258). Sendo Deus criador de todas as coisas é

também providente. Se Ele se digna criar por que não manteria essa criação pela ação providente? (apud ELLIOTT, 2014, p.69).

No texto de Deutero-Isaías se pode perceber melhor que em muitos outros profetas os aspectos do desânimo, da desilusão e dúvidas. Deutero-Isaías é verdadeiramente o livro da consolação pois enfrenta esta situação difícil. Ele tem procurado mostrar as eventuais referências ao Êxodo se diluem frente à importância de um diversificado desenvolvimento da proposição: creio na providência – o Senhor é conosco (SIMIAN-YOFRE, s.d, p.69).

Interessante esta citação, pois o autor destaca que quando o foco está na travessia, na passagem de um lugar para ou outro, possivelmente não nos damos conta do quanto o Deus é providente e cuida em tudo de seu povo. Não queremos retirar o tema do êxodo, ao contrário, queremos por ele também entender a providência divina. Vejamos, já no primeiro êxodo, a providência age em grandes momentos, possibilitando a libertação do povo do jugo do Egito, uma potência tão poderosa que se curva diante de Deus. Entretanto, passados esses acontecimentos grandes, o povo segue precisando de Deus constantemente, até para suas necessidades básicas como a alimentação, uma sombra etc (SIMIAN-YOFRE, s.d., p.69).

Não é diferente aqui na saída da Babilônia, um novo êxodo, uma nova criação, em que o povo, para de fato sair do exílio, não tem ânimo, não vê sentido, não entende de onde vem sua libertação, não se anima para tomar sua vida, sua nação, sua história novamente nas mãos, parece acostumado a se diluir no reino da Babilônia (CAZELLES, 1986, p.209), acostumado a não fazer sua história, viver sua cultura, adorar seu Deus.

O verbo “*bara*”, de grande intensidade teológica, havia sido usado em relação aos astros (símbolo dos deuses no âmbito imperial) no v.26. Aqui é empregado em sentido geopolítico. Em ambos os casos, fica enfraquecida a intervenção de outros deuses na atitude humana. Por consequência, o Senhor é o único ator na história, da mesma forma que o é no cosmo. (CROATTO, 1998, p.43-44).

Deuteroisaiás escreve justamente este momento e aqui nestes versículos o quanto o povo precisou da providência divina para sair e recomeçar. Sem esta força que renova e abre as asas da águia para voar o povo não conseguiria retornar para seu caminho de salvação, de vida nova, de libertação, assim é a providência em Deuteroisaiás.

Não obstante, a polêmica contra mundo pagão dos deuses e contra suas imagens forma parte da mensagem do Deutero-Isaías. Sua previsão é o primeiro preceito do decálogo e o segundo objeto do canto triunfal. O conhecimento da verdade expressa em ambos os preceptores se transforma no Deutero-Isaías em um elemento de consolo para Israel deportado, ao qual suspira debaixo da pressão do suntuoso mundo dos deuses babilônicos e diz: “meu caminho está oculto ante o Senhor, e Deus ignora minha causa” (40,27). “Me abandonou o Senhor, o Senhor me esqueceu” (49,14) (ZIMMERLI, 1980, p.254-255).

Ainda no texto da BAC (1967, p.258) se entende que esta ordem divina tem o objetivo de dar esperança ao povo que se encontrava desanimado e sem fé em Deus. Já não havia mais nenhum sinal de volta ou mudança do exílio para a liberdade. O clima entre o povo de Israel era de acomodação, conformismo com o que já por tantos anos se passava (v.27). Cabe ao profeta renovar o ânimo de seu povo para que retorne. E como o profeta anima o povo? Retomando a imagem de Deus, antes de tudo sua santidade, diante dele todos os deuses são nada e se anulam (v.17; 23). Sendo Deus incomparável é sumamente santo e verdadeiramente “dentro do livro de Isaías, somente em Is 40,25 se invoca a Deus como “o santo” (*qados*) em sentido absoluto” (BERGES, 2010, p.85).

Lembrando-lhe os atos providentes de Deus por meio de sua transcendência e onipotência, uma presença que ajuda, fortalece, anima mesmo o mais desfalecido encontra forças no Senhor. Isaías chega a dizer que aquele que tem confiança no Senhor tem mais vigor que os jovens (v.28-30). De Deus vem a força, o vigor o “otimismo que servem de asas para voar impetuosamente, como águia nos caminhos da vida, sem medo de desfalecer” (BAC, 1967, p.258).

Ainda que o povo tivesse certeza do poder e da providência divina ao longo da história, ficava ainda a dúvida se de fato ele estaria disposto a libertar o povo (v.27) que não era fiel aos seus mandamentos. Para essa dúvida do povo, Deuteroisaiás apresenta claramente as razões pelas quais Deus libertaria seu povo, descritas por Klein (1990, p.122) em quatro pontos:

Primeiro: Deus é eterno, para ele não existe passado, ou futuro, ele atua sempre no agora.

Segundo: Ele é o criador, tudo que acontece está debaixo de seu poder e conhecimento e não há limites para seu poder;

Terceiro: sendo Deus soberano ele não se cansa, está totalmente além do tempo e do espaço;

Quarto: ninguém conseguiria entender, perscrutar os pensamentos, a inteligência do Senhor, logo, o dia e o modo da libertação se darão conforme os planos divinos.

Claro que Klein (1990, p.121) conclui seu pensamento certo de que Deus convence o povo de seu domínio na história libertando o povo por meio de Ciro²³, um gentio, mas deixa claro que quando Deus quer ele faz e o faz porque tem poder para isso, mas nós concluímos que o faz porque é providente para com seu povo. Gottwald (1988, p.463) chega a dizer que o Senhor “equipou Ciro para destruir a Babilônia e assumir o império mundial. Da fraqueza fez surgir um servo para na força levar a justiça de Deus a todas as nações.

Croatto (1998, p.44) escreve que o “projeto de libertação” que o profeta anuncia está diretamente ligado à fé do povo que deve saber que Deus não apenas pode, mas que ele “tem vontade de salvar”.

Interessante notar que no primeiro êxodo Deus luta contra os deuses do Egito e seu representante que é o faraó. Aqui o Senhor não luta contra os deuses babilônicos, o profeta tem a missão de convencer o povo de que Deus pode libertá-los e que não lhe falta poder para isso (CROATTO, 1998, p.45). Verdadeiramente diante de todos os acontecimentos, Deuteroisaiás apresenta uma “guinada escatológica”, estamos encerrando um ciclo da história e com Ciro se inicia outro, pois cabe ao povo renovar suas forças juntamente com sua esperança e celebrar (GUNNEWEG, 2005, p.291).

²³ Schwantes (2007, p.125) expõe: Deuteroisaiás saúda Ciro. Designa-o “ungido” (Is 45,1). Interpreta seus avanços militares como estando dentro do próprio projeto do Senhor. Por um lado, a vitória dos persas voltará a dar futuro aos exilados. Libertá-los-á do cativoiro (Is 45, 13). Neste sentido, os avanços de Ciro correm por amor do meu servo Jacó” (Is 45,4).

CAPÍTULO 2: PROVIDÊNCIA EM ISAÍAS 40 CONFORME SANTO TOMÁS DE AQUINO

Tendo feito a exegese do capítulo 40 de Isaías, no capítulo anterior, passamos agora ao comentário de Santo Tomás ao mesmo texto de Is 40, a partir do conceito de providência. Primeiramente, apresentamos uma visão geral, passando pelo contexto de Santo Tomás e a Sagrada Escritura, com um panorama sobre a hermenêutica bíblica medieval e, especificamente, a de Santo Tomás. Expomos introdutoriamente o pensamento de Santo Tomás sobre o Segundo Isaías. No segundo momento deste capítulo, entramos na temática bíblica e filosófica que é a providência na visão de Santo Tomás no texto de Isaías 40. Seguindo a estrutura do próprio Tomás, passamos à temática do convite à consolação e da providência no comentário de Santo Tomás a Isaías 40. Logo em seguida, refletimos sobre a promessa do consolador, encerrando com o tema do poder providente de Deus em Isaías 40, comentado por Santo Tomás.

De Santo Tomás, o que mais conhecemos são suas Sumas e sempre que nos referimos aos seus comentários bíblicos alguém se admira, pois hoje a maior parte dos estudantes de teologia desconhecem este aspecto nas obras de Santo Tomás. O estudo sobre os comentários de Santo Tomás aos textos bíblicos é consideravelmente raro. Mesmo grandes comentadores de Santo Tomás pouco falam a respeito (ELDERS, 2010, p.16).

2. 1 SANTO TOMÁS DE AQUINO E A SAGRADA ESCRITURA

2.1.1 Hermenêutica bíblica medieval

No período Medieval em que se encontra Santo Tomás (1225-1274), era comum que a base dos estudos e dos ensinamentos dos mestres fosse a leitura de textos bíblicos e, como também, dos clássicos da época em suas famosas Sentenças (KIENINGER, 2011 p.10). A prática da leitura tinha o peso de reverenciar a autoridade sagrada como os textos bíblicos ou os Padres, como também autoridades profanas como Aristóteles e Cícero (GARDEIL, 2013, p.36). Neste período, a ciência iniciava com a leitura e a meditação. Muitos aspectos diferem daquela época para hoje, no que se refere a estas duas bases do ensino. A leitura era importante e não era uma

atividade considerada monótona, ou simplesmente ler para alunos, ao contrário, ter uma obra para ler (algo ainda raro na época) e saber ler para os alunos já era um grau alto de instrução e mais, poder ter alguém que lesse era um privilégio. Logo, a leitura era uma atividade do magistério da época e a meditação já era para o professor aprofundar seus conhecimentos, podendo expor ou não os resultados de sua meditação.

Toda a pedagogia medieval é à base de leitura de textos: "Duas coisas principalmente concorrem para a aquisição da ciência, a leitura e a meditação" (Hugo S. Victor, *Didascalicon*, I, cap.1). Através da meditação dá-se a assimilação pessoal da doutrina, enquanto que pela leitura ela é transmitida a outrem, ou é dele recebida. Este último processo é tão usado como método de ensino que o professor toma o nome de "leitor... *lector*", e o próprio ato de ensinar consiste em "ler. . . *legere*". Leem-se, por exemplo, as Sentenças. Observar-se-á que este costume de ler os textos não deve deixar de ter relação com a tradicional *lectio* monástica, a qual era somente um meio de edificação (GARDEIL, 2013, p.36).

Podemos falar de três modos de ensinar: leitura, pregação e disputas. A leitura (*lectio*) era uma prática muito valorizada, por causa do autor lido. Os textos tinham tanto valor que eram considerados quase sagrados. Poder ouvir uma leitura era uma oportunidade rara na época. A aula em forma de leitura tinha um esquema mais ou menos semelhante, em que o professor explicava a matéria falando do valor do texto, sua divisão e sua estrutura. Da *lectio* emerge a *quaestio* e da *disputatio* em torno da *quaestio* resulta a necessidade da *sententia*. É próprio do doutor em artes e em sagrada escritura "sentenciar" após as disputadas em torno das diversas questões emergentes sobre os textos lidos/comentados.

Já o ensino em forma de pregação (*praedicatio*) acontecia durante as homilias solenes, realizadas nos dois períodos litúrgicos principais que eram a quaresma e o advento. E por fim, as famosas disputas (*disputatio*) que aconteciam nas universidades de modo ordinário, pois para se entrar no grau de *magister* precisava provar seus conhecimentos em uma disputa solene. Mas elas também aconteciam em nível menor dentro das salas de aula entre o professor e seus alunos ou também nos períodos de advento e quaresma (*quaestiones quodlibets*²⁴). Diferentemente dos demais teólogos de sua época, Santo Tomás olha com muita atenção o texto e busca iluminar de modo especial as questões morais e dogmáticas o que fortemente o caracteriza entre seus contemporâneos (LARRÚ, 2003, p.21).

²⁴ *Quodlibets* (sobre o que se quiser) indica que durante a disputa poderia ser apresentada qualquer questão ao mestre. Eram disputas muito esperadas e solenes, mas extremamente variadas em assuntos. Os *Quodlibets* de Santo Tomás são divididos em dois blocos. O primeiro bloco nos anos de 1256-1259. O segundo bloco em 1268-1272. Os 260 temas tratados são muito variados e poucos mestres se arriscavam nesta atividade ainda que fosse um momento apreciado e privilegiado (TORRELL, 1999, p.241.293).

De forma bem resumida podemos dizer que praticamente a ordem se dava da seguinte forma: *Lectio, Quaestiones, Disputatio* e depois dessas partes é que chega a *Sententia* do mestre. O ensino medieval acontecia na maior parte com a leitura, depois as questões que eram apresentadas tanto pelos alunos como pelos mestres, em seguida a disputa que é a famosa dialética acadêmica era concluída pela sentença que o mestre elaborava, ou seja a solução para o problema levantado.

2.1.2 Hermenêutica bíblica de Santo Tomás

Em vista disso, os comentários de Santo Tomás à Escritura Sagrada se davam em forma de leitura e meditação. Possivelmente suas primeiras obras eram estas, pois as demais foram surgindo dentro do período e da experiência de Santo Tomás como professor, quando ele teve certamente seus pensamentos e definições amadurecidos. Nesta pesquisa não nos ocuparemos em estabelecer a cronologia das obras, pois, é tarefa problemática (CHENÚ, 1967, p.185).

Desta forma, sempre que nos referirmos ao comentário de Santo Tomás ao texto bíblico, certamente estaremos falando de uma atividade acadêmica, mas também espiritual. Depois de mais ou menos sete ou oito anos de formação, o Doutor Angélico teria feito seu primeiro comentário à Bíblia, sendo assim sua primeira obra teológica. Seu comentário era preferencialmente feito no modo literal.

A Palavra de Deus é útil para iluminar a inteligência (Pr 6,23): “O ensinamento é uma luz”; Agradar a sensibilidade (Sl 119,103): “Quão doce ao meu paladar tua palavra”; Inflamar o coração (Jr 20,9): “Dentro de mim ardia um fogo devorador”; Retificar a obra (Sl 24,5): “Dirige-me na tua verdade, ensina-me”; Obter a glória (Pr 3,21): “Guarda a ponderação e a prudência”; Instruir os outros (2Tm 3,16): “Toda escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar e refutar”. (GARDEIL, 2013, p. 36).

Ainda que estes comentários tenham sido feitos de modo acelerado, este texto não é visto em menor valor, ao contrário, “carrega traços principais” do modo como Santo Tomás comentava a Sagrada Escritura (TORREL, 1999, p.37). A grandeza do doutor Angélico estava em justamente unir o literal ao espiritual. Seu modo de escrever seus comentários bíblicos é por associação de palavras, o que apenas no latim é perceptivo. Gardeil (2013, p.42) chega a dizer que dá até para pensar que Tomás teria trabalhado com uso de uma concordância bíblica, o que seria possível, mas não se tem confirmação, pois a maior parte das citações provem dos Salmos, possivelmente por ser o livro mais meditado por ele. É perceptivo a familiaridade e a facilidade de manusear a Sagrada Escritura pelo modo como facilmente fazia

diferentes referências às palavras inserindo passagens paralelas. É possível perceber diferentes gêneros literários²⁵ quando comenta o livro de Jó (TOMÁS DE AQUINO, 2002) e os Salmos. Outro fato importante que Santo Tomás apresenta em um de seus discursos é que mesmo um texto cuja autoria se desconhece, mas que compõe o cânon bíblico, este texto não perde em nada seu valor, pois carrega a autoridade da Igreja e, portanto, não se pode desprezá-lo, pois para Tomás há verdadeira distinção entre autenticidade e canonicidade (MANDONNET, 1927, p. 481ss).

Com relação ao seu apreço pelos Salmos e sua familiaridade, Santo Tomás mesmo se explica: “a matéria deste livro é universal”, pois considera que, enquanto cada livro da Sagrada Escritura tem sua mensagem específica, os Salmos apresentam um conteúdo aplicado a todos (TOMÁS DE AQUINO, *Psalmos Davidis Expositio*, 2019)

O autor da Sagrada Escritura é Deus. Está em seu poder, para significar algo, empregar não somente palavras, o que também o homem pode fazer, mas igualmente as próprias coisas. Assim, em todas as ciências as palavras são portadoras de significação, mas a Escritura Sagrada tem como próprio que as mesmas coisas significadas pelas palavras significam algo por sua vez. A primeira significação, segundo a qual as palavras designam certas coisas, corresponde ao primeiro sentido, que é o histórico ou literal. A significação pela qual as coisas significadas pelas palavras designam ainda outras coisas, é o chamado sentido espiritual, que está fundado no literal e o supõe (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q.1, a.10).

No pensamento de Santo Tomás, o sentido literal é extremamente importante, não obstante, ele tem seu sentido espiritual e demais sentidos²⁶ e chega a citar que “todos os sentidos devem estar fundados no literal” (S.Th I, q. 1, a.10) pois o autor da Sagrada Escritura é Deus, isso pelo fato de que Ele escolhe o que dá a conhecer aos homens.

Mas nem por isso pode ser de grande consideração para a exegese moderna, pois pode parecer “ingenuidade de sua interpretação de certas palavras”, e a crítica literária era parca neste contexto. Não temos segurança que Santo Tomás dominasse o grego ou o hebraico a ponto de fazer análises minuciosas. A este respeito, Elders (2010, p.17) chega a dizer que: “a exegese contemporânea é predominantemente crítica e histórica, enquanto que se acha uma maneira teológica diversa de se explicar a Bíblia nas obras de Tomás. Como se verá, é certamente valioso considerar com

²⁵ Podemos perceber por exemplo: narrações, exortações, preceitos e disputas. Ou ainda súplicas e ação de graças.

²⁶ É importante lembrar os sentidos descritos por Santo Tomás que são: literal, espiritual, alegórico, moral e anagógico. (S. Th I, q1, a. 10). Os sentidos que Deus usa são variados por causa do homem e não por Deus, pois o homem varia no seu conhecimento.

grande minúcia o seu modo de explicar o Texto Sagrado”. Possivelmente as análises filosóficas, o estudo do grego e hebraico para análise dos textos começaram no final do século treze e início do quatorze. O modo objetivo e claro de Santo Tomás não lhe permitia usar ou gostar de excessos de interpretações e alegorias como facilmente encontramos em outros escritores da época e da patrística.

Uma especial dificuldade pode resultar da aparente contradição entre o que o texto bíblico parece dizer e a posição das ciências em um ponto particular. Se o que os cientistas sustentam é absolutamente evidente, devemos concluir que não compreendemos esse texto bíblico corretamente. Quando há discrepâncias menores nos diversos modos pelos quais os evangelistas descrevem um evento, essas divergências, longe de tirar o crédito da verdade dos Evangelhos, são antes prova de que o que é dito é verdadeiro. Se a história tivesse sido inventada, as discrepâncias teriam sido extirpadas (ELDERS, 2010, p.18).

Ainda que não se permita divagar no sentido alegórico, ele não deixou de lado o sentido espiritual. É importante expor que Santo Tomás “não tinha o título de professor de teologia, mas sim de Mestre em Sagrada Escritura, como mestre deve manifestar seu conhecimento da Sacra Doutrina²⁷ (*Magister in Sacra pagina*)” (TORREL, 2008, p.13).

Os principais comentários bíblicos feitos por Tomás foram: o Evangelho de Mateus e João, o profeta Isaías, Jó, Salmos e Cartas de Paulo (TORRELL, 1999, p. 66, 263 e 265). O Comentário a Isaías é considerado a primeira obra teológica como bacharel bíblico, possivelmente no ano de 1252, como já mencionamos anteriormente. Trata-se de uma leitura rápida, bem literal com as conhecidas *collationes*, anotações à margem da página, pelas quais temos o lado espiritual abordado por Santo Tomás (TORREL, 1999, p.393).

Devemos entender que o comentário bíblico de Santo Tomás está atento ao conteúdo teológico e não tem foco nos dados históricos²⁸ ainda que não os dispense ou desconsidere (ELDERS, 2010, p.19). Ele mesmo escreve que: “Quando lidando com as realidades divinas o homem dificilmente deve se expressar de modo diferente do qual a Sagrada Escritura fala” (TOMÁS DE AQUINO, *Contra errores græcorum*, I, 1, 2011).

²⁷ O termo Sacra Doutrina tem sentido muito específico que vale a pena citar segundo Torrell escreve: Podemos citar diferentes sentidos para este termo. O sentido objetivo deste termo se refere ao conteúdo dado que não se restringe a uma ou outra área, mas vai de toda Escritura à Teologia. O sentido ativo do termo é que o professor deve ensinar de modo amplo que leva o estudante a conhecer através da Revelação, da Tradição, da pregação da Igreja, incluindo o ensino teológico (TORRELL, 2008, p.14).

²⁸ Para Santo Tomás, a teologia é o analisar e ordenar os conteúdos da Bíblia e tirar conclusões disso, enquanto exegese é teologia. Gilson pode escrever que a Teologia de Tomás é um comentário da Bíblia e que ele não propõe conclusões sem justificá-las pela Sagrada Escritura (ELDERS, 2010, p.19).

Tomando a revelação, Santo Tomás chegou ao seu modo de escrever com crescente maturidade, e uma de suas mais importantes obras, a Suma Teológica, justamente trabalha as temáticas que a Sagrada Escritura apresenta, como Deus, a criação, a providência. Mesmo suas aulas ou exposições foram feitas com base nas Escrituras, como por exemplo o comentário sobre capítulo 1 de João, Cartas aos Romanos, aos Coríntios, aos Gálatas etc. Ou exposições sobre Mateus, o Sermão da Montanha, sobre o Pai-Nosso e sobre as parábolas sobre o Reino dos Céus (ELDERS, 2010, p.20).

Podemos nos perguntar sobre quais pressupostos estão baseadas as pesquisas de Santo Tomás. Elders (2010, p.19 -21) nos responde que podemos tomar como os seguintes pressupostos:

- a) A origem divina do texto sagrado é o primeiro desses pressupostos, como o próprio Santo Tomás nos afirma (TOMÁS DE AQUINO, S. Th. III, q. 42, a.4);
- b) Um segundo pressuposto da exegese de Tomás é que a Bíblia é o livro da Igreja. Neste segundo pressuposto Santo Tomás segue o pensamento de S. Agostinho;
- c) Um terceiro pressuposto da exegese de Santo Tomás é o princípio da unidade das Escrituras (Proêmio aos Comentários às Cartas de São Paulo e aos Salmos).

Para concluir esta parte introdutória, realçamos a clássica prática de Santo Tomás de dividir o texto. Normalmente vemos uma divisão com diversas subdivisões, o que é estranho ou cansativo para alguns leitores atuais. Elders (2010, p.23) considera estas divisões favoráveis em dois pontos, possibilita que “o leitor veja a coerência de um texto e a linha de pensamento do autor”. Estas divisões favorecem ao leitor maior concentração no texto, pois forçam o raciocínio a acompanhar a ordem. Nestas subdivisões os significados são compostos com o apoio de textos paralelos. Temos ainda a prática de Santo Tomás de procurar em cada livro um tema geral, ou “característica” como por exemplo, para o livro de Jó ela apresenta a providência divina conduzindo a vida de seu povo, ou no Livro de Mateus em que a humanidade de Cristo é tão evidenciada. Normalmente ele destaca esta temática com um texto bíblico do livro. Ainda sobre seu método exegético, escreve Elders:

Outro aspecto do método exegético do Aquinate é que formas particulares de comportamento ou eventos são explicadas pelos sentidos de um princípio geral. Quando Jó, apesar das catástrofes que se abatem sobre ele, continua a colocar a sua confiança na Providência divina, Satanás sugere que ele o faz por interesse pessoal. Tomás observa que quando pessoas malévolas não encontram nenhuma falta no comportamento dos cristãos com que possam culpá-los, usualmente levantam suspeitas sobre suas intenções (ELDERS, 2010, p.25).

E tem ainda o uso de sentenças no texto. Como ele fez em Isaías 38,28: “Não é Deus o pai da chuva?” A sentença começa a discussão daquela temática. De modo geral, o cuidado e a acuidade com que S. Tomás trata o texto, trazendo o significado das palavras, é sempre o maior destaque e o que enriquece a leitura de seus comentários.

Buscamos a pesquisa sobre o comentário de Santo Tomás a Isaías justamente por ser algo tão pouco pesquisado. De modo bem amplo, seu comentário sobre o livro de Jó²⁹ é considerado seu escrito mais refinado e, por isso mesmo, existem mais pesquisa a respeito. Nesta obra temos diversos temas, entretanto é nela que mais se fala do sofrimento, culpa e providência divina. Sua explicação é literal, com muitas discussões, e sua conclusão é a existência da vida pós-morte. Em Isaías, queremos reconhecer as bases do tema da providência. Por onde se pode começar o pensamento a respeito e por isso chegar a esta sentença.

Encerramos esta introdução com o simples intuito de apresentar uma ideia geral do grande valor que existe nos comentários bíblicos de Santo Tomás e como é possível encontrar em Isaías 40 a teologia da Providência, comentada por Santo Tomás. Optamos então pela teologia do texto para contribuir com a riqueza que é a Palavra de Deus também para os simples e sem muito entendimento.

A providência no pensamento de Santo Tomás é um atributo entitativo³⁰ em Deus, pois tudo procede Dele. O povo de Israel está no exílio, aguarda sua libertação, mas com o passar do tempo perde sua esperança. Isaías, no capítulo 40, descreve o momento em que Deus renova esta esperança e apresenta as preliminares de um novo tempo, graças à providência divina que em sua concepção e plano divino tudo realiza com seu poder. A totalidade das criaturas caminha para cumprir o plano sábio de Deus.

Com esta certeza, Santo Tomás abordou o tema da providência divina que se encontra especialmente organizado na sua grande obra que é a Suma Teológica. Na obra Sobre a Verdade, a providência é apresentada em dez artigos. No Comentário

²⁹ Este comentário ao Livro de Jó foi composto na Itália (provavelmente em Orvieto) entre 1262 e 1264 (ELDERS, 2010, p.32).

³⁰ Os nomes de Deus denominaram-se atributos; não são sinônimos, ainda que estejamos falando da mesma realidade. Na metafísica dividimos os atributos em entitativos e operativos; o nome próprio de Deus: *Ipsum Esse Subsistens*. Sendo que os atributos entitativos dizem respeito a Deus em sua realidade *ad intra*, a tudo que se refere a Ele mesmo em seu ser, como é o caso de Deus ser providente. Contudo, os atributos operativos são aquelas ações onde Deus age *ad extra*, ou seja, para fora de seu ser, como é o caso de Deus criador ou governador do mundo.

ao livro de Jó temos a temática da providência que aparece em Isaías e é percebida por meio das obras de Deus, a criação.

Sobre Isaías, o contexto provável e comentado é o período de ensino de Santo Tomás em Colônia, onde teria dado um curso sobre Jeremias, Lamentações e parte de Isaías, o que certamente ocorreu nos seus oito primeiros anos de magistério. Certamente foi um curso com destaque ao sentido literal de Isaías, pois era esse o objetivo do professor. Contudo, Torrell (1999, p.34) mostra esta primeira descrição do contexto como uma pesquisa de Weisheil, e outros estudiosos expõem o comentário a Isaías possivelmente nos anos de 1252-1235 em Paris. Não obstante, o contexto histórico exhibe que o professor no primeiro ano de ensino começa com o comentário às Sentenças de Pedro Lombardo, e não com comentário bíblico, e caso fosse essa a situação, Santo Tomás teria sido uma raríssima exceção. Com isso, fica mais possível a tese de Weisheil apresentada por Torrell.

Ao comentar o livro de Isaías, o mestre faz apontamentos no próprio pergaminho, para falar posteriormente a seus alunos. Gardeil chega a dizer que estas marcas denotam um trabalho apressado, são anotações “em estilo telegráfico” eram anotados pensamentos ou sugestões para falar a seus alunos ou em suas homilias. Estas anotações foram nomeadas como *Collationes* (TORRELL, 1999, p.37).

As collationes do Super Isaiam (TOMÁS DE AQUINO, Expositio Super Isaiam ad Litteram, 1974) são compilações de citações da Sagrada Escritura, aproximações sugeridas pela palavra de Isaías, que não encontram lugar no comentário estritamente literal, mas aspiram aplicações espirituais ou morais. Seu posicionamento na margem não deve, contudo, induzir ao erro: pertencem essencialmente ao comentário do qual constituem a parte espiritual, mística, como diziam os antigos, podemos então considerá-las “a mais autêntica amostra de obras espirituais de Santo Tomás” (TORRELL, 1999, p.37).

2.1.3 Comentário de Santo Tomás ao Segundo Isaías

Optamos por desenvolver os aspectos da providência em seu comentário a Isaías 40, considerando que o tema da providência pode ser trabalhado dentro do contexto do exílio e do desânimo em que o povo se encontrava. Pensar na providência filosoficamente é partir dos dados da criação, da bondade e perfeição divina. Para a teologia, a providência também parte da criação, como vemos no comentário de Santo Tomás ao livro de Jó. Porém em Isaías 40 o pensamento da providência está partindo da consolação, esperança e confiança que precisam ser renovadas. Este segundo capítulo pretende oferecer elementos para que no terceiro capítulo dialoguemos entre

a estrutura bíblica teológica de Isaías com a filosofia de Santo Tomás sobre a providência em Isaías. Para um conhecimento geral, apresentamos as principais obras onde se encontra esta temática da providência.

O comentário de Santo Tomás a Isaías tem sua estrutura própria. O capítulo 40, de modo geral, trata da consolação, mas também encontramos outras temáticas, como veremos no desenvolver do trabalho. A principal forma de falar da providência em Isaías é através da criação. Para Santo Tomás, o capítulo 40 marca a segunda parte de todo o livro de Isaías. A consolação é a certeza da ação providente de Deus em favor de seu povo. Esta segunda parte está dividida em duas sessões. Na primeira sessão estão os capítulos 40-44, são os capítulos em que o profeta procura renovar a esperança do povo em Deus, para que Israel confie na ação providente de Deus. A segunda sessão são os capítulos 45-66, que descrevem as promessas dos benefícios divinos.

A primeira sessão, por sua vez, está dividida em três, e estas três partes não serão inteiramente comentadas aqui, apresentaremos apenas o que se refere ao capítulo 40. A divisão da primeira sessão se dá da seguinte forma: primeiro apresenta o poder de Deus (cap. 40) sendo ele, portanto, digno de confiança e esperança. Segundo, é apresentado o cuidado, o amor de Deus para com o povo (cap. 41-43). Terceiro mostra que os outros deuses não são dignos da confiança de Israel, pois são incompetentes (cap. 44).

O nosso caminho de fazer ver a providência em diálogo entre a filosofia e teologia está justamente no capítulo 40, pois nele temos o elemento da criação. É comum que se perceba a providência no cuidado e zelo de Deus para com Israel, não obstante, nossa intenção é justamente fazer ver esta ação desde o princípio, na criação, como Santo Tomás percebeu no texto de Isaías.

Na primeira ele convida à consolação; na segunda ele promete o consolador e na terceira ele apresenta o poder de Deus consolador. E será essa a forma que apresentaremos os subtítulos deste capítulo, para apresentar a providência divina de Santo Tomás em Isaías, uma vez que ele já trata deste tema em outras obras acima mencionadas.

2. 2 PROVIDÊNCIA DIVINA NO COMENTÁRIO BÍBLICO DE SANTO TOMÁS DE AQUINO A ISAÍAS 40

A introdução ao comentário a Isaías 40 podemos dividir em 3 partes, que tendem a comentar de um modo integral o Segundo Isaías. A primeira parte corresponde ao comentário geral de Isaías abrangendo os capítulos 40-66 de Isaías, com o tema da “Consolação da divina misericórdia”. A segunda parte expõe o tema do “Convite a esperar os bens prometidos”, que corresponde somente aos capítulos 40-44. A terceira parte se ocupa apenas do capítulo 40, com a temática “O conforto devido ao poder daquele que promete”.

A introdução do comentário de Isaías, feita por Santo Tomás, oferece diversos elementos que aos poucos fazem sentido para o tema da providência. O primeiro é o fato já constatado que existe uma consolação divina. Santo Tomás parte deste princípio, ou seja, que Deus é consolador não temos dúvida. Há, portanto, uma base já conhecida da bondade da providência divina. O tema do comentário já anunciado é a promessa dos benefícios, ou seja, da providência que vem das mãos de Deus. Santo Tomás descreve que Isaías, no capítulo 40, quer convencer o povo a confiar na providência, e ele o faz renovando sua esperança.

O modo como o comentário a Isaías 40 se organiza é bem claro, primeiro ele fala do convite à consolação e comenta os versículos de 1-2, trata-se do ato dividido de cuidado e carinho paterno de Deus. A segunda parte é a promessa do Consolador e aqui temos o comentário de Is 40,3-11. Nesta segunda parte, o Consolador é entendido como um representante da providência, uma ação concreta de Deus que se faz a partir de sua palavra. E por fim, na terceira parte que é Is 40,12-31 comenta a ação específica que é a grandeza do poder de Deus providente. Eis a nossa estrutura como se seguirá abaixo. O capítulo 40 está todo comentado por Santo Tomás, mas nem todos os versículos são comentados na íntegra, alguns são apenas citados, outros nem isso. No texto que segue nos dedicaremos à mesma estrutura apresentada por Placimário Ferreira, tradutor³¹.

Nesta parte do trabalho abordamos o comentário bíblico de Tomás a Isaías 40, seguindo a estrutura da tradução original. Optamos pela divisão temática e não por versículos. O texto original não apresenta as divisões, elas foram pensadas e organizadas pelo tradutor que conhece bem o pensamento de Santo Tomás. Temos

³¹ Agradecemos a Placimário Ferreira, mestre em Teologia Moral, consultor, palestrante e tradutor profissional de francês, espanhol e latim, por nos disponibilizar a tradução original do Comentário de Tomás de Aquino a Isaías 40 ainda não publicado.

uma parte introdutória e logo em seguida as três partes, cada parte tem sua subdivisão. A primeira parte tem três subdivisões e trata da consolação. Na segunda parte também encontramos três subdivisões que abordam o tema da promessa do consolador e, por fim, na terceira parte Santo Tomás fala do poder do Consolador, e o texto segue sem divisões. Ainda que a palavra providência não seja evidente nem no texto bíblico e nem no comentário bíblico de Santo Tomás, é possível encontrar a base filosófica da providência no desenvolver do comentário bíblico de Santo Tomás.

2.2.1 O convite à consolação divina e a providência no comentário de Tomás a Is 40,1-2

Nesta primeira parte comentaremos os versículos de 1 a 2 do comentário. Novamente é feita uma divisão nesta vez em duas partes que são a consolação a respeito dos bens temporais e a consolação a respeito dos bens materiais.

De Is 40,1:

¹ Consolai, consolai meu povo,
diz o vosso Deus.

Santo Tomás comenta:

Em primeiro lugar, ele convida à consolação: consolai-vos [v. 1], a respeito dos bens espirituais; consolai-vos, a respeito dos bens temporais concedidos. Eclo 48: ele consolou [aqueles que choravam em Israel]. Zac 1: o Senhor respondeu ao anjo [que falava em mim, e ele me fez ouvir boas palavras, palavras de consolação]. (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.1³²).

Podemos nos perguntar por que ser consolado a respeito de bens espirituais e materiais? Verdadeiramente a antropologia de Santo Tomás favorece muito esta reflexão. Na visão de Santo Tomás a pessoa é um composto de unidade entre corpo e espírito. De que adiantaria ao profeta anunciar? Um consolo somente espiritual? De que adianta ao povo saber da providência de Deus apenas espiritualmente? Não desprezamos a questão espiritual, apenas consideramos o pensamento do autor de que a totalidade da pessoa está justamente na unidade das duas partes das quais ele faz parte. Também de nada valeria receber o consolo material, ter os bens corporais

³² O texto original encontramos em latim, o tradutor, Placimário Ferreira, fez o trabalho de organizar o texto no esquema de partes, o que favorece compreendermos o pensamento de Santo Tomás. A tradução é uma apresentação didática a fim de facilitar a leitura e a identificação das várias articulações do comentário. Todas as inserções que não pertencem ao texto original, estão indicadas com colchetes [.]. O texto original, bem como a tradução, estarão em anexo ao final desta pesquisa.

e o espírito perturbado, confuso ou triste. A pessoa carrega a integridade num todo. E a providência vem para esta realidade espiritual e corporal.

O corpo precisa de ser beneficiado, cuidado, protegido. Deste modo os bens materiais favorecem. Seria a providência de Deus ausente deste benefício? O povo de Israel estava em uma situação de comodidade na Babilônia, de alguma forma já estava habituado a este espaço e cultura. Como seria voltar a Jerusalém? Reconstruir tudo? Como regressar para um lugar que já não tem mais ordem? Tudo fora devastado pelo poder opressor da Babilônia. Para Santo Tomás o profeta Isaías simplesmente entende que é necessário falar ao povo convidando-os a confiar na providência divina também para os bens materiais.

Mais evidente é o consolo espiritual. Israel passa pela fase do total abandono, com pensamento de que Deus o teria entregue ao seu pecado. A tristeza de ser sempre estrangeiro, a saudade da sua terra, da própria cultura e de suas práticas religiosas. Israel se percebe um povo misturado entre outros povos e culturas, sem rosto. Sem contar os que estavam em trabalhos escravos, e maltratados.

O consolo que Santo Tomás relata vem na lembrança dos bens espirituais e materiais, é para ele o recordar, trazer ao coração do povo que Deus sempre está presente providenciando tanto suas necessidades espirituais como materiais. O povo deve recordar a existência de Deus como providente, e não apenas como Senhor de todas as coisas. O fato de Deus ter criado e colocado ordem revela sua providência para com o mundo, para com seu povo. Na filosofia, claramente se tem o princípio de que o “maior não sai do menor” (GARRIGOU-LAGRANGE, 1943, p.24). A harmonia, ordem e grandeza das coisas criadas servem muito ao homem, tanto material como espiritualmente. Teria este benefício origem na própria criatura? O que Santo Tomás apresenta é justamente que todos estes bens provêm da mão divina providente. O modo como as criaturas caminham para sua finalidade acontece nos meios que Deus dispõe providencialmente. Por isso Regis Jolivet discorre:

Se é verdade que a providência humana é tanto mais perfeita quanto menos esteja entregue à causalidade e à imprevisão, muito mais será necessário, que a providência de Deus, que é como uma prudência infinita, elimine, absolutamente, o acaso, isto é, preveja tudo, tudo ordene, tudo disponha da maneira mais sábia (JOLIVET, 1965, p. 428).

Jolivet entende que o governo é na verdade uma arte da providência. O que ela faz? Faz uso de tudo que entende e conhece para realizar sua obra e fazê-la chegar ao seu fim. Pois bem, estamos falando do Supremo Bem, da Suprema Sabedoria que tudo conhece, o Intelecto Agente. Portanto, todas as coisas são regidas e foram feitas na mais fecunda providência que age de modo minucioso em cada detalhe da

existência, e a esta ação perfeita, este modo de governar de Deus, aqui chamamos de providência. Entendemos que há uma regência, mas não uma determinação ou dispensa do agir humano.

Santo Tomás, com base em Gregório de Nissa, discorda de Platão, escrito por sobre a tríplice providência divina que seria: primeiro entender a Deus como soberano, que significa um especial cuidado de Deus para com todas as necessidades e especialmente as espirituais, mas também com todo o universo, as coisas materiais em suas mais variadas fragilidades e, sobretudo, em suas causas universais. A segunda expõe que a providência provê as realidades individuais desde o seu nascer ao seu corromper, num processo detalhado de atuação de Deus junto às suas criaturas. Por fim, a terceira apresenta a providência como aquela que provê as coisas humanas, fazendo uma ponte entre a realidade humana e a dos deuses, segundo o pensamento de Platão (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.1).

Santo Tomás discorda destas três formas de entender a providência, para ele esta ação não precisa ser mediada, como um rei que age por seus ministros por lhe faltar eficiência, ao contrário, em Deus ele mesmo age, pois pode estar e atuar em todos os lugares e situações, nada lhe é difícil ou impossível. Deus conhece todas as ciências e para sua atuação nada lhe seria complicado (TOMÁS DE AQUINO S. Th, I, q.22, a.3).

Ao tratar da providência, Santo Tomás inicia com a dúvida ocorrente se, de fato, a providência seria conveniente a Deus. São apresentadas as três objeções e então é apresentada a ideia mentora da providência, que é a do governo divino quando cita a passagem do livro de Sabedoria, “és tu, Pai, que tudo governas por tua providência” (Sb 14,3-6). Citar a sabedoria e o amor de Deus é entender que Deus governa o mundo, pois seu governo é exercido com sabedoria e amor. A providência para Santo Tomás é uma prolongação da sabedoria de Deus (GARRIGOU-LAGRANGE, 1943, p. 146).

Em primeiro plano é afirmada a providência sem nenhuma dúvida e seguem as justificativas fundamentais que são sustentadas no fato de Deus ser o criador, “tudo o que é bom nas coisas foi criado por Deus”. A bondade das coisas criadas tem uma única origem que é Deus. Esta bondade está nas coisas, compondo o que cada uma é, e ordenando-as para seu fim último, estabelecido pela bondade divina.

Encontramos o que se define por providência: a razão³³ de se ordenar a um fim. Sendo Deus a causa de todas as coisas, é então ele por excelência a providência a todas as coisas. E ela está para os bens materiais e espirituais que favorecem o fim último da pessoa e não sua vida passageira. A Suma segue expondo a relação entre providência e prudência. A Deus o termo providência é o que correlativamente a nós é atribuído como prudência³⁴, ou seja, o “que ordena os meios para os fins, que trata de conseguir e prever as necessidades para provê-las” (GARRIGOU-LAGRANGE, 1943, p.147). Verdadeiramente a virtude da prudência age na pessoa em vista da *intentio finis*. O que Garrigou-Lagrange comenta é que assim como para a prudência individual segue uma consequência comunitária, o mesmo ocorre para a providência divina. Um pai que age com prudência individual sua prudência tem efeito sobre ele e sobre toda sua família, logo, também em Deus, que em sua essência é providente, também os efeitos de sua providência serão sentidos por todas as suas obras tanto as espirituais como as materiais.

Portanto, percebemos que em Deus não existe futuro nem passado, o seu ser é um contínuo presente, diferente de nós que estamos no tempo, ou seja, em um contínuo sucessivo de acontecimentos que compõem o nosso passado, presente e futuro no que entendemos como “jogo de causalidade” ou seja, o meu passado interfere no meu presente e futuro, portanto, o meu presente esteve no meu passado e estará no meu futuro. O plano divino a que se refere a providência não acontece predeterminando ou fixando tudo o que deve acontecer. Ele não é sucessivo, mas eterno, e mesmo assim ele é concebido no modo temporal, o que conserva a liberdade.

³³ Josef Pieper expressa que: Nós estamos demasiado predispostos a interpretar erradamente a palavra de Santo Tomás de Aquino acerca da “razão”, essa razão “que se aperfeiçoa no conhecimento da verdade”. “Razão” não significa para ele outra coisa senão “visão da realidade”, “receptividade ao real”. E “verdade” não é para ele mais do que a descoberta e a revelação da realidade, tanto da natural como da sobrenatural realidade. A “razão que se aperfeiçoa no conhecimento da verdade” é, portanto, a capacidade de apreensão do espírito humano enquanto se orienta para a ação por meio da descoberta da realidade natural e sobrenatural (PIEPER, 2018, p.19).

³⁴ A função da virtude da prudência não é descobrir as finalidades, ou antes, a finalidade da vida, e determinar a orientação fundamental do ser humano. É antes a de encontrar os meios e os caminhos adequados àqueles fins e a adequada realização aqui e agora daquela orientação fundamental. Os fins são um dado anterior. Nenhum homem está inconsciente sobre o seu dever de amar e realizar o bem. Todo homem sabe de maneira mais ou menos conceitual – que o bem essencial do ser humano é ser de acordo com a razão (S. Th I-II, q.18, a.5), isto é, ser de acordo com a sua realidade própria e com a realidade das coisas criadas; e não há homem algum a quem apenas seja preciso dizer que ele deve ser justo, corajoso e temperado; sobre isso já não há necessidade de “refletir” (PIEPER, 2018, p.51).

Neste primeiro ponto, concluímos citando Boécio³⁵: “a providência é a própria razão divina que, estabelecida naquele que é o sumo príncipe de todas as coisas, tudo dispõe” e entendemos que este dispor providente é consolo ao povo de Israel.

De Is 40,2:

² Falai ao coração de Jerusalém, e dizei em alta voz
que seu serviço está cumprido,
que a sua iniquidade foi expiada,
que ela recebeu da mão do Senhor paga dobrada
por todos os seus pecados.

Santo Tomás comenta:

Em seguida, ele convoca os profetas e os sacerdotes para anunciarem a consolação: falai ao coração [v.2], isto é, consolando; chamai-a, para se afastar da tristeza, da idolatria. Os 2: eu a conduzirei à solidão. Por último, ele indica a razão referente ao perdão da culpa: sua malícia chegou ao cume [v.2]. Is 27 e todo este fruto. A razão também referente ao fim dos sofrimentos: ela recebeu (da mão do Senhor dupla punição por todos os seus pecados) [v.2], ele fala do tempo após o cativo. Jer 17: quebrai-os duas vezes. Mas, pelo contrário, em Na 1: não se levantará por duas vezes a tribulação. E diga-se que se trata de dupla pena, do corpo e da alma, assim, como a culpa provém também de ambos. (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.1-2).

Comentando Isaías 40,2 (v.2: Falai ao coração de Jerusalém, e dizei em alta voz que seu serviço está cumprido, que a sua iniquidade foi expiada, que ela recebeu da mão do Senhor paga dobrada, por todos os seus pecados) Santo Tomás coloca o anúncio da consolação na boca dos profetas e dos sacerdotes. Diferente de outros comentários, ele atribui a missão do consolo a duas categorias de serviço importantes a Israel, que são sacerdotes e profetas. Podemos perceber o destaque para a Palavra e para a Liturgia. Para falar ao povo e celebrar com o povo o consolo e em todos os momentos recordar o carinho e o amor grandioso que Deus reserva ao povo e por isso ele age providentemente, a imagem que Santo Tomás usa é a do profeta Oséias (Os 2), do amor ciumento, dedicado do profeta para com sua esposa que não admite outros amores e por isso quer levá-la à solidão para estar somente com ele. O verbo é colocado no feminino “chamai-a” é a mesma imagem do esposo e da esposa, o esposo cuidando amorosamente de sua esposa. Santo Tomás descreve o que o esposo faz em favor de sua amada, ele quer devolver a alegria afastando de seu rosto a tristeza, quer devolver seu único Deus afastando a idolatria. A tristeza é o olhar somente para si, suas perdas, suas dores, a idolatria é o olhar sobre outros deuses que ilusoriamente pode lhe amenizar a dor, mas não lhe devolve a dignidade da terra,

³⁵ Boécio (480-524) era um autor de grande estilo e cultura. Era filósofo e, quando foi acusado injustamente e preso, escreveu sua grande e magnífica obra “Consolação da filosofia”. A ele S. Tomás recorre em diversos pontos de suas obras. Boécio era cristão e conciliava Platão com Aristóteles, com grande habilidade, além de conhecer bem o pensamento de S. Agostinho.

do povo e da bênção. Santo Tomás apresenta o caminho da solidão como opção de reencontro com Deus e com a alegria. No encontro consigo o povo pode retomar sua identidade e então retomar sua alegria, por ser uma nação livre e não mais escravizada e diluída no meio do poder. Estando na solidão, pode Israel recordar os grandes feitos providentes de Deus e então abandonar a idolatria. Para este encontro, tanto a Palavra dita pelos profetas como a liturgia celebrada pelos sacerdotes, irão favorecer o povo.

Santo Tomás segue comentando o motivo de Deus ter se voltado para o povo com a consolação. A consolação vem de Deus, por ele ser misericordioso. Deus em sua misericórdia perdoa toda culpa. É tempo de retomar a vida em Deus. Este tempo de sofrimento, culpa e escravidão se concluiu não apenas do corpo como da alma. Não basta livrar o corpo da prisão dos muros da Babilônia, é necessário também se libertar das correntes da culpa, da tristeza, do comodismo, da falta de esperança. Santo Tomás não deixa de lado sua antropologia, o peso que o povo carrega não podia ser somente corporal, é também espiritual. Estar escravizado não afeta apenas o corpo, também a alma fica profundamente abalada e precisa se revigorar e se propor sair, sentir esperança, perceber a força providente de Deus em si. Tanto as penas do corpo estavam sendo deixadas para trás como as do espírito. Deixar o consolo chegar ao coração, à mente e ao corpo para que se possa receber o consolador e, de fato, agir conforme os planos de Deus. Este processo de consolo pode ser vivido ouvindo a palavra e celebrando, daí a importância do profeta e do sacerdote, que atuam em nome de Deus, sendo instrumento da providência divina.

2.2.2 A promessa do Consolador em Is 40,3-11

Esta segunda parte começa com o versículo 3 e vai até o versículo 11. A estrutura da segunda parte se divide em 3 sessões. A primeira fala da preparação para a vinda do consolador (versículos 3-5), a segunda da firmeza da profecia (versículos 6-8) e a terceira do anúncio do consolador (versículos 9-11).

Na segunda parte, primeira sessão, do comentário de Santo Tomás (Is 40,3-5) temos a imagem apresentada do Consolador. Como todo grande evento, não temos imediatamente esta presença, ela é antes anunciada, é o que primeiramente Santo Tomás comenta, dizendo ser necessário primeiro a preparação, em seguida anuncia

que a profecia foi cumprida e só depois se fala da chegada do Consolador (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.2).

De Is 40,3-5:

³Voz do que clama: no deserto, abri
o caminho para o Senhor;
na estepe, aplainai
uma vereda para o nosso Deus.
⁴Seja entulhado todo vale,
todo monte e toda colina sejam nivelados;
transformem-se os lugares escarpados em planície,
e as elevações, em largos vales.
⁵Então a glória do Senhor há de revelar-se,
e toda a carne, de uma só vez, o verá,
pois a boca do Senhor o afirmou.

Santo Tomás comenta:

Uma voz que clama [v. 3]. Aqui ele promete um consolador, sob três aspectos: primeiro, proclama sua preparação; em seguida, mostra a firmeza da profecia: uma voz que diz [v. 6]; enfim, ele prenuncia o consolador que vem: sobre uma alta montanha [v. 9]. Ele começa por convocar a preparação: uma voz que clama no deserto, a saber, a voz de João Batista: preparai [o caminho do Senhor], por meio da conversão de vida; na solidão, na solidão dos vícios. Am 4: prepara-te para encontrares o teu Deus. Em seguida, ele prediz o desfecho da preparação: todos os vales [serão preenchidos, todos os montes e todas colinas serão rebaixados, os caminhos tortuosos serão endireitados e os acidentados, nivelados] [v. 4], seguindo a metáfora do mau caminho: se o caminho é montanhoso, é cansativo; por isso, diz-se que todo vale será preenchido, para que seja nivelado às montanhas e se torne totalmente plano; se tortuoso, é fácil perder-se e, por isso, os caminhos tortuosos [serão endireitados]; se coberto de pedras, fere os pés e, por essa razão, os caminhos acidentados serão nivelados; desta maneira, indica-se que a pusilanimidade será transformada em segurança, a soberba em humildade, a perversidade em retidão e a crueldade em mansidão. Jer 31: endireita teu coração, no caminho etc. Enfim, mostra a utilidade da preparação: e será revelada a glória [v. 5], ou seja, o Filho. Jer 33: eu os curarei etc. Toda carne verá, isto é, ele se mostrará visivelmente a todos, ou talvez esteja falando do dia do juízo. Ap 1: [eis que vem sobre as nuvens:] todo olho o verá, e eles mesmos [que o traspassaram, e todos os povos da terra baterão no peito ao contemplá-lo]. Alguns explicam esse versículo assim: a voz, a de Deus; clamando estas palavras: preparai no deserto, isto é, na terra de Judá, outrora deserta; o caminho do Senhor, a saber, aquele que leva até o templo, ou então até o deserto que está entre a Babilônia e a Judéia. Todo vale: aqui todos os obstáculos a serem removidos a fim de que o povo possa livremente retornar. A glória [do Senhor se manifestará], na destruição dos Caldeus, pela qual despontará glorioso (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.2).

A preparação para a vinda do consolador se inicia desde a convocação feita. Santo Tomás relata que a voz que clama é uma referência a João Batista (Is 40,3: Voz do que clama: no deserto, abri o caminho para o Senhor; na estepe, aplainai uma vereda para o nosso Deus). Esta voz clama pela preparação para a chegada do consolador e o meio para isso é a conversão pelo processo da solidão, do deserto, do tempo necessário para se purificar dos vícios.

O atentado à dignidade humana, aos valores que a constituem, à relação com os outros, ao compromisso diante da história, completa-se na privação da

comunhão com Deus e na falta de consentimento ao desígnio de sua providência, mesmo que esses aspectos da responsabilidade humana se desenrolem segundo leis diferentes (MONGILLO, 2015, p.287).

Santo Tomás entende que os vícios são a impossibilidade de se aproximar de Deus, pois por eles, como disse Mongillo, se impede a pessoa de contemplar as obras de Deus e assim ver sua providência, mas antes de tudo, dificulta as relações humanas, a vivência dos valores necessários para a ordem e paz. O que desfavorece as relações e marca negativamente a história, o que de fato levou o povo à Babilônia foram seus atos e não um castigo. O povo se perde em sua maldade e conseqüentemente se priva da comunhão com Deus e com sua providência. No processo de conversão é necessário retomar este olhar e reordenar o coração. Isso é o que Santo Tomás entende por estabelecer o ser como ele foi feito, capaz para Deus e não desumanizado. O modo mais adequado de se ordenar a pessoa é justamente trazê-la para a *ordo divinae sapientiae* (ordem da divina sabedoria), este é o caminho para toda realidade criada encontrar sua harmonia, seu fim último, o ser se volta para Deus.

Na verdade, Santo Tomás entende que a pessoa que está envolvida no vício e no pecado, possivelmente não tem consciência da desordem em que se encontra, pois ninguém busca o mal pelo mal, mas sempre o mal por causa de um bem que lhe aparece. Neste sentido é necessário um tempo para se recolocar, o povo de Israel precisa retomar sua situação para recomeçar e para isso é necessário retomar o que é o bem, a liberdade, quem é Deus. No caso, de quem é o anúncio da fala? De Deus providente, para o verdadeiro bem, a lei eterna, a história de Israel aponta para esse verdadeiro vínculo do povo com Deus (MONGILLO, 2015, p.287).

Os vícios devem ser purgados, pois não fazem parte da natureza humana “deve-se chamar vício a qualquer coisa, o fato de estar em disposições contrárias ao que convém à natureza” (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I-II, q.71, a.2). Santo Tomás chega a propor deixar os vícios na solidão, ou seja, afastar-se retirar do povo tudo o que não lhe compõe como povo de Deus escolhido e amado por ele desde toda eternidade. Nisto consiste a preparação e sem ela não se pode encontrar a Deus, não se pode voltar para a terra prometida.

Santo Tomás segue comentando o texto (Is 40,4), fala dos vales que são aterrados, das colinas rebaixadas, isso quer dizer que quando retirado todo o mal, o caminho fica mais fácil, estradas abertas e retas são mais fáceis de se percorrer, comenta Santo Tomás. Ou seja, como anteriormente ele falou dos vícios, entendendo-os contrários à natureza humana, tudo o que não é de nossa natureza nos dificulta

exercer, possibilita o erro e o desgaste. Segue então a descrição da mudança dos vícios para as virtudes “a pusilanidade será transformada em segurança a soberba em humildade, a perversidade em retidão e a crueldade em mansidão” (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.2).

Esta preparação tem uma finalidade que é mostrar a glória do Senhor como relata o texto de Isaías: Então a glória do Senhor há de revelar-se, e toda a carne de uma só vez, o verá, pois, a boca do Senhor o afirmou (Is 40,5). Esta glória é para Santo Tomás o Filho de Deus já previsto aqui em Isaías 40. Certamente Santo Tomás faz sua leitura com base na revelação do Novo Testamento, que possibilita retomar o Antigo e ver a tipologia por trás destas passagens. Todo o gozo de voltar à terra prometida, de se perceber livres é certamente uma glória, mas para Santo Tomás, esta passagem já se refere à Glória definitiva que é contemplar a face do Filho de Deus. Mas também apresenta a interpretação ocorrente na época que é justamente do povo que se vê liberto do jugo e pode ver a queda dos inimigos e em sua liberdade voltar a Jerusalém. E quem conduz para esta libertação é a providência divina que remove todo obstáculo para que o povo possa retornar à Judéia. Este último, possivelmente, seja mais próximo da mensagem do profeta com o pensamento de Santo Tomás.

De Is 40,6:

⁶Eis uma voz que diz: Clama;
ao que pergunto: Que hei de clamar?
Toda a carne é erva
e toda a sua graça como a flor do campo.

Santo Tomás comenta:

Uma voz que diz [v. 6]. Nesta parte, ele mostra a firmeza da profecia em comparação com a fragilidade dos homens. Por isso, o Senhor exige, primeiramente, o clamor, ou seja, um anúncio claro e expressivo: clama. Is 58: clama sem cessar, [faze ecoar tua voz como uma trombeta]. Em segundo lugar, ele exige apregoar a fragilidade humana, quando o profeta pergunta: e eu disse: que hei de clamar?, temendo ter de clamar algo contra o seu povo, como se viu mais acima (Is 6). E o Senhor responde: toda carne [é como a erva, e sua glória como a flor dos campos] [v. 6]. Tg 1: quando nasce o sol [com seu calor, a erva seca, a flor murcha e perde toda a sua beleza; assim o rico secará e murchará em seus caminhos]. Em terceiro lugar, ele mostra a firmeza da palavra divina: o povo é verdadeiramente como a erva [v. 7], [a erva seca, a flor murcha, mas a palavra do Senhor permanece eternamente] [v. 8]. Lc 21: o céu e a terra [passarão, mas minhas palavras não passarão] (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.3).

O versículo 6 está na segunda sessão da segunda parte que tem a temática geral da promessa do consolador. Muito interessante é a interpretação de Isaías 40,6 que proclama: Eis uma voz que diz: Clama; ao que pergunto: Que hei de clamar?

Toda a carne é erva e toda a sua graça como a flor do campo. Santo Tomás chama a atenção do quanto Deus conhece seu povo, sabe de suas fragilidades e por isso a necessidade da voz que exorta. Justamente será ela a fazer o povo perceber um novo tempo, a voz constitui-se um instrumento da providência divina ao povo: é necessário anunciar que o tempo da escravidão está por acabar e é preciso preparar-se para voltar. Esta voz é impotente, ecoa grandemente e incansável como é a providência, como é Deus em seu amor para com o povo.

Do mesmo modo como os comentadores a Isaías, também Tomás apresenta seu comentário a Isaías (Is 40,6) evidenciando a fragilidade humana diante dos planos de Deus. Como a natureza humana é marcada pela vulnerabilidade tão transitória como o nascer e o morrer de uma flor do campo que de manhã está bela e robusta, mas à tarde já murcha pelo peso das horas do dia. Ao contrário da fugacidade humana e justamente para sustentar e garantir o bem, está a Palavra de Deus que é robusta e se sustenta. Ainda que tudo nesta vida passe, a Palavra divina é permanente. Ou seja, o povo se viu indo para a Babilônia e agora via Babilônia decaindo, não seria o reinado de Deus também efêmero? Santo Tomás, ao comentar Is 40,6, fala exatamente que ainda que tudo nesta vida seja passageiro, em Deus é eterno, e podemos entender a providência de Deus como eterna (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.3).

Os versículos 7 e 8 são comentados de modo mais breve. No versículo 8 a fugacidade, a brevidade que têm as palavras e decisões humanas é um contraste com a eternidade da Palavra de Deus. O versículo 9 pertence à segunda parte e está na terceira sessão.

De Is 40,7-11:

⁷ Seca a erva, e murcha a flor,
quando o vento do Senhor sopra sobre elas.

Na verdade o povo é erva.

⁸ Seca a erva, murcha a flor,
mas a palavra de nosso Deus subsiste para sempre.

⁹ Sobe a um monte,
mensageira de Sião;
eleva tua voz com vigor,
mensageira de Jerusalém.

Eleva a voz, não temas, e dize às cidades de Judá:
Eis aqui o vosso Deus!

¹⁰ Eis aqui o Senhor DEUS: Ele vem com poder,
seu braço assegura a sua autoridade;
eis com ele seu salário
diante dele a sua recompensa.

¹¹ Como o pastor ele apascenta o seu rebanho;
com o braço reúne os cordeiros,
carrega-os no regaço;
conduz carinhosamente as ovelhas que amamentam.

O comentário de Tomás:

Sobre uma alta montanha [v. 9]. Aqui ele prenuncia o consolador que vem, em três pontos: primeiro, publica o anúncio do profeta; segundo, define a promessa da vinda: eis o vosso Deus [v. 9]; terceiro, ele salienta a qualidade daquele que vem: eis o Senhor vosso Deus [que virá com poder, ele dominará com a força de seu braço] [v. 10]. No primeiro ponto, ele determina quem, como e a quem anunciará. Quem? Aquele que tem tal ofício: tu que evangelizas. Rm 10: como pregarão, [sem terem sido enviados]? Acerca do como, há três observações. Antes de tudo, quanto à altura do lugar, para que as boas notícias sejam ouvidas de longe: sobre uma alta montanha, isto é, no sentido místico, Cristo, ou então a contemplação e a vida celeste. Is 2: vinde, subamos [à montanha do Senhor e à casa do Deus de Jacó]. Is 42: do alto das montanhas. Em segundo lugar, quanto ao clamor da voz: eleva tua voz com força, para que muitos possam escutar, graças a uma pregação clara e constante. Is 58: clama sem cessar. Enfim, quanto à segurança do coração: eleva a voz e não tenhas medo. Jer 1: não temas comparecer diante [daqueles aos quais eu te enviar, porque estou contigo para te livrar, diz o Senhor]. Depois, ele determina a quem se anuncia, por meio de três indicações. Primeiro, indicando qual província do reino: dize às cidades, etc.; segundo, qual metrópole da província: tu que evangelizas Jerusalém; enfim, quais os dirigentes da cidade: Sião, onde se encontrava o templo e a casa real. Is 41: se dirigirá primeiramente a Sião etc. At 13: vós sois os primeiros aos quais se devia [anunciar a palavra de Deus]. Eis [o vosso Deus] [v. 9]. No segundo ponto, ele explica a promessa da vinda de Deus: eis, com prontidão, o vosso Deus, que virá. Is 35: Deus mesmo virá [e ele vos salvará]. Eis que o Senhor vosso Deus que virá com poder [v. 10]. No terceiro ponto, ele descreve a qualidade daquele que vem. Inicialmente, ele mostra que virá forte para libertar: com força, e seu braço [dominará], sua força no dia do juízo. Ou então sua força, na primeira vinda de Cristo, com o poder dos milagres; ou ainda, na destruição da Babilônia. Jó 40: se tens um braço semelhante ao de Deus etc. Em seguida, que virá justo para retribuir: eis a recompensa; a obra está diante dele, ou seja, porque na facilidade da vontade. Sab 5: os justos viverão eternamente, [o Senhor lhes reserva a recompensa]. Por fim, que virá piedoso para consolar: como o pastor [v. 11]. Piedade para alimentar os famintos, ele apascentará o seu rebanho. Ez 34: nas mais férteis pastagens etc. Jer 3: eu vos darei pastores [segundo o meu coração, que vos darão o alimento da ciência e da doutrina]. Piedade para reunir os discordantes: com a força do seu braço, [ele reunirá os cordeiros] [v. 11]. Jo 10: tenho ainda outras ovelhas [que não são deste rebanho (...)] elas ouvirão minha voz e não haverá senão um só rebanho e um só pastor]. Piedade para carregar os mais fracos: em seu colo [ele os levará, e as maiores ele também as carregará] [v. 11]. Lc 15: quando a encontrou [a colocou sobre os ombros com alegria] (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.3).

É comentado como o anúncio do consolador. Este anúncio é publicado com a certeza da realização da promessa “eis o vosso Deus” que vem com poder, que vem com a força suficiente para libertar o povo: “Eis aqui o Senhor DEUS: Ele vem com poder, seu braço assegura a sua autoridade; eis com ele seu salário diante dele a sua recompensa” (Is 40,10). Santo Tomás separa em partes este comentário: quem, como e a quem. A primeira pergunta “quem” é logo respondida, a promessa é anunciada pelo profeta, aquele que tem a missão de anunciar é quem faz o anúncio pela pregação. A pregação é uma obrigação para aquele que recebe esta missão (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.3).

“Acerca do como” é dito o lugar, a montanha. Este lugar é adequado pois do alto a palavra ecoa e mais pessoas podem ouvir. Mas também, de cima da montanha não se pode pregar com palavras sussurradas, mas em alto e bom tom, a “voz se eleva com força”. A voz se eleva e os sentidos se concentram para que a inteligência se organize e faça um anúncio claro, seguro e fluente. A segurança do pregador deve vir de dentro, do coração, pois no coração está a certeza da presença de Deus e por isso não se pode ter medo nem de anunciar, como também a quem anunciará ou duvidar pois ele tudo providencia e se mantém ao lado dos seus. A certeza da providência dissipa o medo, pois ela concede o que falar e como falar. Quem proclama a Palavra deve ter estes elementos de Isaías em mente. Contudo, Santo Tomás apresenta o sentido místico desta “alta montanha”, que aponta para Cristo como o lugar onde a palavra é anunciada, e faz uma relação com outras passagens de Isaías (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.3).

Quando se refere a “quem anuncia” Santo Tomás comenta que Isaías fala à cidade, a Jerusalém, ou a Sião, local do templo e da casa real. A palavra anunciada deve se dirigir primeiramente a quem celebra e a quem governa. De um extremo a outro, todos devem recordar a providência divina, a começar pela liturgia e em sequência no modo de governar (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.3).

Para Tomás, o principal da ação providente de Deus é se dar ao povo, grandes coisas Deus fez desde a criação. Entretanto, sua maior benevolência é quando ele mesmo, com toda prontidão, vem salvar seu povo (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.3). Esta ação providente que vem para o povo é descrita por Santo Tomás ao comentar Isaías (Is 40,10) com algumas características: poderosa, forte, libertadora, milagrosa, benevolente, consoladora, piedosa, generosa. É forte para enfrentar toda dificuldade que possa vir sobre o povo, ou derrotar todo império por maior e poderoso que seja. Esta força age para a liberdade, a ação providente sempre deixa livre seu povo, nunca escraviza ou determina, ao contrário concede liberdade. Tão grande é que a providência pode fazer milagres, como o povo pode ver ao longo da história, chegando ao ponto de ver a grande Babilônia cair. Mas de modo muito especial a providência divina é generosa com aqueles que colaboram de boa vontade com os desígnios de Deus. Os que facilitam os caminhos de Deus, generosamente são “recompensados”. A providência não se fecha na fraqueza humana, é piedosa e consola os fracos. Mas, acima de tudo está a mão providente sobre os pobres e sofredores que encontram no braço forte de Deus seu alimento. Vemos a imagem do bom pastor que se preocupa com suas ovelhas, com ternura e nada lhes deixa faltar, é esta imagem que Santo

Tomás, com base em Isaías diz: “Como o pastor ele apascenta o seu rebanho; com o braço reúne os cordeiros, carrega-os no regaço; conduz carinhosamente as ovelhas que amamentam” (Is 40,11). Santo Tomás se apoia neste versículo para falar da generosidade divina, que consiste em tudo providenciar para seu povo. E faz ainda uma relação desta imagem do pastor com a do bom Pastor que Jesus anuncia: não apenas alimenta, mas cuida, carrega com alegria e tem com suas ovelhas uma intimidade e fidelidade que estabelece uma forte união (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.3).

2.2.3 O poder providente de Deus em Is 40,12-31

Chegamos à terceira e última parte do comentário de Santo Tomás a Isaías 40. Esta parte também tem sua divisão em duas sessões. O versículo 12 aparece como uma introdução do grande tema que é o poder do Consolador. A primeira sessão da terceira parte tem o tema “Contra os erros dos idólatras” e corresponde aos versículos 12-25. A segunda sessão expõe o tema “Contra o desespero dos judeus” e se inicia no versículo 26 e vai até o 31. Nesta terceira parte do comentário de Santo Tomás a Isaías 40, encontramos os elementos que se referem ao poder da providência divina, bem como os possíveis erros do povo de Deus em relação à providência de Deus.

Na primeira sessão da terceira parte, a exposição do tema exalta que o poder da providência divina é a sabedoria. Esta sabedoria é contemplada na criação³⁶. Iremos aprofundar no próximo capítulo o tema em Tomás de Aquino, com base especialmente nas suas Questões Disputadas, onde encontramos a discussão e resolução de Santo Tomás para todo o assunto da Criação, conservação e governo do mundo (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p.9). Como esta sessão é longa, não a citaremos de uma única vez como foi feito anteriormente, ao contrário, citaremos o comentário de Santo Tomás conforme cada versículo aparece.

De Is 40,12:

¹² Quem pôde medir as águas do mar na concha da mão?
Quem conseguiu avaliar a extensão dos céus a palmos,
medir o pó da terra com o alqueire

³⁶ A criação aqui é entendida como o início completo de todas as coisas, ou seja, sua saída do nada. O pensamento sobre a criação foi exigente para se formar, os gregos ignoravam a noção de criação. Nem Platão nem Aristóteles comentaram sobre a criação, pois para eles era impossível do nada algo se fazer, ou seja, a passagem do “não ser” para o “ser”, mas tinham o princípio de que *ex nihilo nihil fit*. Santo Tomás, como muitos medievais discutem esta questão a apresentam Deus como o autor do começo absoluto, ele faz a passagem do “não ser” para o ser. Santo Tomás segue Clemente de Alexandria e Santo Agostinho nesta questão. Contudo, para ele a criação é uma ação do ser subsistente, cujo efeito é o ser que se comunica e participa, trata-se de um supremo ato da vontade e inteligência divina (S Th I, q.19, a.2) do ser subsistente (MONDIN, 1997, p.349.352).

e pesar os montes na balança
e os outeiros nos seus pratos?

Comenta Santo Tomás:

Quem mediu [as águas com o próprio punho e pesou os céus na palma da mão]? [v. 12]. Aqui ele apresenta o poder divino, da seguinte forma: primeiramente, contra os erros dos idólatras, que derogavam o poder divino, tentando igualar a criatura ao Criador. Rm 1: serviram à criatura [ao invés do Criador]; e depois, contra o desespero dos judeus, que derogavam o poder divino por sua desconfiança, levantai os olhos ao alto [e considerai quem criou os céus] [v. 26]. Aqui desenvolve-se o tema em dois pontos: primeiro, ele mostra o poder de Deus, e, depois, exclui o erro: a quem poderíeis comparar a Deus? [v. 18]. Referente ao primeiro ponto, pode-se fazer três considerações. Primeira consideração: ele apresenta o poder divino, juntamente à sabedoria, na simples medição e criação de todas as coisas: fez todas as coisas com quantidade, quanto à multiplicidade de princípios; com medida, quanto à determinação sob seu próprio ser; com peso, quanto à inclinação ao próprio fim. Sab 11: [vós dispusestes todas as coisas com medida, quantidade e peso]. [Ele mediu as águas] com o próprio punho [v. 12], isto é, facilmente se mede aquilo que está dentro numa mão fechada; pesou os céus na palma da mão, isto é, facilmente com a mão aberta; suspende sobre o nada, [segundo] Jó 26: a terra não é sustentada por nenhum [apoio] externo; caso contrário, o repouso da terra seria violento. Sobre as águas, no Sl 28, trata-se da própria situação da terra, pois está circundada pelas águas. Sal 103: [estabeleceste a terra] sobre sua própria estabilidade, quanto à causa específica de seu repouso, que é sua própria natureza. Com três dedos [v. 12], a saber, com facilidade ou com as três propriedades que são a gravidade, a consistência e a imobilidade; ele pesou [as montanhas e colocou as colinas na sua balança]: ele as pesou com seu próprio peso (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.4).

Percebemos o foco do pensamento de Santo Tomás no governo de Deus e em suas ações maravilhosas no ordinário de cada coisa, como Deus pode, ao mesmo tempo, manter a criação sem determinar em absoluto a natureza das coisas criadas por ter lhes dado o ser, sua natureza.

Deus é causa do ser nas coisas naturais, e que tem um conhecimento próprio e uma providência para cada uma, e que não age por necessidade da natureza, segue-se que pode fazer algo para além do curso da natureza nos efeitos particulares, ou quando ao ser enquanto induz uma nova forma às coisas naturais que a natureza não pode induzir (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 219).

Aqui no comentário a Isaías temos uns princípios filosóficos não tão desenvolvidos como nas Questões Disputadas, contudo, uma base suficiente que dialoga com a teologia. O poder de Deus na providência, manifesto em sua sabedoria, é percebido racionalmente pela simples observação das coisas em sua quantidade, multiplicidade, princípios, estabilidade, gravidade, imobilidade e tantos outros dados impactantes à simples observação e raciocínio humanos. Tanto a experiência quanto a razão atestam a providência. Ou seja, é inegável, por ser evidente. Todas as coisas criadas manifestam a grandeza do pensamento, ordem e cuidado divino em sua

providência e encantam e levam a filosofia a afirmar esta evidência (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.4). Percebemos que Tomás é caudatário de seus antecessores. Clemente de Alexandria, em sua famosa obra *Stromata* diz:

A providência existe e não é sequer necessário tentar demonstrá-la, pois a divina providência manifesta-se à vista não só de tudo o que é visível criação de arte e de sabedoria, mas também do que acontece e se manifesta de maneira organizada (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, V,1,6).

Esta ação providente com belíssima ordem em nada solicitou ou precisou de ajuda. Isaías nos apresenta este dado com base neste versículo: “Quem guiou o Espírito do Senhor, ou como seu conselheiro o ensinou?” (Is 40, 13) e Santo Tomás destaca que Deus é a causa de todas as coisas, é o primeiro agente, nada e ninguém junto com ele, mas somente ele deu origem às coisas corruptíveis como as incorruptíveis, somente Deus é subsistente e fonte única e exclusiva de tudo o que existe, não apenas cria como providencia (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q.22, a.3).

De Is 40,13-14:

¹³ Quem guiou o Espírito do Senhor,
ou como seu conselheiro o ensinou?

¹⁴ Com quem se aconselhou, para que fizesse compreender,
e lhe ensinasse o caminho do juízo, para que instruisse na vereda da justiça,
para que lhe ensinasse conhecimento,
para que o fizesse conhecer o caminho do entendimento?

Santo Tomás comenta:

Segunda observação: ele demonstra a suficiência do poder de Deus, que não precisa de qualquer ajudante: quem ajudou [o Espírito do Senhor]? [v. 13], contra os filósofos que afirmavam as últimas realidades terem sido criadas por meios das primeiras. Além disso, demonstra a suficiência da sabedoria divina, que não precisa de conselho algum: quem foi [seu conselheiro]? [v. 13], para lhe dar conselho; com quem [ele se reuniu para deliberar]? [v. 14], para lhe pedir conselho; quem lhe ensinou a forma de sua obra; o caminho da justiça, natural que ele determinou a todas as coisas, de tal modo que nenhuma delas excedesse os limites de sua natureza; [quem lhe ensinou] a ciência, acerca do conhecimento das coisas criadas, tanto universais quanto particulares, contra os filósofos; o caminho da prudência, referente ao governo do mundo. Jó 26: pretendes cuidar de alguém [fraco, ou sustentar seu braço daquele que está sem vigor]? (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.4).

Com lucidez e rigor, Santo Tomás argumenta contra o pensamento filosófico de que as primeiras coisas teriam dado origem às demais. Tomás destaca a sabedoria divina no seu comentário a Is 40,14. Evidencia a pergunta “quem seria seu conselheiro” e com eficácia apresenta diversos temas filosóficos em poucas palavras. Quando ele afirma a sabedoria que ordena todas as coisas, o poder de Deus que tudo cria por si, a justiça natural presente nas obras de Deus e que o mundo é governado com prudência percebemos elementos caros à providência.

Primeiro, que a providência é fruto da vontade divina que age por sua inteligência ao ordenar todas as coisas (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q.22, a.1). Segundo, a providência atua em todas as realidades criadas universais ou particulares, todas as coisas estão sujeitas a ela (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q.22, a. 2). Terceiro, a providência é ação propriamente divina, as criaturas seguem sua natureza, pois Deus tem ciência de tudo e de todos os modos de cada coisa ser (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, q. 22 a.4). Quarto, que a providência é prudente pois trata-se de uma justa decisão *rectas ratio agibilium*³⁷ (TOMÁS DE AQUINO, S.Th II-II, q. 47, a. 2).

Precisamente, é na Suma Teológica que Santo Tomás mais desenvolve sobre a virtude da prudência, como veremos no próximo capítulo, no que mais reforça a reflexão da providência. Tomamos seu conceito de que se trata de uma virtude da razão prática e por isso a providência é prudente. Justamente em Isaías a providência atua na história, providenciando a libertação do povo, não poderia ficar apenas em uma promessa ou ideia na mente de Deus, é necessário que tenha uma ação concreta. Também por ser a prudência a virtude da razão, ou seja, Deus não atua de modo contraditório, absurdo, ainda que surjam ações extraordinárias ou até mesmo milagrosas, são ações cuja causa desconhecemos, pois têm seu curso ordinário, mas não ilógico ou irreal (JOLIVET, 1965, p. 428). Santo Tomás destaca esta ação prudente justamente no governo do mundo, seguindo assim o pensamento de Isaías em que Deus atua não apenas em provisão, como também no controle, direção e uso de todas as coisas, a fim de que alcancem seu propósito.

Percebemos o destaque à “excelência de Deus” em seu agir providente quando lemos o comentário de Aquino a Is 40,15-17.

De Is 40,15-17:

¹⁵Para ele as nações não passam de uma gota que cai do balde,
São reputadas como o pó depositado nos pratos da balança.
As ilhas pesam tanto como um grão de areia.

¹⁶O Líbano não bastaria para o seu fogo, nem a sua fauna para um holocausto.

¹⁷Todas as nações são como um nada perante ele;
não passam de coisa vã e nada.

Santo Tomás comenta:

Terceira observação: ele trata da excelência de Deus, pois supera toda a multidão dos povos: diante dele todas as nações são como uma gotinha

³⁷ Tradução de *rectas ratio agibilium*: reta razão aplicada ao agir.

[d'água na ponta dum balde e como o menor movimento do ponteiro da balança, todas as ilhas são a seus olhos como pó] [v. 15]. Como uma gotinha, uma pequena gota caindo dum balde, recipiente de pouco valor, apto a receber a água destinada aos sedentos. O movimento da balança, do ponteiro situado entre as duas hastes, pendendo facilmente para um lado ou para outro. Jó 26: apenas como uma pequena gota etc. Ele supera também, por sua dignidade, toda honra que lhe poderia ser prestada, principalmente a respeito das oferendas: o Líbano [não bastaria para acender o fogo do sacrifício que lhe é devido, e todos os animais seriam bem poucos para se transformarem num holocausto digno dele] [v. 16]; o Líbano, ou seja, todas as árvores e todos os animais que abundam no Líbano, país coberto de bosques e de pastagens. Miq 6: que oferecerei a Deus, [que seja digno dele (...)] holocaustos, bezerras dum ano]? Ele ainda supera toda perfeição das criaturas. Supera sua perfeição natural, porque o ser criatural em relação a Deus é como um não-ser: Dionísio afirma, com efeito, no capítulo 12 do livro Dos Nomes Divinos, que tanto os que participam [das perfeições] superam os que não participam, como aquele que é o princípio das participações supera as participações e aqueles que participam: diante dele todos os povos são como se não fossem [v. 17]. E quanto às perfeições adquiridas, que dão arremate às coisas, [ele olha para elas] como um vazio e um nada [v. 17]. Jer 4: olhei a terra [e não encontrei senão um vazio e um nada] (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.4-5).

Ninguém, por mais generoso e habilidoso que seja, pode agir com maior grandeza e sabedoria do que Deus. Citando Isaías, é comparado a uma gotinha em uma grande porção de água. Por mais poderosas que sejam as nações, nenhuma delas se compara ao poder de Deus. Então é comentado o “movimento da balança” que ora pende para um lado, ora pende para outro, e vemos na história reinos surgindo e reinos ruindo, na verdade, quem está acima de todo este movimento é a providência divina (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.4). E mesmo que todos os povos lhe ofereçam seu culto e oferenda “ele supera, por sua dignidade, toda honra que lhe poderia ser prestada” (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.4). Verdadeiramente, por mais que a pessoa seja grata à providência, nada pode compensar ou honrar suficientemente o ato providente de Deus. O que justifica esta insuficiente ação humana diante da providência divina? Seria Deus incapaz de receber um agradecimento? Na verdade, a filosofia de Santo Tomás destaca, com base na Sagrada Escritura, que Deus supera a perfeição das criaturas.

Seguindo de perto Santo Tomás, observamos que, “perfeição significa como que totalmente feito (...) Na verdade, algo é dito perfeito enquanto está em ato, pois diz-se perfeito aquilo a que nada falta de sua perfeição própria” (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q. 4, a.1). Entende ainda que as perfeições de todas as coisas estão em Deus porque Deus é o próprio Ser subsistente sem o qual nada é. Com efeito, o *ipsum esse subsistentes* é a causa de tudo o que tem ser (de todos os entes). Ora, como o ser é “ato de todos os atos e a perfeição de todas as perfeições” segue-se que todas as perfeições existentes nos entes são sustentadas imanentemente pelos *actus essendi*

e conservadas de modo transcendente por Deus. Como é impossível que os entes sejam causa de seu próprio ato de (*actus essendi*), é necessário que o que há de mais perfeito em tudo o que é seja efeito da causa eficiente, formal e final de todas as coisas, que as religiões chamam de Deus (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q. 4, a.2). Portanto, toda oferta será sempre imperfeita diante da perfeição e subsistência de Deus em si mesmo, cuja essência é seu próprio ser. Os seres que possuem perfeições finitas são compostos de ser e essência, possuindo suas perfeições constitutivas por participação. Logo, tudo o que ofertamos, por melhor que seja, já é em Deus (JOLIVET, 1965, p.380).

De Is 40,18-19:

¹⁸ A quem, comparar Deus?
E que imagem poderíeis dele fazer?
¹⁹ O artífice funde uma imagem,
o ourives a reveste de ouro,
para ela funde cadeias de prata.

Tomás comenta:

A quem [poderíeis comparar a Deus, e qual imagem poderíeis dele oferecer]? [v.18]. Neste segundo ponto, ele trata de excluir o erro. Começa ridicularizando o próprio erro, tendo em vista a intenção daqueles que erravam por quererem fazer um deus: Portanto, isto é, dado que ele é tão poderoso; a quem poderíeis comparar [a Deus]?, aqui ele destaca diretamente o erro dos que pensavam que as mesmas imagens fossem deuses. E qual imagem [poderíeis oferecer dele]?, contra os que pensavam serem deuses as realidades representadas, como o sol ou a lua etc. Ex 15: quem entre os deuses se assemelha a vós, [Senhor, grande em santidade, temível e digno de louvor por causa das maravilhas que fizestes]? Ele também evidencia a tolice de tal procedimento. Ora, queriam dar a forma mais nobre ao material mais desprezível: porventura um artesão [não funde sua estátua, o ourives não a forma com ouro ou prata]? [v. 19]. Sab 14: [foi uma armadilha para a vida humana que homens (...) tenham dado a pedras e à madeira] o nome incomunicável. (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.5).

Como adverte o Doutor Angélico, Isaías quer excluir o erro do povo de Israel que ousa comparar a Deus com os deuses da Babilônia. Isaías desdenha de tal comportamento. Como alguma dessas divindades babilônicas poderia ser comparada com o Deus de Israel? Santo Tomás toma a isso como um erro do povo, entender essas divindades por deuses. O argumento que Santo Tomás adota é o mesmo usado por Isaías, que é se favorecer do argumento lógico natural, como as coisas são e mostrar o tanto que é confuso este pensamento da idolatria. Como as obras podem ser maiores que o artífice? Como narra o próprio texto de Isaías: O artífice funde uma imagem, o ourives a reveste de ouro, para ela funde cadeias de prata (Is 40,19). O versículo 20 não é comentado, pois segue a mesma reflexão apresentada nos versículos 21-22.

De Is 40,20-22:

²⁰ Aquele que faz oferenda de pobre,
escolhe madeira que não apodreça;
busca um artífice perito,
capaz de erigir um ídolo que não vacile.

²¹ Não o sabeis? Não ouvistes dizer?
Não vos foi anunciado desde o princípio?
Não compreendeste a fundação da terra?

²² Ele está entronizado sobre o círculo da terra,
cujos habitantes são como gafanhotos;
ele estende os céus como uma tela, e abre como uma tenda, que sirva de
habitação;

Santo Tomás comenta:

Depois de ridicularizar, ele se dedica a confundir o que erra. Começa a fazê-lo a partir do ensinamento da lei natural: não sabíeis, [não ouvistes dizer]? [v. 21], pela razão natural, que os ídolos não são deuses. E também a partir da proibição contida na lei escrita: por acaso não vos havia sido revelado [desde a origem]? [v. 21]. Rm 10: não teriam eles ouvido? Continua a confundir, considerando as criaturas terrestres, na sua criação: não compreendestes que os fundamentos da terra [v. 21] foram estabelecidos por ele? A saber, exatamente aquilo que está no centro da terra. Prov 8: quando ele estabelecia os fundamentos da terra, [eu estava com ele e colocava todas as coisas em ordem]. E também considerando o Criador: é ele que se assenta sobre o globo [v. 22], pois a terra é esférica, como aquele que governa, e seus habitantes se assemelham a gafanhotos, a respeito da grandeza da terra ou do próprio Deus. Além disso, ele considera a criação das criaturas celestes: aquele que estende [os céus como um nada e os desdobra como uma tenda para moradia] [v. 22]; aquele que estende, para mostrar a grandeza do céu; e como um nada, para indicar a sutileza de sua substância; como uma tenda para si, para [dizer] que, primeiramente nela, sua força se reflete entre os seres corporais, quanto à virtude. Ou como moradia dos anjos e santos, quanto à dignidade; ou ainda, como tenda para todas as criaturas inferiores quanto à claridade das mesmas. Jer 10: prepara o orbe em sua sabedoria etc (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.5).

Comentando Is 40,21 Santo Tomás retoma a passagem de Romanos 10, para evidenciar a confusão do povo de Israel ao tomar as obras criadas no lugar do criador. Apresenta então o pensamento de Deus como governador do mundo, ou seja, a relação que existe entre Deus e sua obra. Sabemos que esta relação é muito precisa para o pensamento de Santo Tomás, tanto que toda a sua grande obra, a Suma Teológica, foi planejada com base nesta verdade de Deus que vem ao encontro da pessoa e a leva para a intimidade da vida em Deus (movimento de retorno a Deus). A afirmação de Santo Tomás é toda embasada na ideia de que a criatura sempre será distinta do criador, carrega em si o dom da liberdade de ser por sua própria natureza e isto lhe foi dado por Deus. Entretanto, esta liberdade dada pelo criador não o impede de estar em tudo e em todos os lugares pelos efeitos de seu governo divino, a saber: a conservação, a moção e a mediação. Em todos estes efeitos, temos a força da providência no governo divino (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q.103 – 104) podendo

ainda diferenciar o que cabe às criaturas (espíritos, corpos e homens) e o que propriamente é ação de Deus no mundo (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q.106-119).

Fiel à revelação bíblica, Santo Tomás comenta Is 40,22 e reflete sobre as criaturas celestes, mesmo que este seja um tema propriamente teológico, por isso faz um esforço de especulação a respeito. Graças à sua metafísica, possibilitou à filosofia discutir este tema, Santo Tomás foi um grande defensor da imaterialidade da natureza dos anjos e esta discussão se encontra especialmente organizada na quarta prova da existência de Deus, ao tratar de sua perfeição. De acordo com Santo Tomás, os anjos se encontram na posição mediana entre Deus e suas criaturas, “se faltassem os anjos no universo, seria maior a distância entre o ser de Deus e o das criaturas corpóreas” (TOMÁS DE AQUINO, 2006, p.13). Com a passagem de Isaías, ele comenta a dignidade dos anjos que compartilham a grandeza das obras de Deus, mas que ocupam uma posição diferente das criaturas corporais e a providência também age por elas:

A providência divina possui uma disposição inteligível de tudo e de cada coisa; mas executa o que foi disposto por meio de várias causas. Dentre elas, as substâncias espirituais que, por estarem mais próximas da Causa Primeira, denominamos anjos, executam mais universalmente a providência divina (TOMÁS DE AQUINO, 2006, p.159).

De acordo com Santo Tomás, a execução de sua providência passa pelos anjos em sua dignidade, por determinação divina e não por eles mesmos e são para todas as criaturas instrumentos da providência, atuando a partir da sabedoria divina, mas apenas no que é próprio de cada criatura.

Os versículos 23-25 de Isaías 40 narram que:

²³Ele reduz os príncipes a nada,
e faz dos juízes da terra em coisa vã.
²⁴Mal foram plantados, mal foram semeados,
mal o seu caule deita raízes,
já o sopro de Deus cai sobre
eles e eles secam;
a tempestade os leva como palha.
²⁵A quem me haveis de comparar?
A quem me assemelharei? Pergunta o Santo.

E Santo Tomás comenta:

Enfim, ele confunde o autor dos erros a partir da subjugação dos grandes. A destruição dos grandes se dá, quer segundo a ciência: é ele que aniquila os que perscrutam os segredos [da natureza] [v. 23], a saber, os filósofos; quer segundo o poder: [e quem reduz ao nada] os juízes da terra, ou seja, os príncipes. Sal 63: eles armam iniquidades, [mas se esgotaram nessa busca]. E indica a facilidade de tal destruição, por meio duma comparação com a planta ou a árvore, desprovidas de raízes: na verdade, eles não foram plantados, [nem semeados, e seu tronco não tem raízes na terra; logo que enviou sobre eles seu sopro, eles secaram e foram levados como a palha é arrastada pelo redemoinho] [v. 24]. Jó 13: demonstrais vosso poder contra

uma folha levada pelo vento, [e perseguis uma palha seca]. Então ele conclui: e com quem me haveis comparado, [a quem me haveis igualado, diz o Santo]? [v. 25]. Sal 88: quem, nas nuvens, será comparável [ao Senhor? E quem, entre os filhos de Deus, será semelhante a Deus]? (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.5).

Em seu comentário a Isaías 40,23-25, o Angélico afirma que Deus, para fazer acontecer seus desígnios, pode confundir os poderosos justamente usando de sua força, os filósofos pelo seu saber, os poderosos por seu poder. O poder de Deus é tão grande que ainda que pareça confuso para os sábios e impossível aos poderosos, Deus pode desfazer qualquer problema com facilidade e por isso conclui com Isaías 40,25: “A quem me haveis de comparar? A quem me assemelharei? Pergunta o Santo”. A ninguém se iguala o Poderoso Senhor Deus de Israel (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.6). Da mesma forma, não podemos igualar sua ação benevolente e providente. Inúmeros benefícios o povo pode receber do poder da Babilônia, de seus sábios, mas nada será comparado ao que Deus fez e faz libertando seu povo.

De Isaías 40,26:

²⁶Elevai os olhos para o alto e vede:
quem criou estes astros?
É ele que fez sair seu exército
em número certo e fixo.
A todos chama pelo nome.
Tal é o seu vigor, tão grande a sua força
que nenhum deles deixa de apresentar-se.

Santo Tomás comenta da seguinte forma:

Levantai os olhos para o alto [v. 26]. Aqui ele acrescenta o mesmo contra os que se desesperam. Antes de tudo, ele evidencia a majestade divina a partir de três considerações. Primeiro, considerando a criação das coisas: quem criou estas coisas, ou seja, as coisas celestes. Sal 32: ele disse e todas as coisas foram feitas. Segundo, considerando a perfeição de sua ciência: quem conduziu, para cumprir sua vontade; com ordem, determinada pela sua ciência; o exército celeste, a saber, as estrelas ou os anjos; e os chama pelo nome, atribuindo a cada um sua própria natureza, donde advém seu nome. Sal 146: ele enumera [as estrelas e conhece cada uma delas por seu nome]. Terceiro, considerando a plenitude do seu domínio: tal é a grandeza de sua força, para combater, de seu vigor, para resistir, de seu poder, para agir; não há nem mesmo um, que escape do seu domínio. Jó 25: quem consegue contar o número [de seu exército, sobre quem a sua luz não se levanta]? (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.6).

Vemos o movimento de destaque do elemento da primeira parte da citação “elevantar os olhos” com o significado do voltar o rosto para o Senhor nos momentos de aflição e chega a dizer que os que não o fazem “se desesperam”, ou seja, perdem a esperança. Mas o que se deve esperar? Ele responde: a “majestade divina” que se pode reconhecer pela criação, a perfeição e seu poder. Estes três atributos são exaltados por meio de citações bíblicas, como era próprio em Tomás e que dialogam

com o texto de Isaías. Para os que duvidam, Deus, pela boca do profeta, convoca o povo a abrir os olhos e levantá-los para o alto, e da mesma forma comenta Santo Tomás que os que não encontram esperança de sair do exílio devem olhar para a majestade divina.

O olhar para a criação, como tudo foi feito a partir da Palavra de Deus, em uma ordem tudo se fez e com a mais perfeita harmonia entre as coisas da terra e as do céu. Tudo se ordenou conforme a vontade divina, de um caos a ordem, em nada precisou das criaturas para realizar este grande feito, pois que a providência age da mesma forma vinda da vontade de Deus nas suas criaturas conduzindo-as à sua finalidade (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.6). Segundo, olhar para a perfeição com que todas as coisas foram feitas. A ciência de Deus em nada ocupa o saber dos homens, não obstante tudo se faz em perfeição e grandeza. Nenhuma de suas obras escapa à perfeição da ciência do criador percebida na natureza de cada coisa (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.6), esta mesma natureza favorece a ação da providência e já atua como parte dela. Terceiro, o pleno domínio da ação providente de Deus. Este domínio vem de sua onipresença e onipotência, o vigor que sustenta e sua poderosa ação, estando todos debaixo desta força divina, desta forma é possível cumprir o mandato de levantar, com o qual começa e termina o versículo 26 (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.6).

De Is 40,27:

²⁷Por que dizes tu, Jacó, e por que afirmas, Israel:
O meu caminho está oculto ao Senhor, e o meu direito passa despercebido a Deus?

Santo Tomás comenta:

Em seguida, ele exclui o erro de duas formas: primeiro, ele o expõe e, depois, o refuta. Expõe o erro assim: por que dizes tu, ó Jacó: meu caminho está escondido [ao Senhor] [v. 27], ele não vê de que males sou eu, caso contrário ele me defenderia. O juízo [se afastou para mim do meu Deus], isto é, o poder de julgar, que havia antes. Eclo 16: não digas: vou me esconder dos olhos de Deus, [e quem vai lembrar-se de mim no alto do céu?]. Ez 9: eles disseram: o Senhor abandonou [a terra, o Senhor não vê] (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.6).

Ao desenvolver este versículo, segue a teologia de Tomás destacando a onipresença de Deus que em nenhum lugar deixa de estar e se faz presente em todas as condições humanas. Por mais que o povo tenha se afastado do mandamento do Senhor, por pior que seja sua falta diante de Deus, Ele não retira sua presença. A pergunta de Isaías é clara e Tomás responde refutando o comportamento de quem pensa estar no pecado e por isso pode continuar fazendo

atrocidades, por isso ele expõe este modo de pensar e refuta tal ignorância por parte de Israel que, se achando pecador, não poderia mais voltar à presença³⁸ divina, estando então preso à sua condição de escravo.

De Is 40,28:

²⁸Não sabes? Não ouviste dizer?
O Senhor é Deus eterno,
Criador das extremidades da terra.
Ele não se cansa nem se fatiga,
sua inteligência é insondável.

Assim escreve Santo Tomás:

Após a exposição do erro, ele trata de refutá-lo, apoiando-se na lei: não sabes [v. 28], por meio da lei natural; ou não ouviste, por meio da lei escrita, o que segue? Primeiramente, mostrando a grandeza de Deus, a partir de suas qualidades interiores. Primeiro, a eternidade de seu domínio: Deus é o Senhor eterno. Ex 15: o Senhor reinará pela eternidade. Segundo, seu poder incansável: ele não se cansará, como se ele não pudesse tudo; ele não terá de fazer esforço, como se fosse difícil para ele exercer seu poder. Dan 7: seu poder [é um poder eterno que não lhe será tirado, e seu reino nunca será destruído]. Terceiro, a incompreensibilidade de sua ciência: sua sabedoria é impenetrável. Rm 11: [ó profundidade dos tesouros da sabedoria e da ciência de Deus,] quão impenetráveis são os seus juízos e quão incompreensíveis são os seus caminhos (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.6).

Seguindo seu pensamento, chegamos a um elemento caro à providência em Tomás, ela é eterna como Deus é Eterno. Nesta citação há uma interrogação verdadeiramente supondo que se saiba destes dados da ação providente de Deus, que seria a lei natural, mas se por acaso alguém não soube por si, em sua história, se percebendo interiormente, existe outro caminho que é a Revelação, por meio do ouvir do senhorio eterno de Deus, suas grandes obras incansáveis a favor do povo, sua onipotência ou mesmo pelos mistérios de Deus completamente insondáveis à mente humana.

Em Is 40,29-31 que narra:

²⁹ Ele dá força ao cansado,
que prodigaliza vigor ao enfraquecido.
³⁰ Mesmo os jovens se cansam e se esgotam,
até os moços vivem a tropeçar;
³¹ mas os que põem sua esperança no Senhor renovam suas forças, abrem
asas como águias;
correm e não se esgotam;
caminham e não se cansam.

³⁸ Tomás sustenta que a presença de Deus se dá por “potência”, “presença” e “essência”. Deus como causa eficiente de todas as coisas está presente em tudo o que criou. Sua forma de estar presente é pelo seu poder, uma vez que a tudo ele domina. Por sua presença pois ele vê tudo o que existe. E por sua essência por ser a causa de ser de todas as coisas (S.Th I, q. 8, a.3).

Santo Tomás escreve:

Em seguida, ele refuta o erro a partir das grandes obras realizadas nos outros. Primeiro, naqueles que se recuperaram da antiga fraqueza: ele dá força àquele que está cansado [v. 29], a saber, aquele que, antes forte, acabou enfraquecendo-se; [e ele concede vigor] àqueles que não o tem, a saber, aqueles que nunca foram fortes. Is 25: vós vos tornastes a força do pobre, [o vigor do fraco na aflição]. Rm 4: ele chama aquelas coisas que não são. 1Cor 1: escolheu os fracos [segundo o mundo para confundir os poderosos]. E depois, dá destaque à grandeza da força [recebida], em comparação com a força natural, antes precária: as crianças se cansarão [v. 30], trata-se daqueles que se encontram em estado de crescimento; os jovens [cairão de fraqueza], aqueles que parecem robustos. 1Rs 2: o homem com toda a sua força [não será senão fraqueza diante dele]. Enfim, conclui evidenciando a grandeza da força dada por Deus: os que esperam no Senhor, renovarão suas forças [v. 30], ou seja, a força natural se tornará divina e, para que não se cansem na subida, eles tomarão asas [como as águias]. Prov 23: elas tomarão asas [como águia e voarão para o céu]. Nem se cansem na velocidade da corrida: eles correrão [sem se cansarem]; nem mesmo numa caminhada sem pausa: eles andarão [e não se cansarão] [v. 31]. Is 5: não haverá quem se canse ou tropece etc. (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.6-7).

Tomás apresenta a evidência dos limites da existência das criaturas, por mais fortes que sejam, ou jovens, em algum momento chega o cansaço, o desgaste dos anos, a fraqueza depois de tanta luta. Somente na providência divina é que o cansado reencontra força, o vigor é renovado ou o consolo encontra o coração aflito. Quem recebe o vigor seria uma pergunta ao texto de Isaías. No comentário de Santo Tomás ele dá a entender que tanto aquele que estava em falta diante de Deus e nunca buscou sua presença como aquele que seguia os caminhos do Senhor, mas se desviou, ou seja, aos que “nunca foram fortes” e aos que enfraqueceram no caminho, Deus a todos providencia novo vigor para seguir o caminho, isto significa que Deus não deixa ninguém fora do seu divino auxílio (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.7). Abrindo-se para esta realidade que acompanha a natureza das coisas criadas é que se pode ver a grandeza de Deus e a força de sua providência.

Somente em Deus é possível fazer a passagem da escravidão para a liberdade, do pecado para a graça. No pensamento de Santo Tomás, esta dádiva da perseverança e do sustento vem de Deus, vem de sua providência que sustenta o povo em seu regresso para a terra prometida (TOMÁS DE AQUINO, 2020, p.7).

Enquanto busca em si mesmo o fim para suas faltas, o povo permanece na escravidão, cai sempre de novo. Mas quando se volta para a providência divina, sua fraqueza é curada e suas forças se renovam.

Seguindo de perto Santo Tomás, observamos que, em suas anotações paralelas, ele apresenta o testemunho dos santos que, comparados à águia, voam alto e possuem uma eminência da contemplação. Estão sempre se esforçando para

viver no céu, são hábeis e prontos para agir corretamente, mas por estarem muito próximo de Deus, os santos são também solícitos em ajudar os irmãos, e se tornam um instrumento da providência na mão de Deus em favor do povo de Deus.

CAPÍTULO 3: ELEMENTOS FILOSÓFICOS DA PROVIDÊNCIA EM ISAÍAS 40, CONFORME SANTO TOMÁS DE AQUINO

Em nossa pesquisa fizemos, no primeiro capítulo, o caminho de Isaías 40, identificando elementos sobre a providência divina. É analisado o texto de Isaías e um pouco de sua hermenêutica, passando pela estrutura do texto, comentando a perícopes desde o versículo 1 ao 31 apontamos para a providência em seu poder e sabedoria que depois de criar governa a criação. No primeiro capítulo é destacada a ação providente que encoraja e fortalece o povo de Israel. No segundo capítulo, evidencia-se o comentário de Santo Tomás a Isaías 40, deixando que seu texto aponte para a providência divina. Ainda no segundo capítulo aparece o elemento do poder divino da providência na criação e no governo que aparecem e destacam o convite à consolação. Neste terceiro capítulo, o intuito é recolher dos dois primeiros capítulos os elementos filosóficos que emergiram e assim, confirmar a tese de que em Isaías 40 é possível contemplar a providência divina mesmo nos tempos de sofrimento e falta de confiança do povo de Israel. Para isso, abordaremos o que são os atributos divinos de modo geral e passaremos a dialogar com os atributos divinos que emergem no texto de Isaías e no comentário de Santo Tomás de Aquino, que fundamentam a ideia da providência. Os atributos que encontramos tanto em Isaías como em Santo Tomás e que nos propomos a colocar em diálogo são os da criação, prudência, perfeição, poder. Encerramos dando o destaque que o texto oferece para a ideia de fortaleza e esperança, virtudes que emergem da vivência da providência. Demonstrar que Deus agiu providentemente é uma tarefa que nos propomos no texto, mas o que esta ação providente provocou no povo também nos interessa, e é isso o que faremos nos dois itens que seguem.

3.1 OS ATRIBUTOS DIVINOS SEGUNDO A FILOSOFIA DE SANTO TOMÁS

Primeiramente, para falar em atributos devemos saber que a filosofia parte da premissa de que Deus é. Desta premissa, a observação filosófica se abre para o contexto de outras realidades sobre a natureza de Deus e uma delas são seus atributos ou, como profere Batista Mondin, estamos vendo um pouco mais da “face de Deus”.

Essa variação linguística não é casual nem gratuita. Ela serve para pôr em evidência a verdade fundamental de que, quando falamos de Deus, não nos

encontramos [somente] no mundo das essências e naturezas (como poderia nos levar a crer a linguagem metafísica tradicional), mas no das pessoas. Essa verdade nos é garantida pela palavra “face”. Enquanto que das coisas se pode dizer que têm uma essência, uma natureza só das pessoas se pode dizer que têm uma face (MONDIN, 1997, p.291).

Exatamente o que queremos evidenciar é a “face³⁹” providente de Deus para com a pessoa, percebida pelo povo de Israel mesmo no tempo de exílio. Estamos falando de um encontro entre a face divina e a humana. O povo de Israel, em sua experiência de vida, está construindo a face de Deus. É da natureza humana nomear, e de alguma forma esta prática é um modo de ver a face das coisas, assim com Deus não foi diferente. São Paulo não deixa despercebida esta prática “trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, vem como de pássaros, quadrúpedes e répteis” (Rm 1,23). Não vamos nos dedicar às diferentes faces ou atributos divinos, mas àqueles que o texto de Isaías comentado por Santo Tomás nos indica e constrói à imagem de Deus providente. Destes destacamos criação, prudência, perfeição, poder.

Como comentamos no início, os atributos são como que a face de Deus que o povo vai descobrindo e denominando, a partir do diálogo com Deus. Nesse diálogo, o que se percebe é que, na medida em que o povo percebe a Deus também vai se percebendo como os atributos de Deus despertam virtudes. Dentre elas, elegemos do texto as virtudes da fortaleza e da perseverança. O modo de Deus agir vai além de seu conhecimento e sabedoria, pois enquanto ser supremo inteligente e sábio, poderia estar em si mesmo, mas quando se volta para as criaturas vai além destes atributos e se apresenta como previdente e providente. Age de modo a dispor caminhos que conduzam seu povo à sua finalidade.

O segundo Isaías teve mesmo a coragem de chamar Ciro de instrumento inconsciente da vontade de lahweh, instrumento que lahweh tinha suscitado e iria usar para restabelecimento de Sião... Com isso, o profeta deu uma resposta ao desafio da história do mundo, resumindo toda marcha do império com base na religião histórica de Israel: todas as coisas se realizam dentro da vontade e pelo poder de lahweh, que é o único Deus. E ele convocou a Israel a confiar neste Deus onipotente e redentor (Is 40,27-31; 51,1-16) (BRIGHT, 2013, p.426).

Do trajeto bíblico, tanto no Novo como no Antigo Testamento, emerge a ideia de que Deus norteia a história, povos simples ou poderosos atuam de modo a deixar

³⁹ Não nos referimos ao sentido literal, mas metafórico, pois Deus não tem corpo e, portanto, não poderia ser visto em sua face divina trinitária.

acontecer um plano divino. Da mesma forma, Deus fala e atua na história por homens simples como profetas, que poderiam estar vivendo uma vida simples, ou por homens poderosos como o rei Ciro da Pérsia, que retira o povo da escravidão. Verdadeiramente, o livro da Sabedoria (Sb 6,7) exclama esta ação de Deus sobre todos, indiferente se pequenos ou grandes, tudo é regido pela sabedoria e poder da providência de Deus.

É claro que o povo de Israel só poderia ter a ideia da providência divina pelos dados da revelação. Entretanto, também a razão humana, ou seja, a filosofia chegou a esta percepção de que Deus é providente. O que mais se destaca é que pela percepção da providência evidencia-se que o Deus de Israel é cuidadoso e amoroso, o que faz o povo ter atitudes de confiança (Sl 145) e fortaleza (Is 44). Desta forma, no que se segue neste terceiro capítulo, trabalharemos os atributos divinos e as virtudes humanas que dialogam com o texto de Santo Tomás comentando Isaías 40.

A filosofia de Santo Tomás, ao tratar dos atributos divinos, não está baseada nos textos bíblicos, mas sim na existência de Deus como causa primeira universal e princípio supremo de todas as perfeições. Sendo Deus o ato puro ou Ser que existe por si, não tem em si nenhuma imperfeição ou composição. Por ser perfeição infinita, enquanto Ser, Ele é a absoluta determinação e exclui potencialidade, sendo toda sua perfeição atual e plena (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q.4, a.2).

Tanto a providência como Deus criador são atributos que partem da vontade divina. Esse modo de falar é utilizado por causa de nosso raciocínio, pois em Deus basta ser. A vontade divina é da evidência de Deus ser inteligente, pois a vontade é inseparável da inteligência, e toda natureza inteligente age e procura sua perfeição (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q.19, a.1). A vontade de Deus age e ama o bem absoluto. A vontade é totalmente independente, imutável e eficaz, e dessa forma atua a providência pela criação e perfeição de Deus (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q.19, a.4).

3.2.1 Criador

Toda definição a respeito de Deus partirá do pensamento de que ele é criador. Trata-se de uma verdade racional fundamental da qual emana todas as outras verdades “salutíferas”. Discursar que Deus é criador é entender que tudo foi feito do nada, é dar origem às coisas no nível em que elas começam a ser (GOMES, 1981, p. 175). O pensamento precisa de uma base de referência, e incorreríamos em severos

erros se tomássemos dados que não fossem considerados a partir da causa do ser. Claro que, diferente do entendimento moderno de causa, para Santo Tomás a causa é a razão de algo ser. Jean-Michel afirma que o verbo criar:

Aparece em plena luz nos escritos proféticos, no Deutero-Isaiás, em particular. O começo do mundo é descrito na forma de relato de origem, no interior de uma teologia da aliança, na perspectiva da libertação universal. Tal teologia amadureceu graças à reflexão dos sábios sobre o mundo e à experiência humana, no interior da fidelidade ao Deus da eleição do apelo à conversão (MALDAMÉ, 2002, p. 35).

O profetismo trabalha com a palavra, Deus fala ao povo pelos profetas, aqui em destaque o profeta Isaiás. Segundo o pensamento de Santo Tomás, a primeira mensagem do ato criador de Deus é justamente sua comunicação de si para com o mundo criado. O ato de fazer proceder o ser a todas as coisas expressa o amor de Deus que, por amar se comunica. Justamente a criação e posteriormente a salvação expressam o profundo amor de Deus para com a humanidade e para com todas as coisas criadas (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q.22).

A Suma Teológica aborda o tratado da criação em seis questões, desenvolvendo a processão das criaturas a partir de Deus, sendo ele a causa primeira de todas as coisas, em seguida responde como as coisas emanam do primeiro princípio. Existia, na Idade Média, a discussão sobre o problema da criação no tempo, por isso a terceira questão sobre a criação fala do princípio de duração das criaturas. A quarta questão sobre a criação se ocupa da diferença entre as coisas em geral. Essa diferença é entendida por Santo Tomás como uma unidade, pois parte de um único princípio que tende ao mesmo fim, e une todas as coisas criadas de modo diverso e individual. A ordem com que tudo foi criado evidencia a harmonia da criação que, por sua vez, é fruto da inteligência divina que tudo ordenou e criou. Dessa forma, como está no primeiro artigo da questão quarenta e sete, tanto a unidade como a distinção, ambas proveem de Deus.

Deus distinguiu as trevas da luz e dividiu as águas das águas. Portanto, a distinção e a multiplicidade das coisas vêm de Deus. A distinção entre as coisas, assim como sua multiplicidade, provém da intenção do agente primeiro, que é Deus. Com efeito, Deus produziu as coisas no ser para comunicar sua bondade às criaturas, bondade que elas devem representar. Como uma única criatura não seria capaz de representá-las suficientemente, Ele produziu criaturas múltiplas e diversas, a fim de que o que falta a uma para representar a bondade divina seja suprida por outra. Assim a bondade que está em Deus de modo absoluto e uniforme está nas criaturas de forma múltipla e distinta. (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q.47, a.1)

No percurso de Santo Tomás para abordar a criação não falta o olhar sobre a realidade do mal. Ele diferencia o bem do mal na questão quarenta e oito, em seis

artigos. Sua intenção nesta questão é apenas diferenciar o bem do mal nas coisas criadas e aqui ele não vai se ocupar do mistério do mal, ele procura mostrar aqui o mal como a privação do bem. Por fim, a última questão sobre a criação é a resposta à questão sobre a causa do mal que ele descreve em três artigos.

Para Santo Tomás, o fato de Deus ser criador evidencia a sua providência. Ele parte do pensamento de que Deus é a causa incausada de todas as coisas. Uma vez que sua inteligência concebeu todas as coisas, evidentemente as pensou com razão e ordem logo as pensou para um fim. Para que cada realidade criada chegue ao seu fim, necessariamente Deus atua de modo providente. Deste modo a providência divina é em Deus a razão que ordena todas as coisas à sua finalidade de ser. Desta forma, para que as realidades criadas cheguem ao seu fim, é necessário que Deus as crie e as governe, o que Santo Tomás chama de “execução da ordem” (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q.22, a.3).

Em outra obra de Santo Tomás, *Quaestiones Disputatae de Potentia Dei* (1265-1266), é desenvolvida a temática da criação nas questões 1-3 com 32 artigos, para responder a estas três questões. Temos as duas primeiras questões mais voltadas para a temática do poder e a última para a criação. Sendo que na primeira questão ele reflete sobre o poder de Deus em si. Na segunda questão versa sobre a potência geradora na natureza divina e na questão três averigua a criação como o primeiro efeito da potência divina (TOMÁS DE AQUINO, 2013, p.9). Nesta mesma obra, *Quaestiones Disputatae*, também temos a temática nas questões 4-6, aqui em forma de perguntas, em que ele responde em 22 artigos sobre a criação da matéria informe, a conservação de todas as coisas no ser de Deus e, por fim, sobre os milagres na criação (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p.8).

É claro que quando falamos de criação em Santo Tomás não estamos falando de uma obra realizada por Deus de modo totalizante, na verdade a criação teve seu início dado por Deus e segue *‘in statu viae’* e justamente em toda a criação a marca da providência direciona para o fim último e, portanto, perfeito para todas as coisas criadas (CIC 302). No comentário de Santo Tomás a Isaías 40, no que se refere à criação, está presente justamente a questão 47, ao abordar as diferenças das coisas em geral, pois aqui se evidencia a bondade de Deus e, portanto, sua providência. Nessa mesma sintonia argumenta Bright, com relação ao poder de Deus no contexto do exílio.

Não poderia existir outra forma de evidenciar o poder do Senhor senão retomando ao pensamento de que ele é criador. A parte do texto de Isaías que toca

de modo mais evidente no tema da criação está a partir do versículo 12, em que Santo Tomás comenta o poder consolador de Deus. Seu pensamento parte da ideia de que o povo de Israel estava diminuindo o poder de Deus ou desconfiando de sua soberania.

Descobrimos indícios de que o povo, não tendo mais confiança total no poder onipotente de Iahweh, achou prudente recorrer a outros deuses (Jr 7,17-19; 44,15-18; Ez 8) e em outras passagens (18,2.2.25; Jr 31,29) registramos sussurros de que Iahweh não era justo. O trágico acontecimento exigia uma explicação do poder soberano de Iahweh e de sua justiça que a religião oficial não podia oferecer (BRIGHT, 2003, p.400).

Podemos nos perguntar qual a relação destas duas atitudes do povo para com a providência. Ao que respondemos dizendo que pensar no ato providente só é possível quando se tem certeza de que o agente tem poder para fazê-lo e que o receptor do ato não pode por si mesmo prover-se deste bem. Ora, na relação de Deus para com seu povo o primeiro ato benevolente e providente, como já dissemos, é o da criação. Por isso, tanto Isaías como Santo Tomás retomam esta ideia da criação para o povo escolhido.

Deus é totalmente ato, seja em relação a ele mesmo, porque é ato puro, pois não tem mescla com a potência, seja em relação com as coisas que estão em ato, porque nele está a origem de todos os entes. Por isso, por meio de sua ação, produz todo ente subsistente, sem pressuposto algum, já que é o princípio de todo ser, e também de todo ser essencial. E, por causa disso, é possível fazer algo do nada, e esta Sua ação é chamada criação (TOMÁS DE AQUINO, 2013, p.135).

Todo e qualquer benefício que se receba não se compara com o receber o ser. O fato do povo existir e ter recebido todas as obras da criação já é por si a prova maior da ação providente de Deus, pois nem mesmo o mais poderoso dos homens o supera, sendo impossível igualar a criatura ao criador. Podemos ainda, a partir do comentário ao versículo 12 de Santo Tomás, ter a evidência da providência pelo fato de que Deus, ainda que de modo superior a toda ação, chamou à existência as coisas criadas e as sustenta no ser. A conservação é, portanto, o segundo grande ato da providência constante de Deus sobre as realidades criadas.

Respondo, dizendo que, sem dúvida alguma, é preciso conceder que as coisas são conservadas no ser por Deus, e que num instante retornariam ao nada, se fossem por ele abandonadas. A razão disso pode ser explicada assim: ora, é necessário que o efeito dependa da causa. Com efeito, isso dá a natureza do efeito e da causa, pois, de fato, é o que manifestadamente deixa de existir, já que tais princípios são inerentes à sua essência (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p.113).

O povo de Deus precisava, como hoje precisa, da ação providente de Deus para se conservar, para ser o que de fato é. Sem sua ação, como discursa Santo

Tomás, volta ao nada, pois todo efeito depende de sua causa. O governo divino continua em sua criação pela ação providente e sua finalidade é justamente manifestar a bondade de Deus de conservar e conduzir o justo à vida eterna (GARRIGOU-LAGRANGE, 1942, p.338).

O profeta Isaías chama a atenção para a grandeza da criação. Santo Tomás comenta a importância de se receber o ser e estar por Deus sustentado para chegar à finalidade da existência. E podemos ainda atualizar a leitura, dizendo que a grandeza que Isaías destaca está presente na ordem descrita por Santo Tomás, e ambos fazem ver a pequenez que é o homem diante de Deus e de seu agir providente. O modo com que tudo foi criado na sua perfeição, a harmonia e integração onde tudo está regulado para ser, segue um curso perfeito e previsível. Desta forma, entendemos que mesmo quando pensamos estar vivendo algo comum como respirar, colher uma fruta, saber quando o sol nasce ou se põe, tudo faz parte de uma finalidade e está ordenado por uma ideia que direcionou todas as coisas e as sustenta para chegarem a uma finalidade e, portanto, ambos falam da providência divina que atua na criação. Nesta reflexão se chega, portanto, à conclusão de que não cabe acreditar no acaso⁴⁰, ao contrário, a ordem admirável, a harmonia que encanta e integra todas as coisas, a natureza perfeita das coisas mais simples, compostas, materiais ou espirituais conjugam uma grande sinfonia da ação providente de Deus que nasce de um plano que tudo conduz.

Toda ordem da criação proclama o planejamento inteligente, mesmo o que não é racional está composto em uma ordem que harmoniza o conjunto. Estamos debaixo de leis supremas e grandiosas, como pensar em algo que seja e que não tenha vindo a ser pela ação criadora de Deus? Até mesmo os acidentes das coisas criadas denotam elementos da grandeza das coisas criadas. Desta forma, tudo o que age está realizando em si um efeito de Deus e este agir é um efeito Deus. Claro que estamos falando das operações que são realizadas dentro da finalidade para a qual as coisas foram feitas, visto que na harmonia em que as coisas foram criadas, o que destoia não favorece a finalidade e desconfigura a harmonia criada.

De alguma forma, podemos ver este tema na Suma Teológica, no artigo 3 da questão 22, onde Tomás apresenta a argumentação de que Deus provê todas as

⁴⁰ Entendemos que o acaso é um efeito contingente ou acidental, podendo ser entendido também como casual, e não necessário e inteligentemente previsto. Acaso não se deve confundir com efeito. Afinal, há muitos sentidos para o uso do termo “acaso”, sendo um deles o que não tem causa. Outro sentido é o que tem uma causa desconhecida. Outro ainda, aquilo cuja causa não é sábia, inteligente, etc.

coisas, não apenas as espirituais, como pode providenciar também as materiais. Sua primeira constatação é de que Deus, ao criar todas as coisas, não teria colocado outro a governá-las, logo, mesmo os bens materiais são atos que procedem do governo de Deus sobre todas as criaturas, mas ele mesmo exerce seu governo divino sobre suas criaturas “governa por si mesmo o mundo que por si mesmo criou” (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q.22, a.3).

A providência compreende duas coisas: a razão da ordem das coisas destinadas a seu fim e a execução dessa ordem, o que se chama de governo. Quanto à primeira, Deus imediatamente provê todas as coisas. Assim, é preciso que preexista em sua razão a ordem desses efeitos. Quanto à segunda, a providência divina se vale de intermediários, pois governa os inferiores pelos superiores; não é por deficiência de seu poder, mas por superabundância de bondade, a fim de comunicar às criaturas a dignidade da causa (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q.22, a.3).

O texto é claro, temos dois pensamentos importantes que fortalecem a ideia de providência. O primeiro é a importância da ordem que Deus deixou impressa nas criaturas. Essa ordem já é a providência que de modo imediato está sempre atuando sobre todas as coisas. Este dado da providência vem de seu intelecto que a tudo organizou em sua mente eterna e infinita. Assim o entendemos, causa primeira de todas as coisas, das mais simples às compostas, materiais e espirituais, é certo que todas as coisas existem por Deus em sua divina providência. Esta existência é harmonizada no plano divino que com poder tudo ordena e determina, no modo de ser e existir de suas obras, para que todas e cada uma alcance sua finalidade. O modo como as criaturas caminham para sua finalidade acontece nos meios que Deus dispõe providencialmente, por isso Regis Jolivet expressa:

Se é verdade que a providência humana é tanto mais perfeita quanto menos esteja entregue à causalidade e a imprevisão, muito mais será necessário, que a providência de Deus, que é como uma prudência infinita, elimine, absolutamente, o acaso, isto é, preveja tudo, tudo ordene, tudo disponha da maneira mais sábia (JOLIVET, 1965, p. 429).

A providência não vem das coisas criadas, ainda que possamos constatar o bem nas criaturas, elas não são a sua causa, mas Deus sim, é a causa de todo bem, portanto ainda que os bens materiais pareçam fruto do esforço e trabalho da pessoa, por trás está a providência divina. O bem que percebemos nas criaturas e que se refere à providência não é passageiro ou superficial, trata-se de um bem que conduz ao fim último já governado pela sabedoria divina à bondade divina. Uma vez que as criaturas possuem a bondade, mas não são a sua causa, do mesmo modo, Santo Tomás continua o pensamento, afirmando que o que causa a bondade nas criaturas e conseqüentemente a ordem que estabelece a finalidade, este sim, é a causa

também da providência, este ser é Deus, por isso é necessário afirmar a providência em Deus, pois tudo que é bom nas criaturas vem de Deus e elas estão ordenadas para o seu fim que é o bem e tudo se ordena para o fim último como fora estabelecido pela bondade divina (TOMÁS DE AQUINO, S.Th. q. 22, a.1).

Como Deus é a causa das coisas por seu intelecto, a razão de seus efeitos tem de preexistir nele como ficou esclarecido; assim é necessário que a razão segundo a qual as coisas são ordenadas ao fim preexista na mente divina. Ora, a razão do que tem de ser ordenado a um fim é precisamente a providência (TOMÁS DE AQUINO, S.Th. q.22, a.1).

Com atenção a Santo Tomás, destacamos que Deus age por sua inteligência, portanto também por sua vontade, sendo a causa de todas as coisas e assim as ordena. Portanto, nesta ordenação se encontra a “razão da ordem das coisas⁴¹” a que entendemos como providência. Quanto ao governo, é a execução do plano providencial o que torna a expressão prudência e governo divino, em muitos casos, como sinônimos (GARRIGOU-LAGRANGE, 1943, p.147).

Encontramos o que se define por providência: a razão⁴² de se ordenar a um fim. Sendo Deus a causa de todas as coisas, é então ele por excelência a providência a todas as coisas. Observamos que, na Suma Teológica, questão 22, ao lembrar que Deus é causa eficiente, formal e final das coisas, Tomás recorda que, “a razão de seus efeitos” enquanto preexistentes em Deus pertencem à causalidade formal, pois a bondade divina é a causa exemplar de toda bondade criada. Em relação à causa final, por seu turno, Deus é a causa eficiente da ordenação de todas as coisas e, por isso, diz-se também providente. E, por fim, é a causa final de todas as coisas e, por isso, é providente porque por sua inteligência e vontade ordena todas as coisas ao seu fim último, que é o próprio Deus. A providência está para os bens materiais e espirituais que favorecem o fim último do homem e não sua vida passageira. A Suma segue colocando a relação entre providência e prudência. A Deus, o termo providência é o que correlativamente a nós é atribuído como prudência⁴³, ou seja, o “que ordena os

⁴¹ Esta mesma ordem encontramos no Sobre a Verdade quando de modo mais específico S. Tomás fala da criação na questão 3.

⁴² Josef Pieper apresenta que: Nós estamos demasiado predispostos a interpretar erradamente a palavra de Santo Tomás de Aquino acerca da “razão”, essa razão “que se aperfeiçoa no conhecimento da verdade”. “Razão” não significa para ele outra coisa senão “visão da realidade”, “receptividade ao real”. E “verdade” não é para ele mais do que a descoberta e a revelação da realidade, tanto da natural como da sobrenatural realidade. A “razão que se aperfeiçoa no conhecimento da verdade” é, portanto, a capacidade de apreensão do espírito humano enquanto se orienta para a ação por meio da descoberta da realidade natural e sobrenatural (PIEPER, 2018, p.19).

⁴³ A função da virtude da prudência não é descobrir as finalidades, ou antes, a finalidade da vida, e determinar a orientação fundamental do ser humano. É antes a de encontrar os meios e os caminhos adequados àqueles fins e a adequada realização aqui e agora daquela orientação fundamental... Os fins são um dado anterior. Nenhum homem está inconsciente sobre o seu dever de amar e realizar o bem. Todo homem sabe “de maneira mais ou menos conceitual – que o bem essencial do ser humano

meios para os fins que trata de conseguir e prever as necessidades para provê-las” (GARRIGOU-LAGRANGE, 1943, p.147). Verdadeiramente a virtude da prudência age na pessoa em vista da *intentio finis*. O que Garrigou-Lagrange comenta é que assim como para a prudência individual segue uma consequência comunitária, também para a providência divina. Um pai que age com prudência individual, sua prudência tem efeito sobre ele e sobre toda sua família, logo, também em Deus, que em sua essência é providente, e também os efeitos de sua providência serão sentidos por todas as suas obras, tanto as espirituais como as materiais.

Podemos de alguma forma compreender as principais propriedades da providência que foram mencionadas por Garrigou-Lagrange, como descrevemos abaixo:

Primeiro: a partir da universalidade absoluta da causalidade divina, própria do agente intelectual, deduz-se a universalidade da Providência como já exemplificamos acima. Entendemos que todo agente age em vista de uma finalidade. Esta finalidade não está apenas para toda a pessoa em sua individualidade, mas também em toda sua existência e a tudo o que a ela se refere. Deus age em todas as coisas criadas em vista de um fim supremo, que é a manifestação de sua bondade suprema, seu amor de sua perfeição. Para Santo Tomás, Deus é a causa primeira e única de todas as coisas criadas.

A segunda propriedade da providência é guardar a liberdade dos atos livres, ou seja, ela não apenas é guardiã da liberdade, mas ela a coloca em ato, pois ela atua na eleição deliberada, sendo com estes e não acima ou antes deles. Na nota explicativa da Suma Teológica, é destacado que este é um “ponto nevrálgico” do problema filosófico da providência. Ela não pode ser entendida como um planejamento antecipado e determinado de como todas as coisas serão, cita Santo Tomás quando apresenta:

Deus conhece todas as coisas, não apenas as que existem em ato, como também aquelas que estão em sua potência ou na potência das criaturas. E, como algumas dessas coisas são contingentes futuros para nós, segue-se que Deus conhece os futuros contingentes. Deus não os conhece sucessivamente conforme estão em seu ser como nós, mas simultaneamente, pois seu conhecimento, bem como seu próprio ser, tem como medida a eternidade; ora, a eternidade, que é totalmente simultânea, engloba a totalidade do tempo, como acima dito. Assim, tudo o que está no tempo está desde toda eternidade presente em Deus; não apenas porque Deus tem presentes as razões de todas as coisas, como alguns o pretendem,

é “ser de acordo com a razão” (TOMÁS DE AQUINO, S.Th I-II, q.18, a.5), isto é, ser de acordo com a sua realidade própria e com a realidade das coisas criadas; e não há homem algum a quem apenas seja preciso dizer que ele dever ser justo, corajoso e temperado; sobre isso já não há necessidade de “refletir” (PIEPER, 2018, p.51).

mas porque seu olhar recai desde toda eternidade sobre todas as coisas, como estão em sua presença (TOMÁS DE AQUINO, S.Th. I, q.14, a.13.)

3.2.2 Prudência

A prudência⁴⁴ é, para o pensamento de Santo Tomás, uma virtude⁴⁵ fundamental. Não vamos abordar aqui o histórico desta virtude⁴⁶ ainda que muito importante para a filosofia e, por isso, muito comentada por grande parte dos filósofos. Santo Tomás, na Suma Teológica, apresenta seu estudo sobre a prudência logo após as virtudes cardeais. Diferente das virtudes cardeais e das demais virtudes, sua reflexão sobre a prudência é mais racional. Torrel considera que na verdade a prudência está intencionalmente classificada como virtude de diálogo, de “conexão” (TORREL, 2008, p.329). De antemão destacamos que a visão de Santo Tomás sobre a prudência nada tem da visão moderna do cotidiano, portanto devemos fazer as devidas ponderações (PIEPER, 2018, p.14). O que mais se destaca da diferença de concepção de prudência no tempo de Santo Tomás para o contexto atual é que hoje, quando pensamos que alguém agiu com prudência, possivelmente estamos dizendo que a pessoa deixou de fazer algo, não agiu com ímpeto, ato valorizado na concepção prática, ou seja, o prudente parece ser uma pessoa que se preserva em excesso. Com este pensamento, de modo algum a prudência poderia dialogar com as demais virtudes. Não obstante, a prudência é uma virtude prática, daquele que age de modo prudente, e não do que não age, expressa Santo Tomás, tendo como base Isidoro: “prudente significa o que vê ao longe, é perspicaz, vê o desenlace dos casos incertos”. Para o Aquinate, esta realidade pertence ao campo cognoscitivo e não sensitivo, ou seja, nada tem de impulso defensivo, mas de ação refletida no seu todo (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.47,a.1).

⁴⁴ A virtude da prudência está entre as quatro virtudes morais que são a prudência, justiça, fortaleza, temperança (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.47, a.4). Retomando que Ele divide as virtudes em três grupos: intelectuais, morais e teologais. Sendo muito interessante que esta estrutura em três está inteiramente dentro da concepção de Santo Tomás sobre a pessoa. As virtudes intelectuais favorecem a faculdade intelectual, as virtudes morais amparam a faculdade volitiva e as teologais auxiliam a espiritualidade humana.

⁴⁵ Virtude é para Santo Tomás um estado constante, um hábito operativo bom que torna bom quem a possui (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I-II, q.55, a.3). Tendo claro que se trata de um ato livre que intencionalmente se repete. Por ser ato repetido concede uma estabilidade na ação elegida o que acarreta a habilidade, facilidade e, portanto, perfeição de quem age. O caminho das virtudes aperfeiçoa a pessoa.

⁴⁶ Para Santo Tomás, a virtude moral pode ser infusa ou adquirida. A prudência adquirida é aquela que os filósofos comentam, particularmente Aristóteles. Sua característica é ser dirigida pela razão natural e ciência moral. Já a virtude da prudência infusa é dada no batismo e cresce na caridade e age iluminando os atos com a luz da fé e da graça.

A prudência é a mãe das virtudes, pela reta razão do agir, pois de alguma forma todas as virtudes participam dela. Ela possui uma dualidade, por ser uma virtude intelectual que atua na ação prática, e por isso é tida como virtude cardeal. Ela é universal, comum a todos e extremamente necessária para o agir virtuoso. Não é possível, pois, que alguém mau seja prudente no sentido estrito, nem que alguém que seja bom seja imprudente. A prudência une o aspecto intelectual e prático do homem, nas questões contingentes, de modo que o sábio contemplativo, enquanto delibera e está no mundo, precisa da prudência, porque ele não é puro intelecto, mas alguém submetido à realidade prática, como um sujeito moral (VEIGA, 2015, p.80).

Ao responder sobre a prudência, Santo Tomás toma do pensamento de Santo Agostinho, que “a prudência é o amor que distingue claramente aquilo que ajuda na sua tendência para Deus, daquilo que pode impedi-lo”, sendo o amor a força que discerne e move a razão a discernir (TOMÁS DE AQUINO, S.Th II-II, q.47, a.1). A prudência tem seu grande papel no pensamento sobre a providência pois para o Aquinate ela dirige as demais virtudes e favorece a escolha dos meios para agir corretamente (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I-II, q.66, a.3). Esta virtude está justamente influenciando os meios de uma ação (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.47, a.6) o que favorecerá o fim.

Em sentido contrário, o Filósofo diz que “a virtude moral torna reta a intenção do fim, a prudência, os meios ordenados ao fim”. Portanto, não compete à prudência determinar o fim às virtudes morais, mas, somente dispor os meios (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.47, a.6).

O que este ponto da reflexão de Santo Tomás nos faz refletir é exatamente a aproximação das duas realidades da prudência com a providência. A prudência favorece que se cumpra a finalidade das coisas, por isso, ela é tão singular e importante para as demais virtudes. Ainda que pareça um papel modesto e despercebido é por ela que a pessoa pode deliberar, julgar e então agir (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.47, a.8). Ainda que seja uma virtude intelectual, a sua praticidade envolve a faculdade volitiva.

Vimos no texto de Santo Tomás sua visão sobre providência e percebemos que quase se iguala ao seu estudo sobre a prudência, pois a providência está relacionada à faculdade intelectual e volitiva onde Deus age para ordenar todas as coisas para o seu fim último e para isso ele usa de sua ciência das coisas (intelecto). O intelecto divino conhece a ordem que ele mesmo, segundo sua vontade, estabeleceu nas coisas criadas. Desta forma, tudo está regido pela providência.

Até mesmo no vocabulário latino, a raiz das palavras providência e prudência se encontram etimologicamente e, igualmente na compreensão de sua função na língua portuguesa. Enquanto a providência remete à ação de preparar com antecedência as ações para se evitar perdas e se chegar à finalidade do ato, a

prudência fala da previsão, do olhar em volta e com antecipação para agir. Contudo, ambas estão na raiz da palavra *provideo*, que no dicionário latino significa “ver antecipadamente” como também significa “prover a”, “olhar pela salvação de”, “fornecer”, de onde temos também *providens*, que pode ser “previdente” ou “prudente”. Da mesma forma a palavra latina *providenter* pode ser traduzida por “com providência” ou “prudentemente” (DICIONÁRIO, 2017, p.539).

Desta forma, queremos justamente conjugar o atributo divino da providência com a virtude humana da prudência. As duas palavras até se misturam em nosso texto e de certa forma em nossa mente. Vejamos que todas as coisas criadas refletem o criador, e de algum modo estamos nos esbarrando com elementos que nos lançam para o modo de ser de Deus que é providente e nos deu a virtude da prudência. Apontamos justamente a virtude da prudência humana como um reflexo do agir providente divino. Pois, como enuncia Santo Tomás, a prudência é *rectas ratio agibilium* (reta razão no agir) e expressa ainda:

No gênero dos atos humanos, a causa mais elevada é o fim comum de toda vida humana. Este é o fim de que se ocupa a prudência, dado, que, como diz o Filósofo, assim como o que raciocina corretamente em vista de um fim particular dizemos que é prudente. A prudência é, portanto, sabedoria a respeito das coisas humanas (TOMÁS DE AQUINO, S.Th. II-II, q.47, a.2).

Da mesma forma que a sabedoria divina age para providenciar que o homem chegue ao seu fim último, ela imprime na natureza humana, pela virtude da prudência, as condições de harmonizar suas atitudes para se colocar no caminho de seu fim último. O povo de Deus que vivia no exílio da Babilônia precisava agir de modo providente para, de fato, viver a libertação e o início da nova vida que estava por vir. Não era questão de se rebelar absolutamente contra os fatos e viver em uma profunda escuridão no exílio, como também não era tempo de se estabelecer e se conformar com a forma de vida babilônica. Manter os olhos nos planos para com o povo era justamente a junção de uma ação divina e humana. Com relação à ação divina, Deus providencia para que o povo suporte o tempo e as condições do exílio e, no momento oportuno, lhe encaminhe a libertação. Com relação à ação humana, o povo suporta as dores e perdas e enfrenta a vida como ela é.

A providência divina precisa do coração do homem trabalhado na prudência. O mundo está a nossa disposição, os dons, a vida nos é dada, mas como fazer esta vida digna? Como realizar-se nesta vida? Inúmeras seriam as respostas, mas a que mais favorecerá é aquela que aponta para uma pessoa que vive segundo a finalidade de sua existência. Estar em Jerusalém (livre) ou na Babilônia (escravo) não isenta ninguém de estar debaixo da providência divina como também não retira os atos

prudentes. Tanto na ação divina providente como na ação humana prudente o ponto regente é o do intelecto e da vontade. Dessa forma, também a pessoa, livre ou escrava, pode agir de modo prudente e a providência lhe favorece. Não fazemos apologia a um sofrimento feliz, de modo algum, mas é possível passar pelo sofrimento sem se perder na dor. De que modo? Conservando a razão e a vontade ordenadas à finalidade da existência. Há certeza de que nenhuma realidade aqui na terra é eterna, e que tudo pode mudar.

O povo de Israel precisava da virtude da prudência para viver da providência. Hoje, mais do que nunca, a humanidade percebe o quanto as coisas podem mudar, organizações políticas dominantes caem e surgem novas, comportamentos mudam, valores e assim sucessivamente. Unir estas duas realidades de pensamento desenvolvidas por Santo Tomás ilumina o homem moderno que precisa da sabedoria nas coisas humanas (prudência) e precisa dos cuidados de Deus para chegar à bem-aventurança eterna.

Regis Jolivet (1965, p. 428) chega a dizer que a providência divina é como uma prudência infinita, pois que tudo ordena de maneira sábia e perfeita. A prudência se depara com a imprevisão dos fatos, o que a torna menos perfeita, ao contrário da providência divina que parte da realidade suprema e possui todos os meios para sua realização. O que mais une estas duas realidades com o texto de Isaías e o pensamento de Santo Tomás é que a certeza prática da prudência e a força atuante da providência divina estabelecem no homem a certeza de que tudo, ainda que no meio do sofrimento, chegará ao seu verdadeiro fim, pois está na vontade e na graça de Deus que tudo dirige e faz chegar ao seu termo todas as coisas, como fez livre o povo de Israel do exílio da Babilônia. A liberdade não chegou para o povo por meio de sua força ou influência, também não foram libertados por merecimento ou estratégia de fuga. A liberdade que o Rei Ciro concedeu a Israel aconteceu segundo o plano divino, para que o povo voltasse à sua terra e retomasse seu direito de ir e vir (PIEPER, 2018, p. 31).

O povo que se manteve firme nos propósitos de Deus estava agindo de modo prudente, pois o prudente não espera uma certeza onde ela não existe (PIEPER, 2018, p. 30). Os que perderam sua esperança de retornar do exílio da Babilônia ou até mesmo os que depois de libertos não mais olhavam para Jerusalém como pátria e lugar da promessa divina, certamente faltava-lhes a prudência, pois sua falta gera recusa ou atraso por irreflexão ou indecisão que nada mais são do que a falta de análise das realidades vividas. De que realidades falamos? daquelas que Isaías 40

destacava e Santo Tomás comenta. Um Deus criador que tudo fez com sabedoria tem um plano providente e amoroso e que, ainda que o tempo seja de sofrimento e incerteza, sua palavra se cumprirá.

Mas ao contrário da prudência, alguns agem de modo a não refletirem o que gera um julgamento falho ou uma total indecisão. Pieper (2018,32), com base no pensamento de Santo Tomás, chega a dizer que esta falha na prudência provoca a incapacidade de decisão, pois infinitamente se experimenta o mundo dos sentidos. Santo Tomás parece ler a realidade de hoje quando aponta o imprudente no mundo da moleza ou indecisão e demais problemas que segundo ele poderíamos resumir em quatro: inconsideração, precipitação, negligência e inconstância (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.53, a.2), todas estas formas de imprudência dificultam o processo da providência.

A prudência é, portanto, a mãe de todas as virtudes e, justamente por ela, favorecemos a ação divina de providência. Ela nos coloca na prática do bem que conhecemos e norteia inteligentemente para a plenitude, para a ação e decisão para a vida e é a claridade da determinação de todo aquele que se decidiu a “fazer a verdade” (PIEPER, 2018, 36).

A prudência favorece a providência, por colocar a pessoa diante da sua realidade para que possa escolher, agir de modo correto por si mesmo, partindo de valores que ele mesmo encontra, mesmo mergulhado em realidades tão variadas. A existência humana é mesclada e marcada pelo diferente que a todo instante lhe pede um agir e este deveria ser virtuoso, para harmonizar-se com o agir providente de Deus. A prudência chama para a realidade e a clareia, fazendo assim a bondade do ato algo que parte da pessoa e não de uma lei ou de um contexto. De alguma forma, a força da prudência vai, de pouco a pouco, direcionando a vontade. Por isso, Santo Tomás narra que: “se a temperança existisse no apetite concupiscível, mas a prudência não existisse no apetite racional, a temperança não seria virtude” (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.4, a.5). Dessa forma, Santo Tomás, seguindo os padres da Igreja, entende que é pela prudência que se iluminam os caminhos, mesmo os tortuosos e os mais variados, para de fato agir de modo correto e bom, pois ainda que o percurso de um caminho seja marcado por suas múltiplas características, o destino é um só, este destino da humanidade, que Santo Tomás entende como o fim último, a bem-aventurança. Consideramos também que o caminho da pessoa está marcado por suas atitudes e tende a ser belo pelo bem que está na pessoa e por todo bem que Deus dispões em lhe derramar quando as coisas concorrem naturalmente, mas

quando perde a direção, justamente a providência divina com a prudência humana podem novamente nortear para o bem e o belo da existência.

3.2.3 Perfeição e poder

Isaías traz a mensagem de conforto para o povo que experimentou a derrota e está exilado. O tema da perfeição divina permeia Isaías 40 de forma muito bela. Em diversos lugares, Santo Tomás descreve sobre o poder e a perfeição de Deus. As duas mais conhecidas são a Suma Teológica e as Questões disputadas sobre o Poder de Deus. De modo geral, optamos pelos textos da Suma Teológica para concentrar a pesquisa. As Questões disputadas sobre o Poder de Deus, foi traduzida para o português que corresponde às *Quaestiones Disputatae de Potentia Dei, quaestiones 1-3* (TOMÁS DE AQUINO, 2013, p, 9). Por ela, temos o ponto de ligação do pensamento do Aquinate com o texto de Isaías, a criação é um efeito da potência divina e, portanto, apresentamos como um sinal visível da providência.

A profecia de Isaías é baseada na ideia de que Deus vem salvar o seu povo. Ainda que Ciro tenha chegado com seu poder e libertado o povo, o pano de fundo que permanece é a teologia de Isaías:

Foi ele, realmente, quem deu ao monoteísmo sempre implícito na religião de Israel sua expressão mais clara e mais consistente. Ele retratou Iahweh como um Deus de incomparável poder: criador de todas as coisas sem auxílio ou intermediário, senhor das hostes celestes e das forças da natureza, nenhum poder terrestre lhe poderia resistir e nenhuma semelhança poderia representá-lo (BRIGHT, 2013, p. 423).

A necessidade que temos de abordar o tema da perfeição e poder divinos se passa pelo próprio texto de Isaías 40 e o comentário de Santo Tomás. Vimos tanto no capítulo um como no capítulo dois que a efemeridade dos poderosos ao longo da história de Israel é evidente, reinos surgem e reinos desmoronam aos olhos do povo, como vimos no texto de Isaías 40 a proximidade da queda da Babilônia. Todo poder, por mais excelso que seja, em algum momento arrefece e cai. Foi assim com o Egito e não foi diferente com a Babilônia.

Isaías apresenta essa fragilidade dos poderes dos homens. Para a filosofia, trata-se de tributo divino, tanto da perfeição como do poder. *Perfectus, perfectio* é aquilo que é completo, concluído. A palavra remete ao ser que carrega em si tudo o que lhe cabe sem nada faltar e Santo Tomás define como perfeito o que está em ato,

ou em ato como um estado de bem ou de consumação (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I, q.4, a.1). Sua observação ascende das coisas criadas às eternas.

Deus, ao contrário, é totalmente ato, seja em relação a ele mesmo porque é ato puro, pois não tem mescla com a potência, seja em relação com as coisas que estão em ato, porque n'Ele está a origem de todos os entes... e por causa disso é possível fazer algo do nada e esta sua ação é chamada de criação (SANTO TOMÁS, 2013, p. 135).

A perfeição de Deus que está acima das criaturas está em ser o próprio ser subsistente. Para Santo Tomás, podemos falar de perfeição pura, que é aquela aplicada a Deus e de perfeição das coisas que carregam limites, mas refletem perfeição. A perfeição de uma rosa é válida, mas a diferença desta perfeição para a de Deus é que a primeira é efêmera e a segunda é ilimitada. Pois bem, a perfeição de Deus exala seu poder e mostra a característica da providência ser parte de uma realidade perfeita que é Deus. Se a providência fosse algo que surge da estrutura das criaturas e dos homens seria, ainda que perfeita, limitada e incompleta. Ao contrário, a providência divina carrega o agir completo e perfeito de Deus e evidentemente mostra o seu poder.

Na Suma Teológica, primeira parte, artigo quatro temos a categórica afirmação de Santo Tomás de que “a perfeição de todas as coisas está em Deus” e, influenciado por Dionísio Areopagita, assinala que a perfeição de Deus é vista nas criaturas, por ser ele a causa de todas elas e, sendo causa é também infinito, pois seu ser não fora recebido por ser Ele o seu próprio ser. A descoberta da composição real de ser e essência nos entes permite Tomás demonstrar não só que Deus é mas também o que Deus é.

Entendemos que, perceber a perfeição e o poder de Deus, por meio das obras criadas, exatamente é uma forma de apontar para a providência que age também nas criaturas. Isaías, em longos versículos, aponta para o poder de Deus, “eis aqui o Senhor Deus: ele vem com poder. Seu braço assegura sua autoridade” (Is 40,10) e como que para convencer o povo de tal realidade, passa a descrever a grandeza divina na perfeição das coisas criadas.

Claro que não era fácil, como não é simples, em meio a situações graves e exigentes, chegar à certeza a respeito de Deus. Entretanto, estamos falando de um pensamento que está se formando. No Antigo Testamento, a ideia da providência está nascendo, e o que realmente queremos é mostrar suas raízes, para não confundir seus frutos. Isaías é rico em detalhes, quando lança perguntas ao povo, cujas

respostas todas são de conteúdo do poder e perfeição da ação de Deus no mundo: “a quem comparar Deus? E que imagem poderíeis dele fazer?” (Is 40,18). A situação do povo girava em torno de um poder e suas divindades, o dia a dia favorecia um novo modo de pensar e agir que os afastavam da fé e costumes que antes viviam em Jerusalém e que pensar o retorno não era o mais agradável e fácil. Bright (2003, p.414) chega a escrever que não podemos provar os maus tratos no tempo do exílio da Babilônia, mas apenas a condição de exilados que para alguns rendeu vida e condições financeiras melhores que em Jerusalém. Mas, justamente Isaías descreve que em meio a poderosos com suas divindades, eles tinham outros fatos ainda maiores e evidentes, que poderiam mantê-los firmes na providência de dias de libertação e volta a Jerusalém. Dois fatos estão na realidade do povo: o primeiro é o poder dos homens, o segundo o poder de Deus. Entretanto, o poder de Deus vem revestido de sua perfeição, sabedoria e providência.

Além do mais, assim como a arte pressupõe a natureza, deste modo a natureza pressupõe Deus. Ora, a natureza é trabalhada na ação da arte. Deus opera na ação da natureza... Assim como a ação do homem na geração depende da ação do sol, deste modo mais a ação da natureza depende da ação de Deus (SANTO TOMÁS, 2013, p.135).

O poder providente de Deus está na ação pela qual ele opera, movendo a natureza. A própria natureza opera pela ação de Deus que a sustenta no ser. Desta forma, toda operação da natureza é também operação do poder divino. Santo Tomás exemplifica dizendo que isto se dá da mesma forma como o som que um instrumento ecoa vindo dele, mas que se deve ao poder do agente principal e não do instrumento. Queremos então entender que Deus não é somente a causa das coisas criadas, por dar o ser e conservar o ser como absoluta novidade no ser⁴⁷, mas também a causa da operação da natureza, e este modo de operar das coisas criadas reflete a providência divina e também por ela a providência age. Sendo que a criatura, ao ser bondosa ou generosa, age de modo semelhante a Deus, ainda que imperfeita, sendo um modo de ser semelhante a Deus ao atuar (TOMÁS DE AQUINO, 2013, p. 209.2011).

⁴⁷ Conservar supõe antes dar. E não é qualquer doação de ser que é própria, exclusiva e única de Deus. É a criação por ser ato divino pelo qual Deus dá o ser com absoluta novidade no ser. É essa a definição de Tomás.

3.3 FORTALEZA E ESPERANÇA

As virtudes são hábitos operativos. Santo Tomás comenta as virtudes a partir do pensamento de Aristóteles. Dissemos que virtudes são hábitos e hábito é uma ação voluntária, portanto, livre, que se repete. A pessoa que age virtuosamente age de forma natural, isto porque a virtude passa a fazer parte de sua natureza. Santo Tomás entende que quanto mais se age virtuosamente melhor se torna essa ação (TOMÁS DE AQUINO, S.Th I-II, q.20, a.3).

Existem dois tipos de virtudes, as intelectuais e as morais. As intelectuais nascem da instrução e por isso necessitam de tempo e experiência, ensina Aristóteles. As virtudes morais nascem com a prática (TOMÁS DE AQUINO, 2015, p.174).

No capítulo três falamos dos atributos divinos que dialogam com a providência divina segundo o pensamento de Santo Tomás. A proposta que se segue é que a providência divina também atua na pessoa e a favorece com virtudes. O texto de Isaías e o comentário de Santo Tomás nos apontam diversas virtudes, optamos por duas que dialogam com a realidade atual de modo singular. Passar pelo sofrimento exige muito da pessoa, contudo, consideramos que não pode faltar a força para suportar e a esperança de superar e o texto nos mostra estes elementos.

3.3.1 Fortaleza

A virtude da fortaleza é comentada por Santo Tomás na Suma Teológica (II-II)⁴⁸ e é entendida como uma virtude moral que regula as relações que a pessoa estabelece consigo, com o próximo e com Deus. Tendo visto os sinais desta virtude no contexto da perícopie de Isaías 40, nos versículos 29 e 31, e nos comentários de Santo Tomás, queremos evidenciar agora a relação desta virtude com a providência divina.

A característica marcante da virtude da fortaleza é a força da alma. Diferenciamos, não para dividir a estrutura humana em corpo e alma, mas para separar a força física da espiritual, pois que uma pessoa, ainda que fraca fisicamente, pode ser forte espiritualmente, como também o contrário.

Na Suma Teológica na segunda da segunda parte, questão 123, temos doze artigos sobre a fortaleza, que versam sobre a virtude como tal, suas as partes, os dons

⁴⁸ A base do pensamento de Santo Tomás sobre a virtude da prudência está em Aristóteles, Cícero e outros, bem como na tradição cristã ocidental, que sustentou esta virtude, e muito se comentou sobre ela no contexto do martírio.

que lhe correspondem e os preceitos, o principal ato da fortaleza que é o martírio e os vícios contrários à fortaleza. Aqui nos ocuparemos dos pontos que dialogam com o comentário de Santo Tomás a Isaías 40.

De modo geral, a virtude da fortaleza estabelece no agente a capacidade de empreender e suportar coisas difíceis para tornar boa sua ação. A pessoa com esta virtude atua de modo a envolver toda sua estrutura⁴⁹, o que, na filosofia de Santo Tomás, quer dizer que envolve sua faculdade volitiva e intelectiva. Ser forte não é ser impulsivo. Ao contrário, ser forte é justamente resistir à impulsividade, a fortaleza sustenta a atitude racional, desta forma a fortaleza dialoga muito com a paciência⁵⁰ (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.123, a.1). Também na Suma Teológica, o elemento da fortaleza é sustento ou firmeza para suportar as dificuldades (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.123, a.2).

Cabe à virtude da fortaleza remover o impedimento que coíbe a vontade de seguir a razão. Quando alguém se retrai diante de algo difícil, isto pertence a razão de medo, que faz o homem recuar diante de um mal que comporta dificuldade, assim a virtude da fortaleza se refere principalmente ao medo das coisas difíceis que podem coibir a vontade de seguir a razão (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.123, a.3).

Nestes pontos temos a importância desta virtude para o povo de Israel no tempo do exílio. Suportar é estar cravado no tempo sem saber quando a batalha termina, quanto tempo segurar. Consideramos que a providência divina tenha favorecido que este povo não agisse por impulsividade, mas pacientemente entendesse que era necessário este tempo, que nada se podia fazer contra tamanha força da Babilônia. Um longo tempo de vivência em terras estrangeiras, em contextos que desfavoreciam o povo e ainda assim sobreviver. Da mesma forma que era necessária a fortaleza para suportar o impulso de se deixar ir pelo mais fácil, já que ela é maior, então se adequar, ao contrário, o povo se mantém e não se perde em meio a esta nação opressora. O povo certamente temia que este exílio nunca terminasse, que o imperador baixasse novas leis opressoras, como aconteceu no Egito. Pieper (2018, p.164) discursa bem quando escreve que a fortaleza não significa ausência de medo.

⁴⁹ Há sempre uma preocupação de manter a unidade da pessoa humana, pois não cabe no pensamento de Santo Tomás a concepção dualista.

⁵⁰ Para Santo Tomás, a paciência é parte integrante e necessária da fortaleza. Pieper (2018, p. 166), comentando Santo Tomás, manifesta que “ser paciente é não permitir que a serenidade e a lucidez da alma se extingam em virtude dos fermentos resultantes da realização do bem”, ela exclui a tristeza e perplexidades do coração (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, I-II, q. 66, a.4 e II-II, q.128, a.1).

Claro que a virtude da fortaleza não atua apenas contra o medo da morte, mas favorece a coragem diante dos medos, pois ela protege a vontade do homem para que não recue diante de um bem por medo (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.123, a.4). Para Santo Tomás é muito mais difícil reprimir um medo do que moderar a audácia (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.123, a.6). Suportar um perigo de modo momentâneo, passageiro gera menos desgaste do que sustentar-se dentro de uma situação de perigo por longo tempo, pois o desgaste espiritual é maior. Santo Tomás destaca ainda mais a virtude da fortaleza, quando é necessário suportar, pois para ele, atacar requer menos energia do que suportar, exatamente assim viveu o povo de Israel, suportando o tempo do exílio. Entendemos que sem esta virtude a providência da libertação de nada adiantaria, os poderosos de Babilônia, os outros escravos certamente achavam estúpida a resistência do povo e sua vã esperança de libertação. A virtude da fortaleza protegia o povo de viver o sofrimento pelo sofrimento, ao contrário, o forte resiste ao sofrimento.

Agora a característica que mais aproxima a fortaleza da providência é que ela não confia em si mesma. A única razão que expõe a pessoa virtuosa ao perigo, à dor ou ao sofrimento é o bem (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.125, a.2). O forte não está em busca do perigo para simplesmente vencê-lo, mas para alcançar um bem. O que a providência divina precisa é que o povo seja forte e suporte o mal para viver o bem da libertação para a terra prometida. O povo não poderia falsear seu sofrimento ou simplesmente não ver que estava em terra estrangeira. Deus sabe que isto não era possível, mas era possível sustentar a esperança mesmo sem sinais concretos ou data prevista para o fim do exílio. E é exatamente sobre a virtude da esperança que, no fim desta pesquisa, nos propomos a falar.

3.3.2 Esperança

A virtude da esperança pertence à classe das virtudes teológicas⁵¹ que São Paulo cita na carta aos Tessalonicenses (1Ts 1,3) e para a esperança ele adiciona a firmeza. Pela virtude da esperança desejamos a Deus. Mas, devemos deixar bem claro que o modo como a virtude da esperança é pensada, no contexto do texto de

⁵¹ Segundo o Catecismo da Igreja Católica, as virtudes teológicas são três: fé, esperança e caridade. E entende que “as virtudes humanas se fundam nas virtudes teológicas que adaptam as faculdades do homem para participar da natureza divina” (CIC, 1812).

Isaiás, não é o mesmo que está em Santo Tomás. Ainda que a base seja a mesma, de desejar a Deus, esta virtude no Antigo Testamento era coletiva e voltada para Deus, mas não tinha a concepção de vida eterna. Somente com Cristo esta realidade passou a fazer parte da fé do povo, sendo o próprio Cristo a sua esperança viva.

A base de nossa reflexão está na concepção de Santo Tomás de que a virtude da esperança é um apetite intelectual e que, portanto, é a faculdade volitiva. Exatamente esta realidade da visão filosófica apresentada por Santo Tomás queremos apontar como elemento básico para pensar a providência na atitude do povo de Deus. Esperar, de modo geral, acontece no dia a dia das pessoas, o que não necessariamente gera uma mudança de vida. A esperança que está na faculdade volitiva é aquela que muda o comportamento, pois atua na vontade da pessoa gerando comportamento de confiança firme, humilde e perseverante. Não obstante, a reflexão da esperança na Suma teológica não tem o foco no ter esperança, mas no ser esperança. Ou seja, que o homem seja aquele que espera em Deus, tendo atitudes de quem espera em Deus. Veremos esta grande chave de leitura no decorrer do texto.

A virtude da Esperança está na Suma Teológica na II-II, q.17, e é desenvolvida em oito artigos em que ele fala da natureza, como dos vícios opostos à esperança. É apresentada a perspectiva do ser e não do ter. Isto por ser a esperança uma atuação na faculdade volitiva e, portanto, trabalha uma realidade interna do homem e não externa. Gerando assim mais que uma atitude, um estado.

Quando Deus, por meio do profeta, exorta para a consolação é para que reviva a esperança de um novo tempo é o alento contra o esmorecimento. John Bright (2003, p.398) destaca que a natureza da crise, tanto física quanto espiritual, que a perda da cidade de Jerusalém, a destruição do templo, a ida para a Babilônia, que fez cair o povo só lhe permitiu sobreviver por causa da atuação dos profetas que sustentaram mensagens que renovavam a fé do povo e nós diríamos sua esperança.

Se percebermos bem em todo o Antigo Testamento, os personagens principais são forjados na esperança, antes da realização da promessa. Abraão seria pai de uma grande nação, mas sua esposa estava estéril. Jacó ama Raquel, mas teve de esperar quatorze anos para desposá-la. O povo no Egito vive um longo tempo de escravidão, esperou pela libertação. Todo o Antigo Testamento espera pelo Cristo e todos os cristãos hoje esperam pela segunda vinda de Cristo. Desta forma, queremos expressar que a providência é antecedida pela esperança.

Deve-se dizer que a esperança não se apoia principalmente na graça já possuída, mas na onipotência e misericórdia de Deus, pelas quais mesmo aquele que não possui a graça pode consegui-la (TOMÁS DE AQUINO, Th. II-II, q. 19, a.1).

Mesmo que o tempo do exílio seja marcado pelo sofrimento de estar fora da terra prometida, a esperança é o tom da alegria que a mesma providência sustenta (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.18, a.3). Saber que virá a libertação gera um estado interior no ser, diferente do que se passa no existir do povo, sua existência é de exílio, mas seu ser é de esperança de libertação.

Do sobredito, depreende-se que os hábitos são conhecidos por seus atos. O ato da esperança é um movimento da parte apetitiva, pois o seu objeto é o bem. Como no homem, há dois apetites, isto é o apetite sensitivo, que se divide em irascível e concupiscível, o apetite intelectual, chamado vontade, (...) o ato da virtude da esperança não pode pertencer ao apetite sensitivo, porque o bem que é o objeto principal desta virtude, não é um bem sensível (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.18, a.1).

Desta forma, a importância da esperança para a providência dispensaria comentários. Santo Tomás cita Santo Agostinho, que com a expressão: “só pode haver esperança das coisas que dependem de Deus” (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.17, a.3), de fato, no que depende do homem, ele mesmo busca, logo não necessita da esperança, espera o que está em outro, mas a libertação que o povo esperava não veio da liderança de Israel, veio de quem fora considerado enviado por Deus, sendo assim a providência é um auxílio divino como causa primeira, este modo de Deus agir é o agir que conduz ao bem esperado (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.17, a.2).

O futuro pelo qual os exilados esperam uma eventual restauração de sua pátria. Tal esperança nunca morreu. Embora sem dúvida, alguns logo se resignaram com a vida na Babilônia, a parte principal da comunidade exilada recusava-se a aceitar a situação como definitiva. (BRIGHT, 2013, p.420).

Tomás acrescentará que o objeto principal da esperança é o bem futuro árduo de ser alcançado. Ele nos esclarece a razão da conexão com o ser providente que é também uma virtude humana e a providência propriamente divina que tem no próprio Deus sua razão eficiente, formal e final.

Entre outras coisas, a criatura racional está sujeita à providência divina de uma maneira mais excelente, na medida em que ela mesma se torna participante da providência, provendo para si mesma e para os outros. Daí também a razão eterna é compartilhada nele, por meio do qual tem uma inclinação natural para o ato correto e o fim (TOMÁS DE AQUINO STh I-II, q. 91 a. 2).

Da mesma forma o texto de Isaías 40, comentado por Santo Tomás, encerra de modo glorioso, pois eleva a esperança e consola o povo. Não há que duvidar que o povo passava por uma crise de esperança e fé, “estavam mergulhados no desespero temendo que tivessem cometido um pecado mortal e que lahweh, em sua ira houvesse se desligado de Israel” (BRIGHT, 2013, p.417). Temos o clamor por misericórdia (Sl 74,9) mas não sabemos quando Deus nos atenderá o que poderia nos levar ao desespero.

Tendo diante dos olhos riquezas nunca sonhadas e poderes quase ilimitados, com templos magníficos de deuses pagãos em toda parte, deve ter ocorrido a muitos deles a dúvida de que o lahweh, o Deus soberano de um pequeno Estado, que ele parecia incapaz de proteger (BRIGHT, p.417).

Era evidente que muitos estavam ameaçados de perder sua fé. Esta era a grande polêmica de Isaías que está justamente no capítulo 40 a 48. “A religião de Israel estava sendo provada numa situação de vida e de morte” (BRIGHT, 2013, p.417). Justamente os que confiam no Senhor e sentem suas forças renovadas não caem, assim expressa Santo Tomás, nem no desespero e nem na presunção. De duas formas poderíamos entender a presunção, primeiro confiar demasiadamente em suas próprias forças, esquecendo a ação providente de Deus. Segundo, esperar o que não se pode alcançar ou que Deus não promete dar (GARRIGOU-LAGRANGE, 1944, p.737). Estes dois extremos são justamente o oposto da esperança que não confia na providência divina. O desespero é uma falta de esperança (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.20, a.4). E a presunção é exatamente um excesso de confiança, mas do homem em si mesmo, desprezando a justiça divina (TOMÁS DE AQUINO, S.Th, II-II, q.21, a.1). Podemos entender que com estes contrários apresentados por Santo Tomás, é possível ter ou deixar de ter a esperança. Garrigou-Lagrange (1944, p.743) exorta a alimentar a esperança e deixá-la ativa, trabalhar para manter viva a esperança no povo era exatamente o que Isaías e os profetas no exílio faziam, e uma forma é fazer os planos de vida voltados para os planos de Senhor.

O dogma sobre o qual se baseavam o Estado e o culto tinha recebido um golpe mortal. Esse golpe, como dissemos repetidas vezes, foi representado pela certeza da escolha eterna de Sião por parte de lahweh para sua morada terrena e suas promessas incondicionais a Davi de uma dinastia que nunca teria fim. Os aríetes de Nabucodonosor, naturalmente, derrubaram irreparavelmente esta teologia. Era uma falsa teologia, e os profetas que a tinham proclamado mentiram (Lm 2,14) (BRIGHT, 2013, p.416).

Não tinha como o povo sair da Babilônia, mas tinha como a Babilônia não ser o grande desejo e satisfação do povo. Por vezes, podemos estar em situações que não nos favorecem, mas não quer expressar total adequação a ela. Mas, além do seu contrário, a esperança também favorece outra virtude que é a da fortaleza, que já comentamos, aquele que consegue esperar e suportar exercita sua fortaleza, pois suporta as dificuldades e amarguras (GARRIGOU-LAGRANGE, 1944, p.744).

Concluimos que a virtude da esperança serve de norte para o povo olhar para o Senhor e ver sua providência, que não está baseada nas atitudes da pessoa, mas no Senhor que é fonte de todo bem. A verdade a respeito de Deus, que por anos foi pregada, estava sendo colocada em dúvida. Isaías consola e exorta a confiar, com a esperança o povo sente suas forças renovadas e então retomam seu impulso para aguardar a libertação e retomar a terra prometida. Pela esperança se estabelece uma confiança e, de certa forma, ergue-se o clamor do texto de Isaías para consolar o povo, renovando sua confiança. Queremos concluir manifestando que a esperança que o povo viveu no exílio da Babilônia nasceu da força e prudência dos profetas e líderes do povo que souberam manter vivas, durante o exílio, as tradições e documentos do passado de Israel, e esta ação manteve viva a memória do povo sobre seu Deus criador e providente.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa dedica-se ao capítulo 40 de Isaías, para encontrar ali elementos que relacionam o texto bíblico de Isaías com a interpretação filosófica do texto bíblico sobre a providência divina de Santo Tomás, sobre a providência divina, para identificar a resposta do homem a este atributo em meio ao sofrimento. A Sagrada Escritura não deixa dúvida de que todas as criaturas estão envolvidas no plano divino, o que, na filosofia, é dito vontade divina. Não poderia ser diferente, pois um intelecto que pensa algo e o chama a existir tem um plano para essa realidade criada. O intelecto divino, muito além de ter um plano para o mundo criado, em sua plena sabedoria, age sobre ele com sua providência. Daí se deduz que a providência divina é uma forma como Deus age nas criaturas, para conduzi-las ao seu devido fim, pois as obras de Deus não estão dispersas no acaso, no imprevisto ou no contingente.

A presença de Deus que zela por suas criaturas está em toda a Sagrada Escritura, nos mais diversos livros e sob diferentes formas de escrita. Mas a ideia da providência divina, que se torna mais clara no Novo Testamento, não tem tamanha evidência no Antigo Testamento. Se a palavra como tal nem é encontrada, como falar, então, de providência no Antigo Testamento? Pelos conceitos de criação e conservação do mundo, entendidos como cuidado, e tão recorrentes ao longo da História. Essa ideia do cuidado de Deus para com sua obra está no Antigo Testamento e se expressa no zelo de Deus para com suas criaturas. Ela se encontra, no modo impressionante, no livro de Sabedoria, de maneira bem explícita, quando expressa que “pequenos e grandes, foi ele quem os fez; com todos se preocupa por igual” (Sb 6,7). O desenrolar dos fatos que o envolve, o cuidado de Deus para com o seu povo ascende até a encarnação do Verbo, que é, por excelência, a expressão da providência divina na história da Salvação, pois por Cristo Deus quer que todos os homens sejam salvos (1Tm 2,4).

No modo zeloso de Deus, ao ordenar todas as coisas com extrema sabedoria e inteligência, com tudo sincronizado na mais perfeita ordem e beleza, o Antigo Testamento proclama a providência divina. O capítulo 40 de Isaías contém o prólogo ao chamado Deuteroisaiás (Is 40-66), conhecido como o livro da consolação de Israel. Nesse contexto, Is 40 apresenta a providência divina a fim de animar o povo a sair do exílio babilônico e regressar a Jerusalém. O texto é uma ação do profeta que consola o povo após o exílio prolongado. Mas como confiar na ação de Deus tendo vivido tanto

tempo em exílio? Nossa pesquisa justamente une o discurso do Deuteroisaiás com o pensamento filosófico de Santo Tomás, para identificar elementos comuns. Como reconhecer a providência de Deus em meio ao sofrimento do exílio? O que consola o povo? Que elementos filosóficos estariam presentes no texto original, e que são comentados por Santo Tomás tantos séculos posteriores, e que reforçam o pensamento sobre a providência?

Na análise comparativa entre o texto de Is 40 e o comentário de Tomás ao mesmo texto, os primeiros atributos divinos que se identifica são a providência e a criação. A criação manifesta a providência por diversos sinais, entretanto, perfeição, inteligência e causalidade apontam para um Criador amoroso, que ordena todas as coisas com suavidade e que tudo fez em vista de um fim último. Na análise do conceito de criação providente, este pode ser identificado como libertação e salvação. Este amor de Deus está claro logo nos primeiros versículos do texto de Isaías (40,5), quando se refere à mão do Senhor, e que Santo Tomás identifica como o governo divino, expresso na criação. Os mesmos conceitos podem ser aplicados à situação atual, em que a crise carece de palavras de consolo. A solidão e o sofrimento afligem a humanidade, entretanto, a certeza de um Deus providente anima a esperança para seguir adiante. Esta tese procurou demonstrar essa convicção, através de Isaías 40 e do respectivo comentário de Tomás, a partir da confiança em Deus, testemunhada em todo o Antigo Testamento, evidenciada teologicamente em Sabedoria 14,1-5 e, argumentada filosoficamente, em Tomás de Aquino. No comentário de Santo Tomás, a confiança na providência é descrita como presença forte, justa e piedosa de Deus junto a quem sofre (comentário a Is 40,9-11). A resposta a essa ação providente é manter os olhos fixos no Senhor. Em meio ao cansaço e à espera, a força humana é envolvida pela força divina que impede a pessoa de desistir. Essa interação corresponde à imagem do pastor que coloca a ovelha nos ombros (comentário a Is 40,29-31).

Em Santo Tomás, a virtude que mais se distingue é a da prudência, pois comumente o que chamamos de prudência é um elemento de providência, visto que ambos ordenam os meios ao fim. Porém, enquanto a prudência é uma virtude humana, a providência que Santo Tomás explica é divina. A pesquisa aponta justamente para o encontro do humano com o divino, analisando a virtude humana que reflete o atributo divino. Esses aspectos são encontrados no texto de Isaías e desenvolvidos filosoficamente por Santo Tomás. Daí se evidencia a presença desses elementos em Isaías e em Santo Tomás. Tanto a providência como a prudência

preveem as necessidades para conduzir ao fim. Deus tudo ordena no universo, em vista do bem e então manifesta sua bondade, ação essa que não seria possível se Deus não fosse poderoso e não atuasse com perfeição.

Outro fator que une as duas realidades, tão distantes no tempo, mas tão próximas pelo conteúdo, é o efeito da providência sobre o povo de Israel. Isso se refere às virtudes da fortaleza e da esperança, podendo se estender a outras mais. Quando Deus fala ao povo por meio de Isaías, sua palavra mais forte, no capítulo 40, é de consolo, a ponto de poder identificá-lo como “livro da consolação”, pois a escravidão estava no fim e um novo êxodo se aproximava. O tema da consolação adquire tamanha importância, que percorre todo o Deuteroisaiás, do capítulo 40 ao 55. Mas esta pesquisa aponta para a importância da providência divina, sem a qual não se adquirem as virtudes necessárias para atingir os fins necessários.

O texto de Isaías manifesta a preocupação em descrever os feitos de Deus Criador, para sustentar a esperança do povo, tanto na opressão da Babilônia, quanto na decisão para se libertar daquela situação. A filosofia de Santo Tomás descreve justamente estas mesmas virtudes, como elementos de sustento, por sua raiz na faculdade volitiva.

Cabia aos profetas manter estas virtudes vivas e o modo como o fizeram foi manter a Palavra de Deus no meio do povo para que não caíssem nem no desespero e nem na presunção, elementos claramente desenvolvidos na filosofia de Santo Tomás quando trata do oposto da esperança. Mas tanto a fortaleza quanto a esperança estão sustentadas em Santo Tomás pela reflexão, pela razão que reside na faculdade volitiva e não no impulso ou movimento espontâneo. Também Isaías chamou o povo para refletir e seu relato é emocionante, pelos fatos narrados, mas no pano de fundo emerge a racionalidade e lógica do contexto em que vive o povo de ser desde sempre amado e conduzido pela mão providente de Deus.

REFERÊNCIAS

ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário Bíblico – Hebraico – Português*. Tradução Ivo Storniolo, José Bortolini. São Paulo: Paulinas, 1997.

ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DIAZ, José Luis. *Profetas I*. São Paulo: Paulus, 1988.

AMSLER, J. et. al. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulus, 1992.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Volume II. Texto grego com tradução ao lado e comentário de Giovanni Reale. Tradução Marcelo Perine. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BAC, *Bíblia Comentada, texto de la Nácar- Colunga, III, Libros Proféticos*. Madrid: La Editorial Católica, S.A, MCMLXVII, 1967.

BALLARINI, Teodorico. *Profetismo e Profetas em Geral – Isaías – Jeremias – Lamentações – Baruc – Carta de Jeremias – Ezequiel*. Petrópolis: Vozes, 1977a.

BALLARINI, Teodorico e VIRGULIN, Stefano. *Os cânticos do Servo de Javé*. In: BALLARINI, Teodorico (organizador). *Introdução à Bíblia*. II/3. Petrópolis: Vozes, 1977b.

BERGANT, Dianne; KARRIS Robert. *Comentário Bíblico. Profetas posteriores, Escritos, Livros Deuterocanônicos*, volume II. São Paulo: Loyola, 2013.

BERGES, Ulrich. *Isaías el profeta y el libro*. Navarra: Editora Verbo Divino, 2011.

BETTENCOURT, Estêvão. *Para entender o Antigo Testamento*. 7ª edição. São Paulo: Editora Santuário, 1990.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2001.

BÍBLIA DO PEREGRINO. Tradução de Luís Alonso Schökel. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. Edição pastoral. Tradução dos profetas de José Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo: Paulus, 1990.

BÍBLIA SAGRADA (A). *Revista e atualizada no Brasil*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de Is 40–66 de João Balduino Kipper. Petrópolis: Vozes, 2001.

BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.

BORN, Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

BRIGHT, John. *História de Israel*. Tradução Luiz Alexandre Rossi e Eliane Cavaliere Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2003.

BROWN, Raymond E.; FITZMEYER, Joseph A.; MURPHY, Roland. *Novo Comentário Bíblico de São Jerônimo: Antigo Testamento*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012.

CAZELLES, Henri. *História política de Israel, desde as origens até Alexandre Magno*. São Paulo: Paulus, 1986.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA – CIC. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

CHENÚ, M. D. *Santo Tomás de Aquino e a teologia*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1967.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Stromata. Livro V, 6*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/109774150/Clemente-de-Alexandria-Stromata-Livro-V>.

Acesso em: 20 de dezembro de 2020, 08:10:10.

COHN, Norman. *Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças no Apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COLLI, Gelci André. *Dinâmicas proféticas no prólogo de Dêutero-Isaías*. Exegese de Isaías 40,1-11. Dissertação. UMESP, 2006.
<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/355/1/Gelci%20Andre%20Colli.pdf>.

CROATTO, José Severino. *Isaías – A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. I: 1-39. O Profeta da justiça e da fidelidade. Petrópolis: Vozes, 1989.

CROATTO, José Severino. *Isaías – A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II: 40-55. A libertação é possível. Petrópolis: Vozes, 1998.

CROATTO, José Severino. La propuesta querigmática del Segundo Isaías. *Revista Bíblica*, Buenos Aires, n. 2, p. 65, 1994.

DICIONÁRIO DE LATIM-PORTUGUÊS. 4ª edição, Portugal: Editora porto, 2017.

ELDERS, Leo J. Grootseminarie Rolduc. Santo Tomás de Aquino e a Sagrada Escritura. *Revista Aquinate*, n.13, ano de 2010. Disponível em: <http://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/11/Artigo-2-Elders.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2019, 08:10:10.

ELLIOTT, Mark. W. *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística*. Antigo Testamento, 13. Isaías 40-66. Pamplona: Ciudad Nueva, 1995.

FAITANIN, Paulo. VEIGA, Bernardo. *Questões disputadas sobre o poder de Deus*. <http://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/12/F-Paulo-Faitanin-Bernardo-Veiga..pdf>. Acesso, 11 de novembro de 2020. 11:20:07.

FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. São Paulo: Paulus, 2008.

GARDEIL, Henri-Dominique. *Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino: psicologia, metafísica*. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub, Carlos Eduardo de Oliveira

e Paulo Eduardo Arantes. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Filosofia Medieval).

GARRIGOU-LAGRANGE, Réginald. *La Providencia y la Confianza en Dios*. Fidelidad y abandono. Segunda edición, Dedebec, Buenos Aires: Ediciones Desclée, Brouwer, 1943.

GARRIGOU-LAGRANGE, Réginald. *Las tres edades de la vida interior*. Fidelidad y abandono. Cuarta edición, Buenos Aires: Ediciones Desclée, Brouwer, 1944.

GOMES, Cirilo Folch. *Riquezas da Mensagem Cristã*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1981.

GORGULHO, Maria Laura. O novo eixo nas decisões da vida: a novidade deuteroisaiana. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 42, p. 55-70, 1994.

GOTTWALD, Norman, Karol. *Introdução socioliterária à bíblia hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.

GUNNEWEG, Antonius. *Teologia bíblica do antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico –teológica / tradução Werner Fuchs, revisão Haroldo Reimer*. São Paulo: Editora Teológica; Edições Loyola, 2005.

JOLIVET, Régis. *Tratado de Filosofia III, Metafísica*. Rio de Janeiro: Agir, 1965.

KESSLER, Rainer. *História social do antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2009.

KIENINGER, Titus. SEENNER, Paulus. *A Aula inaugural de Santo Tomás*.

Disponível em: <https://institutumsapientiae.files.wordpress.com/2011/07/sc-2011-02-tomas.pdf>. Acesso, 11 de setembro de 2019. 8:04:10.

KLEIN, Ralph W. *Israel no exílio: uma interpretação teológica*. São Paulo: Paulinas, 1990.

LARRÚ, Juan. *Cristo en la acción humana según los comentarios al Nuevo Testamento de Santo Tomás de Aquino*. Roma: Lateran University Press, 2003.

MANDONNET. Sancti Thomae Aquinatis opuscula omnia, IV. Paris, 1927. Disponível em: <https://www.corpusthomisticum.org/reoptedi.html>. Acesso em: 07 de outubro de 2019, 10:20:15.

MESTERS, Carlos. *Estudo sobre Isaías Júnior*: capítulos 40-55. São Paulo: Paulinas, 1983.

MONDIN, Battista. *Quem é Deus? Elementos da teologia filosófica*. São Paulo: Paulus, 1997.

MONGILLO, Dalmazio. *Comentário à Suma Teológica*: os hábitos e as virtudes, os dons do Espírito Santo, os vícios e os pecados, a Lei antiga e a Lei nova, a graça: Volume IV. I seção da II parte. Questões de 49-114. Santo Tomás de Aquino. 3ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

NAKANOSE, Shigeyuki; PEDRO, Enilda de Paula. *Como ler o Segundo Isaías 40-55*. Da semente esmagada brota nova vida. São Paulo: Paulus, 2004.

PIEPER, Josef. *Virtudes fundamentais*: as virtudes cardeais e teológicas. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

RIDDERBOS, Jan. *Isaías: introdução e comentário*. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. 2ª edição. São Paulo: Vida Nova, 1995.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Cultura militar e de violência do mundo antigo*. Israel, Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2008.

SCHREINER, Josef. *Palavra e mensagem*. São Paulo: Paulinas, 1978.

SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio*: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C. São Paulo-São Leopoldo: Paulus-Sinodal, 2007.

SICRE, José Luis. *Introdução ao profetismo bíblico*. Petrópolis: Vozes, 2016.

SILVA, Rosemary Francisca Neves. *Missão Profética: uma experiência de libertação e esperança no exílio da Babilônia a partir do Segundo Canto do Servo de YHWH (Is 49,1-6)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Goiás; Departamento de Filosofia e Teologia; Programa e Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião. 2007.

SILVA, Valmor da. *O profetismo*. Londrina: Instituto Teológico Paulo VI, 1985. Apostila.

SILVA, Valmor da. “*Eis meu Servo*”. Leitura do primeiro canto do Servo do Senhor, Segundo Isaías 42,1-7. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 89, p. 44-59, 2006.

SIMIAN-YOFRE, Horácio. *Teodicea del Dtsaías*. pdf. s.d. Disponível em: SIMIAN-YOFRE. *Teodicea del Dtsaías.pdf*. Acesso em: 11 de outubro de 2020. 10:30:05.

STEINMANN, Johann. *O livro da consolação de Israel e os profetas da volta do exílio*. São Paulo: Paulinas, 1976.

TEIXEIRA NETO, Tiago A. Yahweh versus Marduque: a polêmica teológica em Isaías 40.25-26. *Revista Teologia Brasileira*, v. 35, p. 1-5, 2015.

<https://teologiabrasileira.com.br/yahweh-versus-marduque/>.

TOMÁS DE AQUINO. *A criação, conservação e governo do mundo*. Questões disputadas sobre o poder de Deus 4-6. Tradução de Paulo Faitanin, Rodolfo Petrônio, Bernardo Veiga e Rafael N. Godinho. Campinas, São Paulo: Ecclesiae, 2014.

TOMÁS DE AQUINO. *O poder de Deus*. Questões Disputadas 1-3. Edição Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Tradução de Paulo Faitanin, Bernardo Veiga e Roberto Cajaville. Campinas, São Paulo: Ecclesiae, 2013.

TOMÁS DE AQUINO. *A prudência. A virtude da decisão certa*. Tradução e introdução de Jean Lauand. 2ª Edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

TOMÁS DE AQUINO. *De Tractatus de substantiis separatis - sobre os anjos*. Tradução de Luis Astorga. Rio de Janeiro: Editora Sétimo Selo, 2006.

TOMÁS DE AQUINO. In *Psalmos Davidis Expositio*. 2019. Disponível em: <https://www.corpusthomicum.org/cps00.html>. Acesso em: 5 de janeiro de 2020, 09:05:20.

TOMÁS DE AQUINO. *Comentário do livro de Jó*. Traduzido por Brian Mulladay. WWW. Opwest.org/Archive/2002/book_of_Job/tajob.html. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/371849116/Tomás-de-Aquino-Comentario-Sobre-o-Livro-de-Jo>. Acesso em: 25 de setembro de 2019, 15:19:30.

TOMÁS DE AQUINO. *Contra errores græcorum*, I, 1. 2011. Disponível em: <https://www.corpusthomicum.org/oce.html>. Acesso em: 18 de setembro de 2019, 30:20:10.

TOMÁS DE AQUINO. *Expositio Super Isaiam as Litteram*. Volume 28 de Sancti Thomae Aquinatis doctoris Angelici opera omnia, Thomas iussu impensaue Leonis XIII. P. M., Roma, Ed. di San Tommaso, 1974.

TOMÁS DE AQUINO. *Comentário sobre o Profeta Isaías, capítulo 40*. Tradução de Placimário Ferreira, Brasília, [s. e.], 2021.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Nove volumes. 2ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

TOMÁS DE AQUINO. *Sobre o mal*. t.1. Tradução de Carlos Ancêde Nougé. Apresentação de Paulo Faitanin. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005.

TOMÁS DE AQUINO. *A providência: quaestiones disputatae de veritate: questão 5*. Tradução, edição e notas Paulo Faitanin, Bernardo Veiga. São Paulo: EDIPRO, 2016.

TOMÁS DE AQUINO. *Comentário à Ética a Nicômaco de Aristóteles I-III. O bem e as virtudes*. Volume 1. Tradução, edição e notas Paulo Faitanin, Bernardo Veiga. Rio de Janeiro: Mutuus, 2015.

TORRELL, Jean-Pierre. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino, sua pessoa e sua obra*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

TORRELL, Jean-Pierre. *Santo Tomás de Aquino, mestre espiritual*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

VEIGA, Bernardo. A prudência na filosofia de Tomás de Aquino. *Revista Aquinate*, Número 27, p. 80, ano 2015.

VERMEYLEN, Jacques. *O livro de Isaías: uma catedral literária*. São Paulo: Loyola, 2019.

VITÓRIO, Jaldemir. Consolar: missão profética no exílio. A ação do Dêutero-Isaías junto aos israelitas na Babilônia. *ReBiblica*, v. 1, n. 1, p. 93-105, jan.-jun. 2018.
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/ReBiblica/article/view/30149>.

WESTERMANN, Claus. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1987.

WIÉNER, Claude. *O Dêutero-Isaías: o profeta do novo êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1984. (Cadernos Bíblicos, 7).

ZIMMERLI, Walther. *Manual de Teología del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, Huesca, 1980.

ZENGER, Erich et. al. (Orgs.). *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – *Sancti Thomae de Aquino Expositio super Isaiam ad litteram a capite XL (TOMÁS DE AQUINO, Expositio super Isaiam, 1974)*

CAPUT 40

[85000] Super Is., cap. 40

Consolamini, consolamini et cetera. Haec est secunda pars principalis istius libri, in qua principaliter consolationem populi intendit per multa beneficia repromissa. Dividitur autem in duas partes. In prima inducit eos ad promissorum expectationem; in secunda exequitur divinorum beneficiorum promissionem, infra 45: *haec dicit dominus Christo meo* et cetera. Prima dividitur in tres: in prima confortat eos per promittentis potestatem; in secunda per ipsius dilectionem, 41: *taceant ad me* etc., in tertia per idolorum quae resistere credi possent, debilitatem, 44 cap.: *et nunc audi Jacob* et cetera. Circa primum tria facit. Primo inducit ad consolationem; secundo promittit consolatorem, *vox clamantis* etc., in tertia ostendit Dei consolantis potestatem, *quis mensus est pugillo* et cetera. Circa primum tria. Primo inducit populum in consolationem: *consolamini*, in spiritualibus, *consolamini*, in bonis temporalibus concessis. Eccli. 48: *consolatus est* etc., Zach. 1: *respondit dominus Angelo* et cetera. Secundo indicit prophetis et sacerdotibus consolationis Annuntiationem: *loquimini ad cor*, scilicet consolando; *advocate*, a tristitia, ab idolatria. Oseae 2: *ducam eam in solitudinem*. Tertio assignat rationem quantum ad culpae dimissionem, *quoniam completa est* etc., supra 27: *et hic omnis fructus* etc.; quantum ad poenarum finitionem, *suscepit* etc., loquitur secundum tempus post captivitatem. Jerem. 17: *duplici contritione* etc., sed contra. Nahum 1: *non consurget duplex tribulatio*. Et dicendum, quod duplicia dicuntur quantum ad poenam corporis et animae, sicut et culpa in utroque est. *Vox clamantis* et cetera. Hic promittit consolatorem: et circa hoc tria facit. Primo praemittit praeparationem; secundo ostendit prophetiae firmitatem, *vox dicentis* etc., tertio praenuntiat consolatorem venientem, *super montem* et cetera. Circa primum tria. Primo indicit praeparationem: *vox clamantis in deserto*, scilicet Joannis Baptistae: haec erit, *parate*, per conversionem a malis, *in solitudine*, vitiorum. Amos 4: *praeparare in occursum Dei tui* et cetera. Secundo praedicat expletionem, *omnis vallis*, sequens metaphoram viae malae: si est montuosa, facit laborem: unde dicit, *vallis exaltabitur*, ut adaequetur montibus, et totum fiat planum: si

est distorta facit errorem; et quantum ad hoc dicit, *erunt prava*: etc.; si est lapidosa, facit pedum dolorem; et quantum ad hoc: *aspera in vias*, per quod significatur quod pusillanimitas vertetur in securitatem, superbia in humilitatem, nequitia in rectitudinem, et crudelitas in mansuetudinem. Jerem. 31: *dirige cor tuum in viam* et cetera. Tertio ostendit praeparationis utilitatem, *et revelabitur gloria*, idest filius. Jerem. 33: *curabo eos etc.*; *videbit*, idest, omnibus visibilem se praebebit. Vel loquitur de die iudicii. Apocal. 1: *videbit eum omnis oculus, et qui eum* et cetera. Quidam sic exponunt. Vox, Dei, *clamantis*, haec est, *parate in deserto*, idest in terra Juda olim deserta, *viam domini*, scilicet ad eundem ad templum, vel in deserto quod est inter Babylonem et Iudam. *Omnis vallis*. Per haec ostenduntur omnia impedimenta removeri, ut libere populus revertatur. *Gloria*, in destructione Chaldaeorum, per quam gloriosus apparebit. *Vox dicentis*. In parte ista ostendit prophetiae firmitatem, per comparisonem ad hominum fragilitatem: unde dominus primo indicit clamorem, qui significat expressam et planam Annuntiationem. *Clama*. Infra 58: *clama, ne cesses* etc.; secundo indicit clamandam humanam fragilitatem, interrogante propheta: *et dixi, quid clamabo?* Timens ne contra populum suum aliquid clamare praecipiat; ut supra 6, et domino respondente, *omnis caro* et cetera. Jacobi 1: *exortus est enim sol* etc.; tertio ostendit divini verbi firmitatem, *vere fenum* etc., Luc. 21: *caelum et terra et cetera. Super montem excelsum* et cetera. Hic praedicat consolatorem venientem; et circa hoc tria facit. Primo dominus indicit prophetae Annuntiationem; in secunda determinat adventus promissionem, *ecce Deus*, in tertia ostendit venientis condicionem: *ecce dominus*. Circa primum determinat, quis, cui, et qualiter annuntiet. Quis, quia qui habet officium, *qui evangelizas*. Rom. 10: *quomodo praedicabunt, nisi* et cetera. Modum designat per tria. Per loci altitudinem, ut bona nuntians de longe audiatur, *super montem*, etc., mystice Christum, vel caelestem conversationem et contemplationem. Supra 2: *venite, ascendamus* etc., infra 42: *de vertice montium* etc., per vocis clamorem, *exalta in fortitudine*, ut multi audiant, plane et constanter praedicando. Infra 58: *clama, ne cesses* etc.; per cordis securitatem, *exalta, noli* et cetera. Jer. 1: *ne timeas a facie* et cetera. Cui sit annuntiandum determinat quantum ad tria: quantum ad regni provinciam, *dic civitatibus*; etc., quantum ad provinciae metropolim, *qui evangelizas Jerusalem*; quantum ad civitatis rectores, *Sion*, ubi templum et domus regia. Infra 41: *primus ad Sion dicet* et cetera. Act. 13: *vobis oportebat et cetera. Ecce*. Hic ponit adventus Dei promissionem, *ecce*, in promptu, *Deus vester*, veniet. Supra 35: *Deus ipse veniet et cetera. Ecce dominus*. Hic ostendit venientis conditionem: et primo ostendit quod

veniet fortis ad liberandum, *in fortitudine*. *Brachium*, fortitudo in die iudicii. Vel in primo Christi adventu in potestate miraculorum, vel in destructione Babylonis. Job 40: *si habes brachium sicut Deus* et cetera; secundo quod veniet justus ad remunerandum, *ecce merces*. *Opus coram illo*, quia in facilitate voluntatis. Sap. 5: *justi autem in perpetuum* etc.; tertio ostendit quod veniet pius ad consolandum, *sicut pastor*. Ad pascendum esurientes, *gregem suum pascet*. Ezech. 34: *in pascuis uberrimis* etc., Jerem. 3: *dabo vobis pastores* etc.; ad congregandum dissentientes, *in brachio* etc., Joan. 10: *alias oves habeo* etc.; ad portandum deficientes, *in sinu suo* etc., Luc. 15: *cum invenerit eam, et cetera*. *Quis mensus est* et cetera. Hic ostendit divinam potestatem: et primo astruit eam contra idolatrarum errores, qui divinae potentiae derogabant, creaturam creatori aequando. Rom. 1: *servierunt creaturae* etc.; secundo contra desperationem Judaeorum, qui divinae potentiae derogabant diffidendo, *levate in excelsum* et cetera. Circa primum duo: primo ostendit Dei potestatem; secundo excludit errorem, *cui ergo similem* et cetera. Circa primum tria. Primo ostendit divinam potentiam, simul et sapientiam in commensuratione facili, et creatione omnium rerum: fecit enim omnia in numero, quantum ad multitudinem principiorum; in mensura, quantum ad determinationem sub proprio esse, in pondere, quantum ad inclinationem ad finem. Sapien. 11: *pugillo*, idest faciliter, sicut quae pugillo, mensurantur qui est manus clausa; *palm*, idest faciliter, qui est manus extensa: *appendit super nihil*, Job 26: quia nullo exteriori fulcitur: alias esset quies terrae violenta. *Super aquas*, in Ps. 28, quantum ad situm, quia aquis circumdatur. Psalm. 103: *super stabilitatem suam*, quantum ad propriam causam quietis, quae est natura propria: *tribus digitis*, faciliter: vel tribus proprietatibus, gravitate, siccitate et immobilitate, *libravit*, libratos fecit proprio pondere. Secundo ostendit sufficientiam potentiae, quia non indiget adjuvante: *quis adjuvit*, contra philosophos ponentes, mediantibus primis causatis, ultima creata esse: sapientiae, quia non indiget consilio: *aut quis*, ut sibi daret consilium; *cum quo*, ut ab ipso peteret; *instruxit eum*; formam operis; *semitam justitiae*; naturalis, quam omnibus rebus praefixit, ut nulla res suae naturae metas excederet; *scientiam*, de cognitione rerum creaturarum et universalium et particularium, contra philosophos; *viam prudentiae*, quantum ad mundi gubernationem. Job 26: *cujus adjutor es, numquid* et cetera. Tertio ostendit ipsius excellentiam: quia excedit omnem gentium multitudinem: *ecce gentes*. *Quasi stilla*, parva gutta, *situlae*, cadens de situla, quae est vas aquaticum sitientibus aptum, quae pro nihilo reputatur, *momentum* quod inter brachia staterae est, quod de facili in utrumque inclinatur. Job 26: *cum vix parvam stillam* etc.; ostendit etiam quod excedit omnem condignum honorem, et praecipue

quantum ad oblationem. *Et Libanus*, idest ligna Libani, quibus abundat, quia nemorosus, *et animalia*, quibus abundat, quia pascuosus. Mich. 6: *quid dignum offeram domino* etc.; ostendit etiam quod excedit omnem creaturae perfectionem: et naturalem, quia esse ipsarum respectu Dei est non esse: dicit enim Dionysius in Lib. de divinis nominibus, cap. 12, quod *quantum participantia excedunt non participantia, et quantum participationes participantia, tantum qui est principium participationum, excedit et participationes et participantia. Omnes gentes quasi non sint* etc.; et quantum ad perfectiones superadditas, quae quodammodo sunt implentes, *et quasi nihilum* etc., Jerem. 4: *aspexi terram et cetera. Cui ergo et cetera*. Hic excludit errorem: et primo irridet errorem quantum ad operantis intentionem, quia volebant Deum facere. *Ergo ex quo tam potens est: cui similem?* Loquitur secundum errorem illorum qui ipsas similitudines deos putabant. *Aut quam imaginem?* Quantum ad illos qui putabant ea quorum sunt similitudines, ut solem vel lunam, etc., Exod. 15: *quis similis tui in fortibus* etc.; et quantum ad stultam operationem, quia in vili materia nobilissimam formam inducere volebant: *numquid sculptile* etc., Sapien. 14: *incommunicabile nomen* et cetera. Secundo convincit errantem: et primo ex lege naturali dictante: *numquid non scietis*, naturali ratione, idola non esse deos? Et lege scripta prohibente: *numquid non annuntiatum*, Roman. 10: *numquid non audierunt* et cetera. Convincit etiam ex creaturarum consideratione; terrestrium, quantum ad creationem: *numquid non intellexistis fundamenta terrae*, ab ipso esse fundata? Idest illud terrae quod est juxta centrum. Proverb. 8: *quando appendebat fundamenta* etc.; et quantum ad creatorem, *qui sedet super gyrum*, quia sphaerica, sicut gubernans, *et habitatores quasi locustae*, respectu magnitudinis terrae, vel ipsius Dei. Ex creatione etiam creaturarum caelestium: *qui extendit*, quantum ad caeli magnitudinem, *velut nihilum*, quantum ad substantiae subtilitatem; *quasi tabernaculum*, sibi: ut in quo primo virtus ejus relucet inter corporalia, quantum ad virtutem. Vel quasi in habitationem Angelorum et sanctorum, quantum ad dignitatem. Vel etiam totius creaturae inferioris, quantum ad ipsarum claritatem. Jerem. 10: *praeparat orbem in sapientia* et cetera. Convincit tertio eos quantum ad magnorum subjugationem, ponens illorum destructionem qui sunt magni. Vel secundum scientiam, *qui dat secretorum*, scilicet philosophos. Vel secundum potentiam, *judices*, idest principes. Ps. 63: *defecerunt scrutantes* etc.; et ostendit destructionis facilitatem per similitudinem herbae, vel arboris, quae non habet radices firmas in terra. *Et quidem neque* etc., Job 13: *contra folium quod vento rapitur* et cetera. Tertio ponit conclusionem, *et cui assimilastis* etc., Psalm. 88: *quis in nubibus aequabitur et cetera. Levate* et cetera. Hic astruit idem

contra desperantes: et primo astruit divinam majestatem ex rerum creatione: *quis creavit haec*, scilicet caelestia. Ps. 32: *ipse dixit, et facta sunt* etc.; ex scientiae perfectione: *qui educit*, ad implendam suam voluntatem, *in numero*, determinato in sua scientia, *militiam eorum*, scilicet caelorum, stellas vel Angelos, *ex nomine*, unicuique propriam naturam, unde nominari possit determinans. Psalm. 146: *qui numerat multitudinem* etc.; ex dominii plenitudine: *prae multitudine fortitudinis*, ad impugnandum, *roboris*, ad resistendum, *virtutis*, ad operandum: *fuit*, ab ejus dominio. Job 25: *numquid est numerus* et cetera. Secundo excludit errorem. Et primo ponit errorem: *quare dicis. Abscondita*; non videt quae mala patior, alias defenderet me. *Judicium*, idest potestas judicandi, quam olim habuit. Eccl. 16: *ne dicas, a Deo abscondar* etc., Ez. 9 *dixerunt dereliquit* et cetera. Secundo ponit erroris reprobationem: et primo probationis confirmationem ex lege: *numquid nescis*, lege naturali, *aut non audisti*, lege scripta, haec quae sequuntur? Secundo ponit reprobationem, primo ostendens Dei magnitudinem ex his quae in se habet, scilicet dominii aeternitatem, *Deus sempiternus* etc., Exod. 15: *dominus regnavit in aeternum* etc.; potentiam indeficientem, *non deficiet*, ut omnia non possit, *neque laborabit* ut difficulter possit, Daniel. 7: *potestas ejus* etc.; scientiae incomprehensibilitatem, *neque est investigatio*. Roman. 11: *quam incomprehensibilia sunt* et cetera. Secundo per magna quae in aliis facit: et primo in his quos confortat, pristinam debilitatem, *qui dat lasso*, quantum ad illum qui prius fortis fuerat et defecit; *et his qui non sunt*, quantum ad eos qui non fuerunt fortes, supra 25: *factus fortitudo pauperi* etc., Roman. 4: *vocat ea quae non sunt*, 1 Cor. 1: *quae infirma sunt elegit*. Secundo ostendit fortitudinis magnitudinem per comparisonem ad fortitudinem naturalem, quam ostendit prius deficientem: *deficient pueri*, qui sunt in statu proficiendi, *juvenes* qui videntur robusti. 1 Reg. 2: *non in fortitudine sua* et cetera. Secundo roboris a Deo dati magnitudinem: *qui autem sperant mutabunt fortitudinem*, scilicet naturalem in divinam, ut non fatigentur ascensu, *assument pennas*, Prov. 23: *facient sibi pennas* etc., nec etiam veloci cursu: *current*, nec etiam continuo incessu, *ambulabunt* etc., supra 5: *non est deficiens neque laborans* etc. (Collationes cap. 40). Adiuvatur spiritus domini (non in creatione sed in iustificatione, Augustinus: *qui creavit te sine te* etc.): per praedicationem, I Cor. 3: *Dei adiutores* etc., per praeparationem, Iac. 4: *appropinquate domino* etc., per cooperationem, Hebr. 12: *contemplantes, ne quis desit* et cetera. Sancti comparantur aquilis: propter volatus altitudinem, Iob 39: *numquid ad praeceptum tuum* etc., in quo eminentia contemplationis, supra 33: *regem in decore suo* etc.; propter odoris subtilitatem, Luc.

16: *ubicumque fuerit corpus* etc., in quo fervor dilectionis, Cant. 1: *trahe me post te* etc.; propter loci sublimitatem, Prov. 30: *tria sunt mihi* etc., in quo studium caelestis conversationis, Phil. 3: *nostra conversatio* etc.; propter motus velocitatem, Thren. 4: *velociores fuerunt* etc., in quo promptitudo bonae operationis, Prov. 22: *vidisti hominem* etc.; propter renovationem, Ps.: *renovabitur ut aquilae* etc., in quo studium emendationis et profectus, II Cor. 4: *licet is qui foris* etc.; propter membrorum pulcritudinem, Ez. 17: *aquila grandis* etc., in quo decor virtutum, Cant. 4: *tota pulcra es* etc.; propter filiorum sollicitudinem, Deut. 32: *sicut aquila provocans* etc., in quo sollicitudo sanctorum, II Cor. 11: *quis infirmatur* et cetera.

APÊNDICE B – Tradução do Comentário sobre o Profeta Isaías, capítulo 40 de Santo Tomás de Aquino

[INTRODUÇÃO]

[1. A CONSOLAÇÃO DA DIVINA MISERICÓRDIA (cap. 40-66)]

Consolai-vos, consolai-vos [v. 1]. Esta é a segunda parte principal deste livro, que tem como intenção primordial a consolação do povo por meio da promessa de numerosos benefícios. Ela está dividida em duas partes: na primeira, o profeta conduz os fiéis a esperar os bens prometidos [cap. 40-44]; na segunda, ele expõe a promessa dos benefícios divinos: *eis o que diz o Senhor ao seu ungido* [cap. 45-66].

[2. O CONVITE A ESPERAR OS BENS PROMETIDOS (cap. 40-44)]

A primeira parte está dividida em três: na primeira, ele os conforta, mostrando o poder daquele que promete: [*consolai-vos...*] [cap. 40]; na segunda, [mostrando] seu amor [por eles]: [*que as ilhas se calem diante de mim*] [cap. 41-43]; na terceira, mostrando a impotência dos ídolos que eles acreditavam ser capazes de resistir: *e agora, Jacó, ouve* [cap. 44].

[3. O CONFORTO DEVIDO AO PODER DAQUELE QUE PROMETE (cap. 40)]

Este capítulo [do profeta Isaías] se divide em três partes: na primeira, ele convida à consolação; na segunda, ele promete um consolador: *uma voz que clama [no deserto]* [v. 3]; na terceira, ele apresenta o poder do Deus consolador: *quem mediu com o punho* [v. 12].

[PARTE I - O CONVITE À CONSOLAÇÃO]

[1. O CONVITE]

Em primeiro lugar, ele convida à consolação: *consolai-vos* [v. 1], a respeito dos bens espirituais; *consolai-vos*, a respeito dos bens temporais concedidos. Eclo 48: *ele consolou [aqueles que choravam em Israel]*. Zac 1: *o Senhor respondeu ao anjo [que falava em mim, e ele me fez ouvir boas palavras, palavras de consolação]*.

[2. O ANÚNCIO DA CONSOLAÇÃO]

Em seguida, ele convoca os profetas e os sacerdotes para anunciarem a consolação: *falai ao coração* [v. 2], isto é, consolando; *chamai-a*, para se afastar da tristeza, da idolatria. Os 2: *eu a conduzirei à solidão*.

[3. A RAZÃO DO PERDÃO DA CULPA]

Por último, ele indica a razão referente ao perdão da culpa: *sua malícia chegou ao cume* [v. 2]. Is 27: *e todo este fruto*. A razão também referente ao fim dos sofrimentos: *ela recebeu [da mão do Senhor dupla punição por todos os seus pecados]* [v. 2], ele fala do tempo após o cativeiro. Jer 17: *quebrai-os duas vezes*. Mas, pelo contrário, em Na 1: *não se levantará por duas vezes a tribulação*. E diga-se que se trata de dupla pena, do corpo e da alma, assim como a culpa provém também de ambos.

[PARTE II - A PROMESSA DUM CONSOLADOR]

Uma voz que clama [v. 3]. Aqui ele promete um consolador, sob três aspectos: primeiro, proclama sua preparação; em seguida, mostra a firmeza da profecia: *uma voz que diz* [v. 6]; enfim, ele prenuncia o consolador que vem: *sobre uma alta montanha* [v. 9].

[1. A PREPARAÇÃO DA VINDA DO CONSOLADOR]

Ele começa por convocar a preparação: *uma voz que clama no deserto*, a saber, a voz de João Batista: *preparai [o caminho do Senhor]*, por meio da conversão de vida; *na solidão*, na solidão dos vícios. Am 4: *prepara-te para encontrares o teu Deus*.

Em seguida, ele prediz o desfecho da preparação: *todos os vales [serão preenchidos, todos os montes e todas colinas serão rebaixados, os caminhos tortuosos serão endireitados e os acidentados, nivelados]* [v. 4], seguindo a metáfora do mau caminho: se o caminho é montanhoso, é cansativo; por isso, diz-se que *todo vale será preenchido*, para que seja nivelado às montanhas e se torne totalmente plano; se tortuoso, é fácil perder-se e, por isso, *os caminhos tortuosos [serão endireitados]*; se coberto de pedras, fere os pés e, por essa razão, *os caminhos acidentados serão nivelados*; desta maneira, indica-se que a pusilanimidade será transformada em segurança, a soberba em humildade, a perversidade em retidão e a crueldade em mansidão. Jer 31: *endireita teu coração, no caminho* etc.

Enfim, mostra a utilidade da preparação: *e será revelada a glória* [v. 5], ou seja, o Filho. Jer 33: *eu os curarei etc. Toda carne verá*, isto é, ele se mostrará visivelmente a todos, ou talvez esteja falando do dia do juízo. Ap 1: *[eis que vem sobre as nuvens;] todo olho o verá, e eles mesmos [que o traspassaram, e todos os povos da terra baterão no peito ao contemplá-lo]*.

Alguns explicam esse versículo assim: *a voz*, a de Deus; *clamando* estas palavras: *preparai no deserto*, isto é, na terra de Judá, outrora deserta; *o caminho do Senhor*, a saber, aquele que leva até o templo, ou então até o deserto que está entre a Babilônia e a Judéia. *Todo vale*: aqui todos os obstáculos a serem removidos a fim de que o povo possa livremente retornar. *A glória [do Senhor se manifestará]*, na destruição dos Caldeus, pela qual despontará glorioso.

[2. A FIRMEZA DA PROFECIA]

Uma voz que diz [v. 6]. Nesta parte, ele mostra a firmeza da profecia em comparação com a fragilidade dos homens. Por isso, o Senhor exige, primeiramente, o clamor, ou seja, um anúncio claro e expressivo: *clama*. Is 58: *clama sem cessar, [faze ecoar tua voz como uma trombeta]*.

Em segundo lugar, ele exige apregoar a fragilidade humana, quando o profeta pergunta: *e eu disse: que hei de clamar?*, temendo ter de clamar algo contra o seu povo, como se viu mais acima (Is 6). E o Senhor responde: *toda carne [é como a erva, e sua glória como a flor dos campos]* [v. 6]. Tg 1: *quando nasce o sol [com seu calor, a erva seca, a flor murcha e perde toda a sua beleza; assim o rico secará e murchará em seus caminhos]*.

Em terceiro lugar, ele mostra a firmeza da palavra divina: *o povo é verdadeiramente como a erva* [v. 7], *[a erva seca, a flor murcha, mas a palavra do Senhor permanece eternamente]* [v. 8]. Lc 21: *o céu e a terra [passarão, mas minhas palavras não passarão]*.

[3. O ANÚNCIO DO CONSOLADOR]

Sobre uma alta montanha [v. 9]. Aqui ele prenuncia o consolador que vem, em três pontos: primeiro, publica o anúncio do profeta; segundo, define a promessa da vinda: *eis o vosso Deus* [v. 9]; terceiro, ele salienta a qualidade daquele que vem: *eis o Senhor vosso Deus [que virá com poder, ele dominará com a força de seu braço]* [v. 10].

No primeiro ponto, ele determina *quem, como e a quem* anunciará. Quem? Aquele que tem tal ofício: *tu que evangelizas*. Rm 10: *como pregação, [sem terem sido enviados]?*

Acerca do *como*, há três observações. Antes de tudo, quanto à altura do lugar, para que as boas notícias sejam ouvidas de longe: *sobre uma alta montanha*, isto é, no sentido místico, Cristo, ou então a contemplação e a vida celeste. Is 2: *vinde, subamos [à montanha do Senhor e à casa do Deus de Jacó]*. Is 42: *do alto das montanhas*. Em segundo lugar, quanto ao clamor da voz: *eleva tua voz com força*, para que muitos possam escutar, graças a uma pregação clara e constante. Is 58: *clama sem cessar*. Enfim, quanto à segurança do coração: *eleva a voz e não tenhas medo*. Jer 1: *não temas comparecer diante [daqueles aos quais eu te enviar, porque estou contigo para te livrar, diz o Senhor]*.

Depois, ele determina *a quem* se anuncia, por meio de três indicações. Primeiro, indicando qual província do reino: *dize às cidades*, etc.; segundo, qual metrópole da província: *tu que evangelizas Jerusalém*; enfim, quais os dirigentes da cidade: *Sião*, onde se encontrava o templo e a casa real. Is 41: *se dirigirá primeiramente a Sião* etc. At 13: *vós sois os primeiros aos quais se devia [anunciar a palavra de Deus]*.

Eis [o vosso Deus] [v. 9]. No segundo ponto, ele explica a promessa da vinda de Deus: *eis*, com prontidão, *o vosso Deus*, que virá. Is 35: *Deus mesmo virá [e ele vos salvará]*.

Eis que o Senhor vosso Deus que virá com poder [v. 10]. No terceiro ponto, ele descreve a qualidade daquele que vem. Inicialmente, ele mostra que virá forte para libertar: *com força, e seu braço [dominará]*, sua força no dia do juízo. Ou então sua força, na primeira vinda de Cristo, com o poder dos milagres; ou ainda, na destruição da Babilônia. Jó 40: *se tens um braço semelhante ao de Deus* etc. Em seguida, que virá justo para retribuir: *eis a recompensa; a obra está diante dele*, ou seja, porque na facilidade da vontade. Sab 5: *os justos viverão eternamente, [o Senhor lhes reserva a recompensa]*. Por fim, que virá piedoso para consolar: *como o pastor* [v. 11]. Piedade para alimentar os famintos, *ele apascentará o seu rebanho*. Ez 34: *nas mais férteis pastagens* etc. Jer 3: *eu vos darei pastores [segundo o meu coração, que vos darão o alimento da ciência e da doutrina]*. Piedade para reunir os discordantes: *com a força do seu braço, [ele reunirá os cordeiros]* [v. 11]. Jo 10: *tenho ainda outras ovelhas [que não são deste rebanho (...)] elas ouvirão minha voz e não haverá senão um só rebanho e um só pastor]*. Piedade para carregar os mais fracos: *em seu colo [ele os levará, e*

as maiores ele também as carregará] [v. 11]. Lc 15: *quando a encontrou [a colocou sobre os ombros com alegria]*.

[PARTE III - O PODER DO DEUS CONSOLADOR]

Quem mediu [as águas com o próprio punho e pesou os céus na palma da mão]? [v. 12]. Aqui ele apresenta o poder divino, da seguinte forma: primeiramente, contra os erros dos idólatras, que derogavam o poder divino, tentando igualar a criatura ao criador. Rm 1: *serviram à criatura [ao invés do Criador]*; e depois, contra o desespero dos judeus, que derogavam o poder divino por sua desconfiança, *levantai os olhos ao alto [e considerai quem criou os céus]* [v. 26].

[1. CONTRA OS ERROS DOS IDÓLATRAS]

Aqui desenvolve-se o tema em dois pontos: primeiro, ele mostra o poder de Deus, e, depois, exclui o erro: *a quem poderíeis comparar a Deus?* [v. 18].

Referente ao primeiro ponto, pode-se fazer três considerações. Primeira consideração: ele apresenta o poder divino, juntamente à sabedoria, na simples medição e criação de todas as coisas: fez todas coisas com quantidade, quanto à multiplicidade de princípios; com medida, quanto à determinação sob seu próprio ser; com peso, quanto à inclinação ao próprio fim. Sab 11: *[vós dispusestes todas as coisas com medida, quantidade e peso]*. *[Ele mediu as águas] com o próprio punho* [v. 12], isto é, facilmente se mede aquilo que está dentro numa mão fechada; *pesou os céus na palma da mão*, isto é, facilmente com a mão aberta; *suspende sobre o nada*, [segundo] Jó 26: a terra não é sustentada por nenhum [apoio] externo; caso contrário, o repouso da terra seria violento. *Sobre as águas*, no Sl 28, trata-se da própria situação da terra, pois está circundada pelas águas. Sal 103: *[estabeleceste a terra] sobre sua própria estabilidade*, quanto à causa específica de seu repouso, que é sua própria natureza. *Com três dedos* [v. 12], a saber, com facilidade ou com as três propriedades que são a gravidade, a consistência e a imobilidade; *ele pesou [as montanhas e colocou as colinas na sua balança]*: eles as pesou com seu próprio peso.

Segunda observação: ele demonstra a suficiência do poder de Deus, que não precisa de qualquer ajudante: *quem ajudou [o Espírito do Senhor]?* [v. 13], contra os filósofos que afirmavam as últimas realidades terem sido criadas por meios das primeiras. Além disso, demonstra a suficiência da sabedoria divina, que não precisa de conselho algum: *quem foi [seu conselheiro]?* [v. 13], para lhe dar conselho; *com*

quem [ele se reuniu para deliberar]? [v. 14], para lhe pedir conselho; quem lhe ensinou a forma de sua obra; o caminho da justiça, natural que ele determinou a todas as coisas, de tal modo que nenhuma delas excedesse os limites de sua natureza; [quem lhe ensinou] a ciência, acerca do conhecimento das coisas criadas, tanto universais quanto particulares, contra os filósofos; o caminho da prudência, referente ao governo do mundo. Jó 26: pretendes cuidar de alguém [fraco, ou sustentar seu braço daquele que está sem vigor]?

Terceira observação: ele trata da excelência de Deus, pois supera toda a multidão dos povos: *diante dele todas as nações são como uma gotinha [d'água na ponta dum balde e como o menor movimento do ponteiro da balança, todas as ilhas são a seus olhos como pó] [v. 15]. Como uma gotinha, uma pequena gota caindo dum balde, recipiente de pouco valor, apto a receber a água destinada aos sedentos. O movimento da balança, do ponteiro situado entre as duas hastes, pendendo facilmente para um lado ou para outro. Jó 26: apenas como uma pequena gota etc. Ele supera também, por sua dignidade, toda honra que lhe poderia ser prestada, principalmente a respeito das oferendas: o Líbano [não bastaria para acender o fogo do sacrifício que lhe é devido, e todos os animais seriam bem poucos para se transformarem num holocausto digno dele] [v. 16]; o Líbano, ou seja, todas as árvores e todos os animais que abundam no Líbano, país coberto de bosques e de pastagens. Miq 6: que oferecerei a Deus, [que seja digno dele (...) holocaustos, bezeros dum ano]? Ele ainda supera toda perfeição das criaturas. Supera sua perfeição natural, porque o ser criatural em relação a Deus é como um não-ser: Dionísio afirma, com efeito, no capítulo 12 do livro *Dos Nomes Divinos*, que tanto os que participam [das perfeições] superam os que não participam, como aquele que é o princípio das participações supera as participações e aqueles que participam: *diante dele todos os povos são como se não fossem* [v. 17]. E quanto às perfeições adquiridas, que dão arremate às coisas, *[ele olha para elas] como um vazio e um nada* [v. 17]. Jer 4: *olhei a terra [e não encontrei senão um vazio e um nada]*.*

A quem [poderíeis comparar a Deus, e qual imagem poderíeis dele oferecer]? [v.18]. Neste segundo ponto, ele trata de excluir o erro. Começa ridicularizando o próprio erro, tendo em vista a intenção daqueles que erravam por quererem fazer um deus: *Portanto, isto é, dado que ele é tão poderoso; a quem poderíeis comparar [a Deus]?*, aqui ele destaca diretamente o erro dos que pensavam que as mesmas imagens fossem deuses. *E qual imagem [poderíeis oferecer dele]?*, contra os que pensavam serem deuses as realidades representadas, como o sol ou a lua etc. Ex 15:

quem entre os deuses se assemelha a vós, [Senhor, grande em santidade, temível e digno de louvor por causa das maravilhas que fizestes]? Ele também evidencia a tolice de tal procedimento. Ora, queriam dar a forma mais nobre ao material mais desprezível: porventura um artesão [não funde sua estátua, o ourives não a forma com ouro ou prata]? [v. 19]. Sab 14: [foi uma armadilha para a vida humana que homens (...) tenham dado a pedras e à madeira] o nome incomunicável.

Depois de ridicularizar, ele se dedica a confundir o que erra. Começa a fazê-lo a partir do ensinamento da lei natural: *não sabíeis, [não ouvistes dizer]? [v. 21]*, pela razão natural, que os ídolos não são deuses. E também a partir da proibição contida na lei escrita: *por acaso não vos havia sido revelado [desde a origem]? [v. 21]*. Rm 10: *não teriam eles ouvido?* Continua a confundir, considerando as criaturas terrestres, na sua criação: *não compreendestes que os fundamentos da terra [v. 21] foram estabelecidos por ele?* A saber, exatamente aquilo que está no centro da terra. Prov 8: *quando ele estabelecia os fundamentos da terra, [eu estava com ele e colocava todas as coisas em ordem]*. E também considerando o Criador: *é ele que se assenta sobre o globo [v. 22]*, pois a terra é esférica, como aquele que governa, e seus habitantes se assemelham a gafanhotos, a respeito da grandeza da terra ou do próprio Deus.

Além disso, ele considera a criação das criaturas celestes: *aquele que estende [os céus como um nada e os desdobra como uma tenda para moradia] [v. 22]*; *aquele que estende*, para mostrar a grandeza do céu; e *como um nada*, para indicar a sutileza de sua substância; *como uma tenda* para si, para [dizer] que, primeiramente nela, sua força se reflete entre os seres corporais, quanto à virtude. Ou como moradia dos anjos e santos, quanto à dignidade; ou ainda, como tenda para todas as criaturas inferiores quanto à claridade das mesmas. Jer 10: *prepara o orbe em sua sabedoria* etc.

Enfim, ele confunde o autor dos erros a partir da subjugação dos grandes. A destruição dos grandes se dá, quer segundo a ciência: *é ele que aniquila os que perscrutam os segredos [da natureza] [v. 23]*, a saber, os filósofos; quer segundo o poder: *[e quem reduz ao nada] os juizes da terra*, ou seja, os príncipes. Sal 63: *eles armam iniquidades, [mas se esgotaram nessa busca]*. E indica a facilidade de tal destruição, por meio duma comparação com a planta ou a árvore, desprovidas de raízes: *na verdade, eles não foram plantados, [nem semeados, e seu tronco não tem raízes na terra; logo que enviou sobre eles seu sopro, eles secaram e foram levados como a palha é arrastada pelo redemoinho] [v. 24]*. Jó 13: *demonstrais vosso poder contra uma folha levada pelo vento, [e perseguis uma palha seca]*.

Então, ele conclui: *e com quem me haveis comparado, [a quem me haveis igualado, diz o Santo]? [v. 25]. Sal 88: quem, nas nuvens, será comparável [ao Senhor? E quem, entre os filhos de Deus, será semelhante a Deus]?*

[2. CONTRA O DESESPERO DOS JUDEUS]

Levantai os olhos para o alto [v. 26]. Aqui ele acrescenta o mesmo contra os que se desesperam. Antes de tudo, ele evidencia a majestade divina a partir de três considerações. Primeiro, considerando a criação das coisas: *quem criou estas coisas*, ou seja, as coisas celestes. Sal 32: *ele disse e todas as coisas foram feitas*. Segundo, considerando a perfeição de sua ciência: *quem conduziu*, para cumprir sua vontade; *com ordem*, determinada pela sua ciência; *o exército celeste*, a saber, as estrelas ou os anjos; e *os chama pelo nome*, atribuindo a cada um sua própria natureza, donde advém seu nome. Sal 146: *ele enumera [as estrelas e conhece cada uma delas por seu nome]*. Terceiro, considerando a plenitude do seu domínio: *tal é a grandeza de sua força*, para combater, *de seu vigor*, para resistir, *de seu poder*, para agir; *não há nem mesmo um*, que escape do seu domínio. Jó 25: *quem consegue contar o número [de seu exército, sobre quem a sua luz não se levanta]?*

Em seguida, ele exclui o erro de duas formas: primeiro, ele o expõe e, depois, o refuta. Expõe o erro assim: *por que dizes tu, ó Jacó: meu caminho está escondido [ao Senhor] [v. 27]*, ele não vê de que males sofro eu, caso contrário ele me defenderia. *O juízo [se afastou para mim do meu Deus]*, isto é, o poder de julgar, que havia antes. Eclo 16: *não digas: vou me esconder dos olhos de Deus, [e quem vai lembrar-se de mim no alto do céu?]*. Ez 9: *eles disseram: o Senhor abandonou [a terra, o Senhor não vê]*.

Após a exposição do erro, ele trata de refutá-lo, apoiando-se na lei: *não sabes [v. 28]*, por meio da lei natural; *ou não ouviste*, por meio da lei escrita, o que segue? Primeiramente, mostrando a grandeza de Deus, a partir de suas qualidades interiores. Primeiro, a eternidade de seu domínio: *Deus é o Senhor eterno*. Ex 15: *o Senhor reinará pela eternidade*. Segundo, seu poder incansável: *ele não se cansará*, como se ele não pudesse tudo; *ele não terá de fazer esforço*, como se fosse difícil para ele exercer seu poder. Dan 7: *seu poder [é um poder eterno que não lhe será tirado, e seu reino nunca será destruído]*. Terceiro, a incompreensibilidade de sua ciência: *sua sabedoria é impenetrável*. Rm 11: *[ó profundidade dos tesouros da sabedoria e da ciência de Deus,] quão impenetráveis são os seus juízos e quão incompreensíveis são os seus caminhos*.

Em seguida, ele refuta o erro a partir das grandes obras realizadas nos outros. Primeiro, naqueles que se recuperaram da antiga fraqueza: *ele dá força àquele que está cansado* [v. 29], a saber, aquele que, antes forte, acabou enfraquecendo-se; [*e ele concede vigor*] *àqueles que não o tem*, a saber, aqueles que nunca foram fortes. Is 25: *vós vos tornastes a força do pobre, [o vigor do fraco na aflição]*. Rm 4: *ele chama aquelas coisas que não são*. 1Cor 1: *escolheu os fracos [segundo o mundo para confundir os poderosos]*.

E depois, dá destaque à grandeza da força [recebida], em comparação com a força natural, antes precária: *as crianças se cansarão* [v. 30], trata-se daqueles que se encontram em estado de crescimento; *os jovens [cairão de fraqueza]*, aqueles que parecem robustos. 1Rs 2: *o homem com toda a sua força [não será senão fraqueza diante dele]*.

Enfim, conclui evidenciando a grandeza da força dada por Deus: *os que esperam no Senhor, renovarão suas forças* [v. 30], ou seja, a força natural se tornará divina e, para que não se cansem na subida, *eles tomarão asas [como as águias]*. Prov 23: *elas tomarão asas [como águia e voarão para o céu]*. Nem se cansem na velocidade da corrida: *eles correrão [sem se cansarem]*; nem mesmo numa caminhada sem pausa: *eles andarão [e não se cansarão]* [v. 31]. Is 5: *não haverá quem se canse ou tropece etc.*

ANOTAÇÕES [Collationes cap. 40]

O Espírito do Senhor é auxiliado (não na criação, mas na justificação. Santo Agostinho: *aquele que te criou sem ti [não te salvará sem ti]*):

- Pela pregação. 1Cor 3: *somos cooperadores de Deus [e, vós, o campo cultivado por Deus, o edifício edificado por Deus]*.
- Pela preparação. Tg 4: *aproximai-vos do Senhor, [e ele se aproximará de vós; lavai vossas mãos, pecadores, e purificai vossos corações, vós que tendes a alma dividida]*.
- Pela cooperação. Hb 12: *cuidando para que ninguém seja privado [da graça de Deus]*.

Os santos são comparados às águias [v. 31]:

- Por causa da altitude do voo. Jó 38: *é ao teu mandamento [que a águia se elevará e colocará seu ninho nos lugares mais altos]?* Aqui se reconhece a eminência da contemplação. Is 33: *seus olhos verão o rei [no esplendor de sua beleza].*
- Por causa da sutileza do olfato. Lc 17: *em qualquer lugar que estiver o corpo, [as águias se juntarão].* Aqui se reconhece o fervor do amor. Ct 1: *leva-me, atrás de ti* etc.
- Por causa da sublimidade de lugar. Prov 33: *três coisas me são difíceis de entender [... o traço da águia no céu].* Aqui se reconhece o esforço por viver as realidades celestes. Fil 3: *nosso convívio* etc.
- Por causa da velocidade de movimento. Lm 4: *[nossos perseguidores] foram mais rápidos [do que as águias do céu].* Aqui se reconhece a prontidão para agir bem. Prov 22: *viste um homem [pronto para fazer sua obra? Ele aparecerá não diante dos homens do povo, mas diante dos reis].*
- Por causa da renovação. Sal 102: *ele renova [tua juventude] como águia.* Aqui se reconhece o esforço por se corrigir e progredir. 2Cor 4: *[nós não nos desanimamos] ainda que o homem exterior [se destrua, pois o homem interior se renova dia a dia].*
- Por causa da beleza dos membros. Ez 17: *uma águia poderosa [que possuía grandes asas e um corpo bem longo, coberto de plumas com cores variadas].* Aqui se reconhece a beleza das virtudes. Ct 4: *tu és toda bela, [minha amiga, não há mancha em ti].*
- Por causa da solicitude para com os filhos. Dt 32: *como a águia incita [seus filhotes a voar e esvoaça sobre eles].* Aqui se reconhece a solicitude dos santos. 2Cor 11: *quem é fraco [sem que eu seja fraco, quem acaba caindo sem que eu sofra]?*